

forall χ

An Introduction to Formal Logic

P.D. Magnus

University at Albany, State University of New York

fecundity.com/logic, version 1.4 [251113]

This book is offered under a Creative Commons license.
(Attribution 4.0)

The author would like to thank the people who made this project possible. Notable among these are Cristyn Magnus, who read many early drafts; Aaron Schiller, who was an early adopter and provided considerable, helpful feedback; and Bin Kang, Craig Erb, Nathan Carter, Wes McMichael, Selva Samuel, Dave Krueger, Brandon Lee, Toan Tran, Marcus Adams, Matthew Brown, and the students of Introduction to Logic, who detected various errors in previous versions of the book.

© 2005–2025 by P.D. Magnus. Some rights reserved.

You are free to copy this book, to distribute it, to display it, and to make derivative works, under the following condition: Attribution. You must give the original author credit. — For any reuse or distribution, you must make clear to others the license terms of this work. Any of these conditions can be waived if you get permission from the copyright holder. Your fair use and other rights are in no way affected by the above. — This is a human-readable summary of the full license, which is available on-line at <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Typesetting was carried out entirely in L^AT_EX2_ε. The style for typesetting proofs is based on `fitch.sty` (v0.4) by Peter Selinger, University of Ottawa.

This copy of `forallx` is current as of 13 de novembro de 2025. The most recent version is available on-line at <http://www.fecundity.com/logic>

Sumário

1	O que é lógica?	5
1.1	Argumentos	6
1.2	Sentenças	6
1.3	Duas maneiras pelas quais argumentos podem falhar	7
1.4	Validade dedutiva	8
1.5	Outras noções lógicas	10
1.6	Linguagens formais	12
	Practice Exercises	15
2	Lógica sentencial	17
2.1	Letras de sentença	17
2.2	Conectivos	19
2.3	Outras simbolizações	28
2.4	Sentenças de SL	28
	Practice Exercises	32
3	Tabelas-verdade	36
3.1	Conectivos verifuncionais	36
3.2	Tabelas-verdade completas	37
3.3	Usando tabelas-verdade	40
3.4	Tabelas-verdade parciais	41
	Practice Exercises	43
4	Lógica quantificada	47
4.1	Das sentenças aos predicados	47
4.2	Blocos básicos de QL	49
4.3	Quantificadores	53
4.4	Traduzindo para QL	57
4.5	Sentenças de QL	67
4.6	Identidade	70
	Practice Exercises	74
5	Formal semantics	81
5.1	Semantics for SL	82
5.2	Interpretations and models in QL	86

5.3	Semantics for identity	90
5.4	Working with models	91
5.5	Truth in QL	96
	Practice Exercises	100
6	Proofs	104
6.1	Basic rules for SL	105
6.2	Derived rules	114
6.3	Rules of replacement	115
6.4	Rules for quantifiers	117
6.5	Rules for identity	123
6.6	Proof strategy	124
6.7	Proof-theoretic concepts	126
6.8	Proofs and models	127
6.9	Soundness and completeness	128
	Practice Exercises	130
A	Other symbolic notation	135
B	Solutions to selected exercises	138
C	Quick Reference	151

Chapter 1

O que é lógica?

A lógica é o estudo da avaliação de argumentos, separando os bons dos ruins. Na linguagem do dia a dia, às vezes usamos a palavra ‘argumento’ para nos referir a brigas barulhentas e cheias de hostilidade. Se você e uma amiga têm um argumento nesse sentido, as coisas não vão bem entre vocês duas.

Em lógica, não estamos interessados nesse tipo de argumento com gritos e arrancar de cabelos. Um argumento lógico é estruturado para dar a alguém uma razão para acreditar em uma certa conclusão. Eis um exemplo de argumento:

- (1) Está chovendo forte.
- (2) Se você não levar um guarda-chuva, vai ficar encharcado.
- ∴ Você deve levar um guarda-chuva.

Os três pontos na terceira linha do argumento significam ‘Portanto’ e indicam que a frase final é a *conclusão* do argumento. As outras frases são as *premissas* do argumento. Se você acredita nas premissas, então o argumento lhe fornece uma razão para acreditar na conclusão.

Este capítulo discute algumas noções lógicas básicas que se aplicam a argumentos em uma linguagem natural como o inglês. É importante começar com uma compreensão clara do que são argumentos e do que significa um argumento ser válido. Mais adiante, traduziremos argumentos do inglês para uma linguagem formal. Queremos que a validade formal, tal como será definida na linguagem formal, preserve pelo menos algumas das características importantes da validade em linguagem natural.

1.1 Argumentos

Quando as pessoas querem apresentar argumentos, elas frequentemente usam palavras como ‘portanto’ e ‘porque’. Ao analisar um argumento, a primeira coisa a fazer é separar as premissas da conclusão. Palavras como essas são uma pista do que o argumento pretende ser, especialmente se — na forma como o argumento é apresentado — a conclusão vier no início ou no meio do argumento.

indicadores de premissa: já que, porque, dado que

indicadores de conclusão: portanto, logo, assim, então

Para sermos perfeitamente gerais, podemos definir um ARGUMENTO como uma sequência de sentenças. As sentenças no início da sequência são as premissas. A última sentença da sequência é a conclusão. Se as premissas forem verdadeiras e o argumento for bom, então você tem uma razão para aceitar a conclusão.

Perceba que essa definição é bastante geral. Considere este exemplo:

Há café na cafeteira.
Há um dragão tocando fagote em cima do armário.
∴ Salvador Dalí jogava pôquer.

Pode parecer estranho chamar isso de argumento, mas isso acontece porque seria um argumento péssimo. As duas premissas não têm absolutamente nada a ver com a conclusão. Ainda assim, dada a nossa definição, isso continua contando como um argumento — embora um argumento ruim.

1.2 Sentenças

Em lógica, estamos interessados apenas em sentenças que possam aparecer como premissa ou conclusão de um argumento. Assim, diremos que uma SENTENÇA é algo que pode ser verdadeiro ou falso.

Você não deve confundir a ideia de uma sentença que pode ser verdadeira ou falsa com a diferença entre fato e opinião. Com frequência, as sentenças em lógica expressarão coisas que normalmente contaríamos como fatos — como ‘Kierkegaard era corcunda’ ou ‘Kierkegaard gostava de amêndoas’. Elas também podem expressar coisas que você talvez considere como questões de opinião como ‘Amêndoas são deliciosas.’

Além disso, há coisas que contariam como ‘sentenças’ em um curso de linguística ou gramática e que nós não consideraremos como sentenças em lógica.

Perguntas Em uma aula de gramática, ‘Você já está com sono?’ contaria como uma sentença interrogativa. Embora você possa estar com sono ou acordado, a própria pergunta não é nem verdadeira nem falsa. Por essa razão, perguntas não contarão como sentenças em lógica. Suponha que você responda à pergunta: ‘Eu não estou com sono.’ Isso é verdadeiro ou falso, e portanto é uma sentença no sentido lógico. Em geral, *perguntas* não contam como sentenças, mas *respostas* sim.

‘Sobre o que é este curso?’ não é uma sentença. ‘Ninguém sabe sobre o que é este curso’ é uma sentença.

Imperativos Ordens são muitas vezes formuladas como imperativos, como ‘Acorde!’, ‘Sente-se direito’ e assim por diante. Em uma aula de gramática, essas contariam como sentenças imperativas. Embora possa ser bom ou não você sentar-se direito, a ordem em si não é nem verdadeira nem falsa. Note, porém, que comandos nem sempre são formulados como imperativos. ‘Você vai respeitar minha autoridade’ é verdadeira ou falsa ou você vai, ou não vai e por isso conta como uma sentença no sentido lógico.

Exclamações ‘Ai!’ às vezes é chamado de sentença exclamativa, mas não é nem verdadeiro nem falso. Trataremos ‘Ai, machuquei meu dedo!’ como significando a mesma coisa que ‘Machuquei meu dedo.’ O ‘ai’ não acrescenta nada que possa ser verdadeiro ou falso.

1.3 Duas maneiras pelas quais argumentos podem falhar

Considere o argumento de que você deveria levar um guarda-chuva (na p. 5, acima). Se a premissa (1) for falsa se estiver ensolarado então o argumento não lhe dá razão alguma para carregar um guarda-chuva. Mesmo que esteja chovendo, você pode não precisar de um guarda-chuva. Você pode estar usando uma capa de chuva, ou pode andar apenas por passagens cobertas. Nesses casos, a premissa (2) seria falsa, já que você poderia sair sem guarda-chuva e ainda assim evitar ficar encharcado.

Suponha, por um momento, que ambas as premissas sejam verdadeiras. Você não tem capa de chuva. Você precisa ir a lugares onde não há passagens cobertas. O argumento mostra então que você deve levar um guarda-chuva? Não necessariamente. Talvez você goste de caminhar na chuva e queira ficar encharcado. Nesse caso, mesmo que as premissas sejam verdadeiras, a conclusão seria falsa.

Para qualquer argumento, há duas maneiras pelas quais ele pode ser fraco. Primeiro, uma ou mais premissas podem ser falsas. Um argumento só lhe dá

razão para acreditar na conclusão se você aceitar as premissas. Segundo, as premissas podem falhar em apoiar a conclusão. Mesmo que as premissas sejam verdadeiras, a forma do argumento pode ser fraca. O exemplo que acabamos de considerar é fraco nos dois sentidos.

Quando um argumento é fraco no segundo sentido, há algo errado com a *forma lógica* do argumento: premissas desse tipo não levam necessariamente a uma conclusão desse tipo. Estaremos interessados principalmente na forma lógica dos argumentos.

Considere outro exemplo:

Você está lendo este livro.
 Este é um livro de lógica.
 \therefore Você é estudante de lógica.

Este não é um argumento terrível. A maior parte das pessoas que lê este livro é estudante de lógica. Ainda assim, é possível que alguém que não seja estudante de lógica leia este livro. Se seu colega de quarto pegar o livro e folheá-lo, ele não se torna automaticamente um estudante de lógica. Assim, as premissas desse argumento, mesmo sendo verdadeiras, não garantem a verdade da conclusão. Sua forma lógica está longe de ser perfeita.

Um argumento que não tivesse fraqueza do segundo tipo teria uma forma lógica perfeita. Se as suas premissas fossem verdadeiras, então a sua conclusão seria *necessariamente* verdadeira. Chamamos um argumento assim de ‘dedutivamente válido’ ou simplesmente ‘válido’.

Embora possamos considerar o argumento acima como um bom argumento em certo sentido, ele não é válido; isto é, ele é ‘inválido’. Uma das tarefas importantes da lógica é separar argumentos válidos de argumentos inválidos.

1.4 Validade dedutiva

Um argumento é dedutivamente VÁLIDO se, e somente se, for impossível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa.

O ponto crucial sobre um argumento válido é que é impossível que as premissas sejam verdadeiras *ao mesmo tempo* em que a conclusão é falsa. Considere este exemplo:

Laranjas são ou frutas ou instrumentos musicais.
 Laranjas não são frutas.
 \therefore Laranjas são instrumentos musicais.

A conclusão desse argumento é ridícula. Ainda assim, ela decorre validamente das premissas. Este é um argumento válido. *Se* ambas as premissas fossem verdadeiras, *então* a conclusão seria necessariamente verdadeira.

Isso mostra que um argumento dedutivamente válido não precisa ter premissas verdadeiras nem conclusão verdadeira. Por outro lado, ter premissas verdadeiras e conclusão verdadeira não basta para tornar um argumento válido. Considere este exemplo:

Londres fica na Inglaterra.
Pequim fica na China.
∴ Paris fica na França.

As premissas e a conclusão desse argumento são, de fato, todas verdadeiras. No entanto, este é um argumento péssimo, porque as premissas não têm nada a ver com a conclusão. Imagine o que aconteceria se Paris declarasse independência do restante da França. Então a conclusão seria falsa, embora ambas as premissas continuassem verdadeiras. Assim, é *logicamente possível* que as premissas desse argumento sejam verdadeiras e a conclusão falsa. O argumento é inválido.

A coisa importante a lembrar é que a validade não diz respeito à verdade ou falsidade efetivas das sentenças no argumento. Em vez disso, ela diz respeito à forma do argumento: a verdade das premissas é incompatível com a falsidade da conclusão.

Argumentos indutivos

Podem existir bons argumentos que, ainda assim, não são dedutivamente válidos. Considere este:

Em janeiro de 1997, choveu em San Diego.
Em janeiro de 1998, choveu em San Diego.
Em janeiro de 1999, choveu em San Diego.
∴ Chove todo mês de janeiro em San Diego.

Este é um argumento INDUTIVO, porque ele generaliza a partir de muitos casos para uma conclusão sobre todos os casos.

Certamente, o argumento poderia ser fortalecido adicionando outras premissas: em janeiro de 2000, choveu em San Diego; em janeiro de 2001, choveu em San Diego; e assim por diante. Não importa quantas premissas acrescentemos, contudo, o argumento ainda não será dedutivamente válido. É possível, embora improvável, que não chova em San Diego no próximo mês de janeiro. Além disso, sabemos que o clima pode ser caprichoso. Nenhuma quantidade de evidência deveria nos convencer de que chove lá em *todo* janeiro. Quem pode garantir que

não haverá algum ano excepcional em que não chova em janeiro em San Diego? Um único contraexemplo já basta para tornar falsa a conclusão do argumento.

Argumentos indutivos, mesmo bons argumentos indutivos, não são dedutivamente válidos. Não estaremos interessados em argumentos indutivos neste livro.

1.5 Outras noções lógicas

Além da validade dedutiva, estaremos interessados em alguns outros conceitos lógicos.

Valores de verdade

Verdadeiro ou falso é o que se chama o VALOR DE VERDADE de uma sentença. Definimos sentenças como coisas que podem ser verdadeiras ou falsas; poderíamos ter dito, em vez disso, que sentenças são coisas que podem ter valores de verdade.

Verdade lógica

Ao considerar argumentos formalmente, nos preocupamos com o que seria verdadeiro *se* as premissas fossem verdadeiras. Em geral, não nos interessa o valor de verdade efetivo de sentenças particulares se elas são *de fato* verdadeiras ou falsas. Ainda assim, há sentenças que precisam ser verdadeiras, simplesmente por uma questão de lógica.

Considere estas sentenças:

1. Está chovendo.
2. Ou está chovendo, ou não está.
3. Está chovendo e não está chovendo ao mesmo tempo.

Para saber se a sentença 1 é verdadeira, você precisaria olhar pela janela ou consultar a previsão do tempo. Do ponto de vista lógico, ela pode ser verdadeira ou falsa. Sentenças como essa são chamadas de sentenças *contingentes*.

A sentença 2 é diferente. Você não precisa olhar para fora para saber que ela é verdadeira. Independentemente de como estiver o tempo, ou está chovendo ou não está. Essa sentença é *logicamente verdadeira*; ela é verdadeira apenas em virtude da lógica, não importando como o mundo de fato seja. Uma sentença logicamente verdadeira é chamada de TAUTOLOGIA.

Você também não precisa verificar o tempo para decidir a respeito da sentença 3. Ela precisa ser falsa, simplesmente por uma questão de lógica. Pode estar chovendo aqui e não chovendo em outra cidade; pode estar chovendo agora e parar de chover enquanto você lê isto; mas é impossível que esteja ao mesmo tempo chovendo e não chovendo aqui, neste exato momento. A terceira sentença é *logicamente falsa*; ela é falsa independentemente de como o mundo seja. Uma sentença logicamente falsa é chamada de CONTRADIÇÃO.

Para sermos precisos, podemos definir uma SENTENÇA CONTINGENTE como uma sentença que não é nem uma tautologia nem uma contradição.

Uma sentença pode ser *sempre* verdadeira e ainda assim ser contingente. Por exemplo, se nunca houve um momento em que o universo tivesse menos do que sete coisas, então a sentença ‘Existem pelo menos sete coisas’ será sempre verdadeira. Mesmo assim, a sentença é contingente; a sua verdade não é uma questão de lógica. Não há contradição em considerar um mundo possível em que existam menos que sete coisas. A questão importante é se a sentença *precisa* ser verdadeira, apenas em virtude da lógica.

Equivalência lógica

Também podemos perguntar sobre as relações lógicas *entre* duas sentenças. Por exemplo:

João foi ao mercado depois de lavar a louça.

João lavou a louça antes de ir ao mercado.

Essas duas sentenças são ambas contingentes, já que João poderia não ter ido ao mercado nem lavado a louça. Ainda assim, elas precisam ter o mesmo valor de verdade. Se uma delas for verdadeira, então a outra também é; se uma delas for falsa, então a outra também é. Quando duas sentenças necessariamente têm o mesmo valor de verdade, dizemos que elas são LOGICAMENTE EQUIVALENTES.

Consistência

Considere estas duas sentenças:

B1 Meu único irmão é mais alto do que eu.

B2 Meu único irmão é mais baixo do que eu.

A lógica, por si só, não pode nos dizer qual dessas sentenças é verdadeira, se é que alguma delas é. Ainda assim, podemos dizer que *se* a primeira sentença (B1) for verdadeira, *então* a segunda (B2) deve ser falsa. E se B2 for verdadeira,

então B1 deve ser falsa. Não pode acontecer de ambas as sentenças serem verdadeiras ao mesmo tempo.

Se um conjunto de sentenças não puder ser verdadeiro em sua totalidade, como B1B2, dizemos que ele é INCONSISTENTE. Caso contrário, dizemos que é CONSISTENTE.

Podemos perguntar sobre a consistência de qualquer quantidade de sentenças. Por exemplo, considere a seguinte lista:

- G1** Há pelo menos quatro girafas no parque de animais selvagens.
- G2** Há exatamente sete gorilas no parque de animais selvagens.
- G3** Não há mais do que dois marcianos no parque de animais selvagens.
- G4** Toda girafa no parque de animais selvagens é marciana.

G1 e G4, juntas, implicam que há pelo menos quatro girafas marcianas no parque. Isso entra em conflito com G3, que implica que não há mais do que duas girafas marcianas lá. Então o conjunto de sentenças G1G4 é inconsistente. Note que a inconsistência não tem nada a ver com G2. G2 apenas acaba fazendo parte de um conjunto inconsistente.

Às vezes, as pessoas dizem que um conjunto inconsistente de sentenças ‘contém uma contradição’. Com isso, querem dizer que seria logicamente impossível que todas as sentenças fossem verdadeiras ao mesmo tempo. Um conjunto pode ser inconsistente mesmo que cada sentença nele seja contingente ou tautológica. Quando uma única sentença é uma contradição, então essa sentença sozinha não pode ser verdadeira.

1.6 Linguagens formais

Aqui está um argumento famoso e válido:

- Sócrates é um homem.
- Todos os homens são mortais.
- \therefore Sócrates é mortal.

Este é um argumento irrefutável. A única maneira de contestar a conclusão é negando uma das premissas a forma lógica é impecável. E quanto ao argumento seguinte?

- Sócrates é um homem.
- Todos os homens são cenouras.
- \therefore Sócrates é uma cenoura.

Esse argumento talvez seja menos interessante que o primeiro, porque a segunda premissa é obviamente falsa. Não há nenhum sentido claro em que todos os homens sejam cenouras. Ainda assim, o argumento é válido. Para ver isso, note que ambos os argumentos têm a seguinte forma:

S é M .
 Todos os M s são C s.
 $\therefore S$ é C .

Nos dois argumentos, S representa Sócrates e M representa homem. No primeiro argumento, C representa mortal; no segundo, C representa cenoura. Ambos os argumentos têm essa forma, e todo argumento dessa forma é válido. Logo, ambos os argumentos são válidos.

O que fizemos aqui foi substituir palavras como ‘homem’ ou ‘cenoura’ por símbolos como ‘ M ’ ou ‘ C ’ para tornar explícita a forma lógica. Essa é a ideia central por trás da lógica formal. Queremos remover aspectos irrelevantes ou distrações do argumento para tornar a forma lógica mais transparente.

Partindo de um argumento em uma *linguagem natural* como o inglês, traduzimos o argumento para uma *linguagem formal*. Partes das sentenças em inglês são substituídas por letras e símbolos. O objetivo é revelar a estrutura formal do argumento, como fizemos com esses dois exemplos.

Existem linguagens formais que funcionam de modo semelhante à simbolização que demos para esses dois argumentos. Uma lógica desse tipo foi desenvolvida por Aristóteles, um filósofo que viveu na Grécia no século IV a.C. Aristóteles foi aluno de Platão e tutor de Alexandre, o Grande. A lógica aristotélica, com algumas revisões, foi a lógica dominante no mundo ocidental por mais de dois milênios.

Na lógica aristotélica, categorias são representadas por letras maiúsculas. Cada sentença de um argumento é então representada como tendo uma das quatro formas, que os lógicos medievais nomearam assim: (A) Todos os A s são B s. (E) Nenhum A é B . (I) Algum A é B . (O) Algum A não é B .

Isso permite descrever *silogismos* válidos, isto é, argumentos de três linhas como os dois que consideramos acima. Lógicos medievais deram nomes mnemônicos a todas as formas de argumento válidas. A forma dos nossos dois argumentos, por exemplo, era chamada de *Barbara*. As vogais no nome, todas A s, indicam que as duas premissas e a conclusão são sentenças da forma (A).

Existem muitas limitações na lógica aristotélica. Uma delas é que ela não distingue claramente entre tipos (espécies, classes) e indivíduos. Assim, a primeira premissa poderia ser escrita igualmente como ‘Todos os S s são M s’: todos os Sócrates são homens. Apesar de sua importância histórica, a lógica aristotélica foi superada. O restante deste livro desenvolverá duas linguagens formais.

A primeira é SL, que significa *lógica sentencial* (*sentential logic*). Em SL, as menores unidades são as próprias sentenças. Sentenças simples são representadas por letras e conectadas por conectivos lógicos como ‘e’ e ‘não’ para formar sentenças mais complexas.

A segunda é QL, que significa *lógica quantificada* (*quantified logic*). Em QL, as unidades básicas são objetos, propriedades de objetos e relações entre objetos.

Quando traduzimos um argumento para uma linguagem formal, esperamos tornar sua estrutura lógica mais clara. Queremos incluir o suficiente da estrutura do argumento em língua inglesa para podermos julgar se o argumento é válido ou inválido. Se incluíssemos todo o conteúdo da linguagem inglesa, com toda a sua sutileza e nuance, então não haveria vantagem em traduzir para uma linguagem formal. Seria melhor simplesmente pensar sobre o argumento diretamente em inglês.

Ao mesmo tempo, gostaríamos de ter uma linguagem formal que nos permita representar muitos tipos diferentes de argumentos em inglês. Essa é uma razão para preferir QL à lógica aristotélica; QL pode representar todos os argumentos válidos da lógica aristotélica e ainda mais.

Assim, ao decidir sobre uma linguagem formal, há inevitavelmente uma tensão entre querer captar o máximo possível de estrutura e querer uma linguagem formal simples. Linguagens formais mais simples deixam de fora mais detalhes. Isso significa que não existe uma linguagem formal perfeita. Algumas farão um trabalho melhor do que outras ao traduzir certos tipos de argumentos em linguagem natural.

Neste livro, assumimos que *verdadeiro* e *falso* são os únicos valores de verdade possíveis. Linguagens lógicas que fazem essa suposição são chamadas de *bivalentes*, o que significa *com dois valores*. A lógica aristotélica, SL e QL são todas bivalentes, mas há limites para o poder de lógicas bivalentes. Por exemplo, alguns filósofos afirmaram que o futuro ainda não está determinado. Se eles estiverem certos, então sentenças sobre *o que virá a ser o caso* ainda não são verdadeiras nem falsas. Algumas linguagens formais levam isso em conta permitindo sentenças que não são nem verdadeiras nem falsas, mas algo intermediário. Outras linguagens formais, as chamadas lógicas paraconsistentes, permitem sentenças que são ao mesmo tempo verdadeiras e falsas.

As linguagens apresentadas neste livro não são as únicas linguagens formais possíveis. No entanto, a maior parte das lógicas não padrão estende a estrutura formal básica das lógicas bivalentes discutidas aqui. Por isso, este é um bom lugar para começar.

Resumo das noções lógicas

- ▷ Um argumento é (dedutivamente) **VÁLIDO** se for impossível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa; é **INVÁLIDO** caso contrário.
- ▷ Uma **TAUTOLOGIA** é uma sentença que, por força da lógica, deve ser verdadeira.
- ▷ Uma **CONTRADIÇÃO** é uma sentença que, por força da lógica, deve ser falsa.
- ▷ Uma **SENTENÇA CONTINGENTE** não é nem uma tautologia nem uma contradição.
- ▷ Duas sentenças são **LOGICAMENTE EQUIVALENTES** se necessariamente tiverem o mesmo valor de verdade.
- ▷ Um conjunto de sentenças é **CONSISTENTE** se for logicamente possível que todos os membros do conjunto sejam verdadeiros ao mesmo tempo; é **INCONSISTENTE** caso contrário.

Practice Exercises

Ao final de cada capítulo, você encontrará uma série de exercícios que revisam e exploram o conteúdo tratado no capítulo. Não há substituto para realmente resolver problemas, porque lógica diz mais respeito a um modo de pensar do que a memorizar fatos. As respostas de alguns dos exercícios são fornecidas ao final do livro, no apêndice B; os exercícios que têm solução no apêndice são marcados com um \star .

Part A Quais das sentenças a seguir são ‘sentenças’ no sentido lógico?

1. A Inglaterra é menor do que a China.
2. A Groenlândia fica ao sul de Jerusalém.
3. Nova Jersey fica a leste de Wisconsin?
4. O número atômico do hélio é 2.
5. O número atômico do hélio é π .
6. Eu odeio macarrão passado do ponto.
7. Eca! Macarrão passado do ponto!
8. Macarrão passado do ponto é nojento.
9. Vá com calma.
10. Esta é a última questão.

Part B Para cada uma das sentenças a seguir: ela é uma tautologia, uma contradição ou uma sentença contingente?

1. César atravessou o Rubicão.
2. Alguém já atravessou o Rubicão.
3. Ninguém jamais atravessou o Rubicão.
4. Se César atravessou o Rubicão, então alguém o atravessou.
5. Embora César tenha atravessado o Rubicão, ninguém jamais atravessou o Rubicão.
6. Se alguém já atravessou o Rubicão, então foi César.

★ **Part C** Retome as sentenças G1G4 na p. 12 e considere cada um dos seguintes conjuntos de sentenças. Quais são consistentes? Quais são inconsistentes?

1. G2, G3 e G4
2. G1, G3 e G4
3. G1, G2 e G4
4. G1, G2 e G3

★ **Part D** Quais das situações a seguir são possíveis? Se for possível, dê um exemplo. Se não for possível, explique por quê.

1. Um argumento válido que tenha uma premissa falsa e uma premissa verdadeira
2. Um argumento válido que tenha uma conclusão falsa
3. Um argumento válido cuja conclusão seja uma contradição
4. Um argumento inválido cuja conclusão seja uma tautologia
5. Uma tautologia que seja contingente
6. Duas sentenças logicamente equivalentes, ambas tautologias
7. Duas sentenças logicamente equivalentes, uma das quais é uma tautologia e a outra é contingente
8. Duas sentenças logicamente equivalentes que, juntas, formem um conjunto inconsistente
9. Um conjunto consistente de sentenças que contenha uma contradição
10. Um conjunto inconsistente de sentenças que contenha uma tautologia

Chapter 2

Lógica sentencial

Este capítulo apresenta uma linguagem lógica chamada SL. Ela é uma versão de *lógica sentencial*, porque as unidades básicas da linguagem vão representar sentenças inteiras.

2.1 Letras de sentença

Em SL, letras maiúsculas são usadas para representar sentenças básicas. Considerada apenas como um símbolo de SL, a letra *A* pode significar qualquer sentença. Portanto, ao traduzir do inglês para SL, é importante fornecer uma *chave de simbolização*. A chave associa a cada letra de sentença usada uma sentença em linguagem natural (aqui, originalmente, em inglês).

Por exemplo, considere este argumento:

Há uma maçã sobre a mesa.
Se há uma maçã sobre a mesa, então Jenny chegou à aula.
∴ Jenny chegou à aula.

Este é obviamente um argumento válido em inglês. Ao simbolizá-lo, queremos preservar a estrutura do argumento que o torna válido. O que acontece se simplesmente substituirmos cada sentença por uma letra? Nossa chave de simbolização ficaria assim:

A: Há uma maçã sobre a mesa.
B: Se há uma maçã sobre a mesa, então Jenny chegou à aula.
C: Jenny chegou à aula.

Então simbolizaríamos o argumento da seguinte forma:

$$\begin{array}{l} A \\ B \\ \therefore C \end{array}$$

Não há conexão necessária entre alguma sentença A , que poderia ser qualquer sentença, e outras sentenças B e C , que também poderiam ser quaisquer sentenças. A estrutura do argumento foi completamente perdida nessa tradução.

O ponto importante sobre o argumento é que a segunda premissa não é apenas *uma* sentença qualquer, logicamente desconectada das outras. A segunda premissa contém a primeira premissa e a conclusão *como partes*. Nossa chave de simbolização para o argumento só precisa incluir significados para A e C , e podemos construir a segunda premissa a partir dessas peças. Assim, simbolizamos o argumento desta forma:

$$\begin{array}{l} A \\ \text{Se } A, \text{ então } C. \\ \therefore C \end{array}$$

Isso preserva a estrutura do argumento que o torna válido, mas ainda faz uso da expressão em inglês ‘If... then...’. Embora queiramos, ao final, substituir todas as expressões do inglês por notação lógica, este já é um bom começo.

As sentenças que podem ser simbolizadas por letras de sentença são chamadas de *sentenças atômicas*, porque elas são os blocos básicos a partir dos quais sentenças mais complexas podem ser construídas. Qualquer estrutura lógica interna de uma sentença é perdida quando ela é traduzida como sentença atômica. Do ponto de vista de SL, a sentença vira apenas uma letra. Ela pode ser usada para construir sentenças mais complexas, mas não pode ser desmontada.

Há apenas vinte e seis letras no alfabeto, mas não há limite lógico para o número de sentenças atômicas. Podemos usar a mesma letra para simbolizar sentenças atômicas diferentes acrescentando um subscrito, um pequeno número escrito após a letra. Assim, poderíamos ter uma chave de simbolização como esta:

$$\begin{array}{l} \mathbf{A}_1: \text{A maçã está embaixo do armário.} \\ \mathbf{A}_2: \text{Argumentos em SL sempre contêm sentenças atômicas.} \\ \mathbf{A}_3: \text{Adam Ant está pegando um avião de Anchorage para Albany.} \\ \vdots \\ \mathbf{A}_{294}: \text{Alitera\c{c}ões aborrecem astronautas af\c{a}veis.} \end{array}$$

Lembre-se de que cada uma dessas é uma letra de sentença diferente. Quando há subscritos na chave de simbolização, é importante acompanhá-los com cuidado.

2.2 Conectivos

Conectivos lógicos são usados para construir sentenças complexas a partir de componentes atômicos. Há cinco conectivos lógicos em SL. A tabela abaixo os resume; em seguida, cada um é explicado.

símbolo	como é chamado	o que significa
\neg	negação	‘Não é o caso que...’
$\&$	conjunção	‘Tanto... quanto ...’
\vee	disjunção	‘Ou... ou ...’
\rightarrow	condicional	‘Se ... então ...’
\leftrightarrow	bicondicional	‘... se e somente se ...’

Negação

Considere como poderíamos simbolizar estas sentenças:

1. Mary está em Barcelona.
2. Mary não está em Barcelona.
3. Mary está em algum lugar diferente de Barcelona.

Para simbolizar a sentença 1, precisamos de uma letra de sentença. Podemos fornecer a seguinte chave de simbolização:

B: Mary está em Barcelona.

Observe que aqui estamos dando a B uma interpretação diferente daquela usada na seção anterior. A chave de simbolização só especifica o que B significa *em um contexto específico*. É fundamental que continuemos a usar esse significado de B enquanto estivermos falando sobre Mary e Barcelona. Mais tarde, ao simbolizar sentenças diferentes, podemos escrever uma nova chave de simbolização e usar B para significar outra coisa.

Agora, a sentença 1 é simplesmente B .

Como a sentença 2 é obviamente relacionada à sentença 1, não queremos introduzir outra letra de sentença. Em parte em português, a sentença significa não B . Para simbolizá-la, precisamos de um símbolo para a negação lógica. Usaremos ‘ \neg ’. Assim, podemos traduzir não B por $\neg B$.

A sentença 3 fala sobre se Mary está ou não em Barcelona, embora não contenha a palavra não. Ainda assim, ela é claramente logicamente equivalente à sentença 2. Ambas significam: Não é o caso que Mary está em Barcelona. Portanto, podemos traduzir tanto a sentença 2 quanto a 3 como $\neg B$.

Uma sentença pode ser simbolizada como $\neg \mathcal{A}$ se puder ser parafraseada em português como ‘Não é o caso que \mathcal{A} .’

Considere agora estes exemplos:

4. A peça pode ser substituída se quebrar.
5. A peça é insubstituível.
6. A peça não é insubstituível.

Se deixarmos R significar ‘A peça é substituível’, então a sentença 4 pode ser traduzida como R .

E quanto à sentença 5? Dizer que a peça é insubstituível significa que não é o caso que a peça é substituível. Assim, embora a sentença 5 não seja negativa em português, nós a simbolizamos usando negação: $\neg R$.

A sentença 6 pode ser parafraseada como ‘Não é o caso que a peça é insubstituível.’ Usando negação duas vezes, traduzimos isso como $\neg \neg R$. As duas negações em sequência funcionam cada uma como negação, de modo que a sentença significa não é o caso que... não é o caso que... R . Pensando em português, ela é logicamente equivalente à sentença 4. Assim, quando definirmos equivalência lógica em SL, faremos com que R e $\neg \neg R$ sejam logicamente equivalentes.

Mais exemplos:

7. Elliott está feliz.
8. Elliott está infeliz.

Se deixarmos H significar ‘Elliott está feliz’, então podemos simbolizar a sentença 7 como H .

No entanto, seria um erro simbolizar a sentença 8 como $\neg H$. Se Elliott está infeliz, então ele não está feliz mas a sentença 8 não significa o mesmo que não é o caso que Elliott está feliz. Pode ser que ele não esteja feliz, mas também não esteja infeliz; talvez esteja em algum ponto intermediário. Para permitir a possibilidade de indiferença, precisamos de uma nova letra de sentença para simbolizar 8.

Para qualquer sentença \mathcal{A} : se \mathcal{A} é verdadeira, então $\neg \mathcal{A}$ é falsa. Se $\neg \mathcal{A}$ é verdadeira, então \mathcal{A} é falsa. Usando ‘T’ para verdadeiro e ‘F’ para falso, podemos resumir isso numa *tabela de verdade característica* para a negação:

\mathcal{A}	$\neg \mathcal{A}$
T	F
F	T

Falaremos mais detalhadamente de tabelas de verdade no próximo capítulo.

Conjunção

Considere estas sentenças:

9. Adam é atlético.
10. Barbara é atlética.
11. Adam é atlético, e Barbara também é atlética.

Precisaremos de letras de sentença distintas para 9 e 10, então definimos esta chave de simbolização:

- A:** Adam é atlético.
B: Barbara é atlética.

A sentença 9 pode ser simbolizada como A .

A sentença 10 pode ser simbolizada como B .

A sentença 11 pode ser parafraseada como ‘ A e B ’. Para simbolizá-la completamente, precisamos de outro símbolo. Usaremos ‘ $\&$ ’. Traduzimos então ‘ A e B ’ como $A \& B$. O conectivo lógico ‘ $\&$ ’ é chamado de CONJUNÇÃO, e A e B são chamados de CONJUNTOS (ou conjunções parciais).

Observe que não tentamos simbolizar a palavra ‘também’ em 11. Palavras como ‘tanto’, ‘ambos’ e ‘também’ servem apenas para chamar a atenção para o fato de que duas coisas estão sendo conjuntadas. Elas não têm função lógica adicional, então não precisamos representá-las em SL.

Mais alguns exemplos:

12. Barbara é atlética e energética.
13. Barbara e Adam são ambos atléticos.
14. Embora Barbara seja energética, ela não é atlética.
15. Barbara é atlética, mas Adam é mais atlético do que ela.

A sentença 12 é claramente uma conjunção. A sentença diz duas coisas sobre Barbara; em português é permitido mencionar Barbara apenas uma vez. Poderia ser tentador traduzir assim: já que B significa ‘Barbara é atlética’, alguém poderia parafrasear como ‘ B e energética’. Isso seria um erro. Uma vez que traduzimos parte da sentença como B , qualquer estrutura interna é perdida. B é uma sentença atômica; não é mais do que verdadeira ou falsa. Por outro lado, ‘energética’ não é uma sentença; sozinha não é nem verdadeira nem falsa. Devemos, ao contrário, parafrasear a sentença como ‘ B e Barbara é energética.’ Agora precisamos acrescentar uma letra de sentença à chave de simbolização. Seja E ‘Barbara é energética’. Agora a sentença pode ser traduzida como $B \& E$.

Uma sentença pode ser simbolizada como $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ se puder ser parafraseada em português como ‘Tanto \mathcal{A} quanto \mathcal{B} ’. Cada um dos conjuntos deve ser uma sentença.

A sentença 13 afirma uma coisa sobre dois sujeitos distintos. Ela diz, tanto de Barbara quanto de Adam, que são atléticos, e em português usamos a palavra ‘atléticos’ apenas uma vez. Ao traduzir para SL, é importante perceber que a sentença pode ser parafraseada como ‘Barbara é atlética, e Adam é atlético.’ Isso se traduz como $B \& A$.

A sentença 14 é um pouco mais complicada. A palavra ‘embora’ estabelece um contraste entre a primeira parte da sentença e a segunda. Ainda assim, a sentença diz tanto que Barbara é energética quanto que ela não é atlética. Para fazer com que cada um dos conjuntos seja uma sentença atômica, precisamos substituir ‘ela’ por ‘Barbara’.

Podemos então parafrasear 14 como ‘*Tanto* Barbara é energética *como* Barbara não é atlética.’ A segunda conjunção contém uma negação, então podemos parafrasear ainda mais: ‘*Tanto* Barbara é energética *como não é o caso que* Barbara é atlética.’ Isso se traduz como $E \& \neg B$.

A sentença 15 tem uma estrutura contrastiva semelhante. Isso é irrelevante para a tradução em SL, então podemos parafraseá-la como ‘*Tanto* Barbara é atlética, *como* Adam é mais atlético do que Barbara.’ (Observe que novamente substituímos o pronome ‘ela’ pelo nome.) Como traduzir o segundo conjunto? Já temos a letra A que fala de Adam ser atlético e B que fala de Barbara ser atlética, mas nenhuma delas fala de um ser mais atlético do que o outro. Precisamos de uma nova letra de sentença. Seja R ‘Adam é mais atlético do que Barbara.’ Agora a sentença se traduz como $B \& R$.

Sentenças que podem ser parafraseadas como ‘ \mathcal{A} , mas \mathcal{B} ’ ou ‘Embora \mathcal{A} , \mathcal{B} ’ são melhor simbolizadas usando conjunção: $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$

É importante lembrar que as letras de sentença A , B e R são sentenças atômicas. Consideradas como símbolos de SL, elas não têm significado além de serem verdadeiras ou falsas. Nós as usamos para simbolizar sentenças em português que, todas, falam de pessoas atléticas; mas essa semelhança é completamente perdida quando traduzimos para SL. Nenhuma linguagem formal consegue capturar toda a estrutura da linguagem natural, mas, enquanto essa estrutura extra não for importante para o argumento, nada é perdido ao deixá-la de lado.

Para quaisquer sentenças \mathcal{A} e \mathcal{B} , $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ é verdadeira se, e somente se, tanto \mathcal{A} quanto \mathcal{B} forem verdadeiras. Podemos resumir isso na tabela de verdade característica para a conjunção:

\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$
T	T	T
T	F	F
F	T	F
F	F	F

A conjunção é *simétrica*, porque podemos trocar os conjuntos sem mudar o valor de verdade da sentença. Quaisquer que sejam \mathcal{A} e \mathcal{B} , $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ é logicamente equivalente a $\mathcal{B} \& \mathcal{A}$.

Disjunção

Considere estas sentenças:

16. Ou Denison vai jogar golfe comigo, ou ele vai assistir a filmes.
17. Ou Denison ou Ellery vai jogar golfe comigo.

Para essas sentenças podemos usar a seguinte chave de simbolização:

- D:** Denison vai jogar golfe comigo.
E: Ellery vai jogar golfe comigo.
M: Denison vai assistir a filmes.

A sentença 16 é ‘Ou D ou M .’ Para simbolizá-la completamente, introduzimos um novo símbolo. A sentença torna-se $D \vee M$. O conectivo ‘ \vee ’ é chamado de DISJUNÇÃO, e D e M são chamados de DISJUNTOS.

A sentença 17 é apenas um pouco mais complicada. Há dois sujeitos, mas a sentença em português só apresenta o verbo uma vez. Ao traduzir, podemos parafraseá-la como ‘Ou Denison vai jogar golfe comigo, ou Ellery vai jogar golfe comigo.’ Agora, ela claramente se traduz como $D \vee E$.

Uma sentença pode ser simbolizada como $\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$ se puder ser parafraseada em português como ‘Ou \mathcal{A} , ou \mathcal{B} .’ Cada disjunto deve ser uma sentença.

Às vezes, em português, a palavra ‘ou’ exclui a possibilidade de os dois disjuntos serem verdadeiros. Isso é chamado de OU EXCLUSIVO. Um *ou exclusivo* é claramente pretendido quando, em um cardápio, se diz: ‘Os pratos principais vêm com sopa ou salada.’ Você pode escolher sopa; pode escolher salada; mas, se quiser *tanto* sopa *quanto* salada, precisará pagar a mais.

Em outras situações, a palavra ‘ou’ permite a possibilidade de ambos os disjuntos serem verdadeiros. Provavelmente é o caso em 17, acima. Eu posso jogar

com Denison, com Ellery, ou com ambos. A sentença 17 apenas diz que vou jogar com *pelo menos* um deles. Isso é chamado de OU INCLUSIVO.

O símbolo ‘ \vee ’ representa um *ou inclusivo*. Assim, $D \vee E$ é verdadeiro se D é verdadeiro, se E é verdadeiro, ou se tanto D quanto E são verdadeiros. Ele é falso apenas se tanto D quanto E forem falsos. Podemos resumir isso na tabela de verdade característica da disjunção:

\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$
T	T	T
T	F	T
F	T	T
F	F	F

Assim como a conjunção, a disjunção é simétrica. $\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$ é logicamente equivalente a $\mathcal{B} \vee \mathcal{A}$.

Estas sentenças são um pouco mais complicadas:

18. Ou você não vai tomar sopa, ou você não vai tomar salada.
19. Você não vai tomar nem sopa nem salada.
20. Você ganha sopa ou salada, mas não as duas.

Seja S_1 ‘você toma sopa’ e S_2 ‘você toma salada’.

A sentença 18 pode ser parafraseada assim: ‘Ou *não é o caso que* você toma sopa, ou *não é o caso que* você toma salada.’ Traduzir isso exige disjunção e negação. Fica $\neg S_1 \vee \neg S_2$.

A sentença 19 também exige negação. Ela pode ser parafraseada como ‘*Não é o caso que* (você toma sopa ou você toma salada).’ Precisamos de alguma forma indicar que a negação não está apenas negando o disjuncto da direita ou da esquerda, mas sim a disjunção inteira. Para isso, colocamos parênteses em torno da disjunção: ‘Não é o caso que $(S_1 \vee S_2)$.’ Isso se torna simplesmente $\neg(S_1 \vee S_2)$.

Observe que os parênteses fazem um trabalho importante aqui. A sentença $\neg S_1 \vee S_2$ significaria ‘Ou você não toma sopa, ou você toma salada.’

A sentença 20 é um *ou exclusivo*. Podemos decompor a sentença em duas partes. A primeira parte diz que você ganha uma coisa ou outra. Traduzimos isso como $(S_1 \vee S_2)$. A segunda parte diz que você não ganha ambas. Podemos parafraseá-la como ‘Não é o caso que você toma sopa e salada.’ Usando negação e conjunção, traduzimos isso como $\neg(S_1 \& S_2)$. Agora só falta juntar as duas partes. Como vimos antes, ‘mas’ geralmente pode ser traduzido como conjunção. Assim, 20 pode ser traduzida como $(S_1 \vee S_2) \& \neg(S_1 \& S_2)$.

Embora ‘ \vee ’ seja um *ou inclusivo*, podemos simbolizar um *ou exclusivo* em SL. Só precisamos de mais de um conectivo para fazê-lo.

Condicional

Para as sentenças a seguir, deixe R significar ‘Você vai cortar o fio vermelho’ e B significar ‘A bomba vai explodir.’

21. Se você cortar o fio vermelho, então a bomba vai explodir.
22. A bomba vai explodir somente se você cortar o fio vermelho.

A sentença 21 pode ser parcialmente traduzida como ‘Se R , então B .’ Usaremos o símbolo ‘ \rightarrow ’ para representar o condicional lógico. A sentença se torna $R \rightarrow B$. O conectivo é chamado de CONDICIONAL. A sentença à esquerda do condicional (R neste exemplo) é chamada de ANTECEDENTE. A sentença à direita (B) é chamada de CONSEQUENTE.

A sentença 22 também é um condicional. Como a palavra ‘se’ aparece na segunda metade da sentença, pode ser tentador simbolizá-la da mesma forma que a sentença 21. Isso seria um erro.

O condicional $R \rightarrow B$ diz que, *se* R for verdadeiro, *então* B também será verdadeiro. Ele não diz que cortar o fio vermelho é a *única* maneira pela qual a bomba poderia explodir; outra pessoa pode cortar o fio, ou a bomba pode estar em um temporizador. A sentença $R \rightarrow B$ não diz nada sobre o que esperar se R for falso. A sentença 22 é diferente. Ela diz que as únicas condições sob as quais a bomba explodirá envolvem você ter cortado o fio vermelho; isto é, se a bomba explodir, então você deve ter cortado o fio. Assim, 22 deve ser simbolizada como $B \rightarrow R$.

É importante lembrar que o conectivo ‘ \rightarrow ’ diz apenas que, se o antecedente é verdadeiro, então o consequente é verdadeiro. Ele não diz nada sobre a conexão *causal* entre os dois eventos. Traduzir 22 como $B \rightarrow R$ não significa que a explosão da bomba causaria o fato de você cortar o fio. Tanto 21 quanto 22 sugerem que, se você cortar o fio vermelho, esse corte seria a causa da explosão. Elas diferem na conexão *lógica*. Se 22 fosse verdadeira, então uma explosão nos diria a nós que estamos longe da bomba que você cortou o fio vermelho. Sem explosão, 22 não nos diz nada.

A sentença parafraseada como ‘ \mathcal{A} somente se \mathcal{B} ’ é logicamente equivalente a ‘Se \mathcal{A} , então \mathcal{B} .’

‘Se \mathcal{A} então \mathcal{B} ’ significa que, se \mathcal{A} é verdadeira, então \mathcal{B} também é. Sabemos, portanto, que se o antecedente \mathcal{A} for verdadeiro e o consequente \mathcal{B} for falso, o

condicional ‘Se \mathcal{A} então \mathcal{B} ’ é falso. Qual é o valor de verdade de ‘Se \mathcal{A} então \mathcal{B} ’ nas outras situações? Suponha, por exemplo, que o antecedente \mathcal{A} seja falso. A sentença ‘Se \mathcal{A} então \mathcal{B} ’ não nos dirá nada sobre o valor de verdade efetivo do conseqüente \mathcal{B} , e não é óbvio qual deveria ser o valor de verdade do condicional.

Em português (e em inglês), a verdade de condicionais muitas vezes depende do que *aconteceria* se o antecedente *fosse verdadeiro* mesmo que, de fato, o antecedente seja falso. Isso cria um problema para traduzir condicionais para SL. Consideradas como sentenças de SL, R e B nos exemplos acima não têm, por si mesmas, nenhuma relação interna. Para considerar como o mundo seria se R fosse verdadeira, precisaríamos analisar o conteúdo de R . Mas, como R é um símbolo atômico de SL, não há estrutura interna a ser analisada. Ao substituir uma sentença por uma letra de sentença, passamos a considerá-la apenas como uma sentença atômica que pode ser verdadeira ou falsa.

Para traduzir condicionais em SL, não tentaremos capturar todas as sutilezas da expressão natural ‘Se... então...’. Em vez disso, o símbolo ‘ \rightarrow ’ será um *condicional material*. Isso significa que, quando \mathcal{A} é falsa, o condicional $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ é automaticamente verdadeiro, independentemente do valor de verdade de \mathcal{B} . Se tanto \mathcal{A} quanto \mathcal{B} forem verdadeiras, então o condicional $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ também é verdadeiro.

Em resumo, $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ é falso se, e somente se, \mathcal{A} é verdadeira e \mathcal{B} é falsa. Podemos resumir isso com a tabela de verdade característica do condicional.

\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$
T	T	T
T	F	F
F	T	T
F	F	T

O condicional é *assimétrico*. Não podemos trocar antecedente e conseqüente sem mudar o significado da sentença, porque $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ e $\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{A}$ não são logicamente equivalentes.

Nem todas as sentenças da forma ‘Se... então...’ são condicionais reais. Considere esta sentença:

23. Se alguém quiser me ver, eu estarei na varanda.

Se eu digo isso, quero dizer que vou estar na varanda, independentemente de alguém querer me ver ou não mas, se alguém quiser me ver, deve me procurar lá. Se deixarmos P significar ‘Eu estarei na varanda’, então 23 pode ser traduzida simplesmente como P .

Bicondicional

Considere estas sentenças:

- 24. A figura no quadro é um triângulo somente se tiver exatamente três lados.
- 25. A figura no quadro é um triângulo, se tiver exatamente três lados.
- 26. A figura no quadro é um triângulo se e somente se tiver exatamente três lados.

Seja T ‘A figura é um triângulo’ e S ‘A figura tem três lados.’

A sentença 24, pelos motivos discutidos acima, pode ser traduzida como $T \rightarrow S$.

A sentença 25 é importante e diferentemente construída. Ela pode ser parafraseada como ‘Se a figura tem três lados, então é um triângulo.’ Assim, pode ser traduzida como $S \rightarrow T$.

A sentença 26 diz que T é verdadeira *se e somente se* S é verdadeira; podemos inferir S a partir de T , e podemos inferir T a partir de S . Isso é chamado de BICONDICIONAL, porque implica os dois condicionais $S \rightarrow T$ e $T \rightarrow S$. Usaremos ‘ \leftrightarrow ’ para representar o bicondicional; assim, 26 pode ser traduzida como $S \leftrightarrow T$.

Poderíamos viver sem um novo símbolo para o bicondicional. Como 26 significa ‘ $T \rightarrow S$ e $S \rightarrow T$ ’, poderíamos traduzi-la como $(T \rightarrow S) \& (S \rightarrow T)$. Precisaríamos de parênteses para indicar que $(T \rightarrow S)$ e $(S \rightarrow T)$ são conjunções separadas; a expressão $T \rightarrow S \& S \rightarrow T$ seria ambígua.

Como sempre poderíamos escrever $(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) \& (\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{A})$ no lugar de $\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$, não *precisaríamos*, em sentido estrito, introduzir um novo símbolo para o bicondicional. Ainda assim, linguagens lógicas geralmente têm esse símbolo. SL terá um, o que torna mais simples traduzir expressões como ‘se e somente se’.

$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$ é verdadeira se, e somente se, \mathcal{A} e \mathcal{B} tiverem o mesmo valor de verdade. Esta é a tabela de verdade característica do bicondicional:

\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$
T	T	T
T	F	F
F	T	F
F	F	T

2.3 Outras simbolizações

Agora já introduzimos todos os conectivos de SL. Podemos usá-los em conjunto para traduzir muitos tipos de sentenças. Considere estes exemplos de sentenças com o conectivo em português ‘a menos que’:

27. A menos que você vista um casaco, vai pegar um resfriado.
 28. Você vai pegar um resfriado, a menos que vista um casaco.

Seja J ‘Você vai vestir um casaco’ e D ‘Você vai pegar um resfriado.’

Podemos parafrasear 27 como ‘A menos que J , D .’ Isso significa que, se você não vestir um casaco, vai pegar um resfriado; com isso em mente, podemos traduzi-la como $\neg J \rightarrow D$. Também significa que, se você não pegar um resfriado, então deve ter vestido um casaco; com isso em mente, podemos traduzi-la como $\neg D \rightarrow J$.

Qual dessas é a tradução correta da sentença 27? As duas traduções são corretas, porque são logicamente equivalentes em SL.

A sentença 28, em português, é logicamente equivalente à 27. Ela também pode ser traduzida tanto como $\neg J \rightarrow D$ quanto como $\neg D \rightarrow J$.

Ao simbolizar sentenças como 27 e 28, é fácil se confundir. Como o condicional não é simétrico, seria errado traduzir qualquer uma delas como $J \rightarrow \neg D$. Felizmente, há outras expressões logicamente equivalentes. Ambas as sentenças significam que você vai vestir um casaco ou se não vestir um casaco então vai pegar um resfriado. Assim, podemos traduzi-las como $J \vee D$. (Você poderia achar que o ‘ou’ aqui deveria ser exclusivo. No entanto, as sentenças não excluem a possibilidade de que você *vista* um casaco *e ainda assim* pegue um resfriado; casacos não protegem contra todas as formas possíveis de pegar um resfriado.)

Se uma sentença puder ser parafraseada como ‘A menos que \mathcal{A} , \mathcal{B} ’, então ela pode ser simbolizada como $\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$.

A simbolização de tipos padrão de sentença é resumida na p. 151.

2.4 Sentenças de SL

A sentença ‘Maçãs são vermelhas, ou frutas vermelhas são azuis’ é uma sentença em português, e a expressão ‘ $(A \vee B)$ ’ é uma sentença de SL. Embora consigamos reconhecer sentenças do português quando as vemos, não temos uma definição

formal de ‘sentença do português’. Em SL, é possível definir formalmente o que conta como sentença. Esse é um dos aspectos em que uma linguagem formal como SL é mais precisa que uma linguagem natural como o português (ou o inglês).

É importante distinguir entre a linguagem lógica SL, que estamos desenvolvendo, e a linguagem que usamos para falar sobre SL. Quando falamos sobre uma linguagem, a linguagem *de que estamos falando* é chamada de LINGUAGEM-OBJETO. A linguagem que usamos para falar sobre a linguagem-objeto é chamada de METALINGUAGEM.

A linguagem-objeto neste capítulo é SL. A metalinguagem é o inglês matemático aqui vertido para o português, mas ainda suplementado com vocabulário lógico e matemático. A expressão ‘ $(A \vee B)$ ’ é uma sentença na linguagem-objeto, porque usa apenas símbolos de SL. Já a palavra ‘sentença’ não faz parte de SL; assim, a frase ‘Esta expressão é uma sentença de SL’ não é uma sentença de SL. É uma sentença na metalinguagem, usada para falar *sobre* SL.

Nesta seção, daremos uma definição formal de ‘sentença de SL’. A definição será dada em inglês matemático (metalinguagem), aqui traduzido para o português.

Expressões

Há três tipos de símbolos em SL:

letras de sentença com subscritos, se necessário	A, B, C, \dots, Z $A_1, B_1, Z_1, A_2, A_{25}, J_{375}, \dots$
conectivos	$\neg, \&, \vee, \rightarrow, \leftrightarrow$
parênteses	$(,)$

Definimos uma EXPRESSÃO DE SL como qualquer sequência (string) de símbolos de SL. Pegue quaisquer símbolos de SL e escreva-os em alguma ordem: você terá uma expressão.

Fórmulas bem formadas

Como qualquer sequência de símbolos é uma expressão, muitas expressões de SL serão simplesmente sem sentido. Uma expressão significativa é chamada de *fórmula bem formada*. É comum usar a sigla em inglês *wff* (well-formed formula); o plural é *wffs*.

Obviamente, letras de sentença individuais como A e G_{13} serão *wffs*. Podemos formar novas *wffs* a partir delas usando os conectivos. Usando negação, obtemos $\neg A$ e $\neg G_{13}$. Usando conjunção, obtemos $A \& G_{13}$, $G_{13} \& A$,

$A \& A$ e $G_{13} \& G_{13}$. Também poderíamos aplicar negação repetidamente e obter wffs como $\neg\neg A$, ou aplicar negação junto com conjunção e obter wffs como $\neg(A \& G_{13})$ e $\neg(G_{13} \& \neg G_{13})$. As combinações possíveis são infinitas, mesmo começando apenas com essas duas letras de sentença, e há infinitas letras de sentença. Portanto, não faz sentido tentar listar todas as wffs.

Em vez disso, descreveremos o processo pelo qual as wffs podem ser construídas. Considere a negação: dada qualquer wff \mathcal{A} de SL, $\neg\mathcal{A}$ é uma wff de SL. É importante notar que \mathcal{A} aqui não é a letra de sentença A . Ela é uma variável que representa qualquer wff. Observe que essa variável \mathcal{A} não é um símbolo de SL, de modo que $\neg\mathcal{A}$ não é uma expressão de SL. Em vez disso, é uma expressão da metalinguagem que nos permite falar sobre infinitas expressões de SL: todas as expressões que começam com o símbolo de negação. Como \mathcal{A} faz parte da metalinguagem, é chamada de *metavariável*.

Podemos dizer algo semelhante para cada um dos outros conectivos. Por exemplo, se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs de SL, então $(\mathcal{A} \& \mathcal{B})$ é uma wff de SL. Fornecendo cláusulas desse tipo para todos os conectivos, chegamos à seguinte definição formal de fórmula bem formada de SL:

1. Toda sentença atômica é uma wff.
2. Se \mathcal{A} é uma wff, então $\neg\mathcal{A}$ é uma wff de SL.
3. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \& \mathcal{B})$ é uma wff.
4. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$ é uma wff.
5. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B})$ é uma wff.
6. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B})$ é uma wff.
7. Todas e somente as wffs de SL podem ser geradas por aplicações dessas regras.

Note que não podemos aplicar imediatamente essa definição para verificar se uma expressão qualquer é ou não uma wff. Suponha que queiramos saber se $\neg\neg\neg D$ é uma wff de SL. Olhando a segunda cláusula da definição, sabemos que $\neg\neg\neg D$ é uma wff *se* $\neg\neg D$ for uma wff. Então precisamos perguntar se $\neg\neg D$ é uma wff. De novo, pela segunda cláusula, $\neg\neg D$ é uma wff *se* $\neg D$ for. E, por sua vez, $\neg D$ é uma wff *se* D for uma wff. Agora, D é uma letra de sentença, uma sentença atômica de SL, então sabemos pela primeira cláusula que D é uma wff. Assim, para uma fórmula composta como $\neg\neg\neg D$, precisamos aplicar a definição repetidamente. Eventualmente, chegamos às sentenças atômicas a partir das quais a wff é construída.

Definições desse tipo são chamadas de *recursivas*. Definições recursivas começam com alguns elementos-base especificáveis e definem maneiras de compor indefinidamente esses elementos-base. Assim como a definição recursiva permite construir sentenças complexas a partir de partes simples, podemos usá-la

para decompor sentenças em partes mais simples. Para determinar se algo se encaixa na definição, podemos precisar recorrer a ela muitas vezes.

O conectivo que você observa primeiro ao decompor uma sentença é chamado de PRINCIPAL OPERADOR LÓGICO (ou operador lógico principal) daquela sentença. Por exemplo: o operador lógico principal de $\neg(E \vee (F \rightarrow G))$ é a negação, \neg . O operador lógico principal de $(\neg E \vee (F \rightarrow G))$ é a disjunção, \vee .

Sentenças

Lembre-se de que uma sentença é uma expressão significativa que pode ser verdadeira ou falsa. Como as expressões significativas de SL são as wffs e como toda wff de SL é verdadeira ou falsa, a definição de sentença de SL coincide com a definição de wff. Nem toda linguagem formal terá essa propriedade agradável. Na linguagem QL, desenvolvida mais adiante no livro, há wffs que não são sentenças.

A estrutura recursiva das sentenças em SL será importante quando considerarmos as circunstâncias em que uma sentença é verdadeira ou falsa. A sentença $\neg\neg\neg D$ é verdadeira se, e somente se, a sentença $\neg\neg D$ for falsa; e assim por diante, ao longo da estrutura, até chegarmos ao componente atômico: $\neg\neg\neg D$ é verdadeira se, e somente se, a sentença atômica D for falsa. Voltaremos a esse ponto no próximo capítulo.

Convenções notacionais

Uma wff como $(Q \& R)$ precisa estar cercada por parênteses, porque poderíamos aplicar de novo a definição e usar isso como parte de uma sentença ainda mais complicada. Se negarmos $(Q \& R)$, obtemos $\neg(Q \& R)$. Se nós tivéssemos apenas $Q \& R$ sem parênteses e colocássemos uma negação na frente, teríamos $\neg Q \& R$. É mais natural ler isso como significando o mesmo que $(\neg Q \& R)$, algo muito diferente de $\neg(Q \& R)$. A sentença $\neg(Q \& R)$ diz que não é o caso que tanto Q quanto R sejam verdadeiros; Q pode ser falso, ou R pode ser falso, mas a sentença não nos diz qual. Já $(\neg Q \& R)$ diz especificamente que Q é falso e R é verdadeiro. Assim, os parênteses são cruciais para o significado.

Portanto, estritamente falando, $Q \& R$ sem parênteses *não* é uma sentença de SL. No uso prático de SL, porém, muitas vezes poderemos relaxar a definição precisa para facilitar nossa vida. Faremos isso de várias maneiras.

Primeiro, entendemos que $Q \& R$ significa o mesmo que $(Q \& R)$. Por convenção, podemos omitir parênteses que ocorram *em torno de toda a sentença*.

Segundo, sentenças longas com muitos pares de parênteses encaixados podem ser difíceis de ler. Adotamos a convenção de usar colchetes '[' e ']' no lugar dos parênteses. Não há diferença lógica entre $(P \vee Q)$ e $[P \vee Q]$, por exemplo. A

sentença pesada

$$(((H \rightarrow I) \vee (I \rightarrow H)) \& (J \vee K))$$

poderia ser escrita assim:

$$[(H \rightarrow I) \vee (I \rightarrow H)] \& (J \vee K)$$

Terceiro, às vezes queremos traduzir a conjunção de três ou mais sentenças. Para a sentença ‘Alice, Bob e Candice foram todos à festa’, suponha que A signifique ‘Alice foi’, B ‘Bob foi’ e C ‘Candice foi’. A definição só nos permite formar conjunção de duas sentenças de cada vez, então podemos traduzir como $(A \& B) \& C$ ou como $A \& (B \& C)$. Não há motivo para distinguir essas opções, já que são logicamente equivalentes. Não há diferença lógica entre a primeira, em que $(A \& B)$ é conjuntada com C , e a segunda, em que A é conjuntada com $(B \& C)$. Portanto, podemos simplesmente escrever $A \& B \& C$. Por convenção, podemos omitir parênteses quando conjuntamos três ou mais sentenças.

Quarto, uma situação semelhante ocorre com múltiplas disjunções. ‘Ou Alice, Bob ou Candice foi à festa’ pode ser traduzida como $(A \vee B) \vee C$ ou como $A \vee (B \vee C)$. Como as duas traduções são logicamente equivalentes, podemos escrever $A \vee B \vee C$.

Essas duas últimas convenções só valem para múltiplas conjunções ou múltiplas disjunções. Se uma série de conectivos inclui tanto disjunções quanto conjunções, então os parênteses são essenciais; como em $(A \& B) \vee C$ e $A \& (B \vee C)$. Os parênteses também são necessários se há uma série de condicionais ou bicondicionais; como em $(A \rightarrow B) \rightarrow C$ e $A \leftrightarrow (B \leftrightarrow C)$.

Adotamos essas quatro regras como *convenções notacionais*, e não como mudanças na definição de sentença. Estritamente falando, $A \vee B \vee C$ ainda não é uma sentença. Em vez disso, é um tipo de abreviação. Escrevemo-la por conveniência, mas queremos dizer, na verdade, a sentença $(A \vee (B \vee C))$.

Se tivéssemos dado uma definição diferente de wff, poderíamos fazer com que tais abreviações fossem wffs. Poderíamos ter escrito a regra 3 assim: Se \mathcal{A} , \mathcal{B} , ... \mathcal{Z} são wffs, então $(\mathcal{A} \& \mathcal{B} \& \dots \& \mathcal{Z})$ é uma wff. Isso tornaria mais fácil traduzir algumas sentenças em português, mas teria o custo de tornar nossa linguagem formal mais complicada. Teríamos de carregar essa definição complexa quando desenvolvêssemos tabelas de verdade e o sistema de provas. Queremos uma linguagem lógica que seja *simples do ponto de vista formal* e ainda assim permita traduzir bem a partir do português (ou do inglês). Adotar convenções notacionais é um meio-termo entre essas duas exigências.

Practice Exercises

★ **Part A** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em português para SL.

M: Aqueles seres são homens fantasiados.

C: Aqueles seres são chimpanzés.

G: Aqueles seres são gorilas.

1. Aqueles seres não são homens fantasiados.
2. Aqueles seres são homens fantasiados, ou não são.
3. Aqueles seres são gorilas ou são chimpanzés.
4. Aqueles seres não são nem gorilas nem chimpanzés.
5. Se aqueles seres são chimpanzés, então eles não são nem gorilas nem homens fantasiados.
6. A menos que aqueles seres sejam homens fantasiados, eles são ou chimpanzés ou gorilas.

Part B Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em português para SL.

A: Mister Ace foi assassinado.

B: O mordomo fez isso.

C: A cozinheira fez isso.

D: A Duquesa está mentindo.

E: Mister Edge foi assassinado.

F: A arma do crime foi uma frigideira.

1. Ou Mister Ace ou Mister Edge foi assassinado.
2. Se Mister Ace foi assassinado, então a cozinheira fez isso.
3. Se Mister Edge foi assassinado, então a cozinheira não fez isso.
4. Ou o mordomo fez isso, ou a Duquesa está mentindo.
5. A cozinheira fez isso somente se a Duquesa estiver mentindo.
6. Se a arma do crime foi uma frigideira, então a culpada só pode ter sido a cozinheira.
7. Se a arma do crime não foi uma frigideira, então a culpada foi ou a cozinheira ou o mordomo.
8. Mister Ace foi assassinado se e somente se Mister Edge não foi assassinado.
9. A Duquesa está mentindo, a menos que tenha sido Mister Edge o assassinado.
10. Se Mister Ace foi assassinado, ele foi morto com uma frigideira.
11. Já que a cozinheira fez isso, o mordomo não fez.
12. É claro que a Duquesa está mentindo!

★ **Part C** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em português para SL.

E₁: Ava é eletricista.

E₂: Harrison é eletricista.

F₁: Ava é bombeira.

F₂: Harrison é bombeiro.

S₁: Ava está satisfeita com sua carreira.

S₂: Harrison está satisfeito com sua carreira.

1. Ava e Harrison são ambos eletricitistas.
2. Se Ava é bombeira, então ela está satisfeita com sua carreira.
3. Ava é bombeira, a menos que seja eletricitista.
4. Harrison é um eletricitista insatisfeito.
5. Nem Ava nem Harrison é eletricitista.
6. Ava e Harrison são ambos eletricitistas, mas nenhum dos dois acha isso satisfatório.
7. Harrison está satisfeito somente se ele for bombeiro.
8. Se Ava não é eletricitista, então Harrison também não é, mas se ela é, então ele também é.
9. Ava está satisfeita com sua carreira se e somente se Harrison não estiver satisfeito com a dele.
10. Se Harrison é simultaneamente eletricitista e bombeiro, então ele deve estar satisfeito com o trabalho.
11. Não pode ser que Harrison seja ao mesmo tempo eletricitista e bombeiro.
12. Harrison e Ava são ambos bombeiros se e somente se nenhum dos dois for eletricitista.

★ **Part D** Dê uma chave de simbolização e simbolize as sentenças a seguir em SL.

1. Alice e Bob são ambos espiões.
2. Se ou Alice ou Bob é espião, então o código foi decifrado.
3. Se nem Alice nem Bob é espião, então o código permanece indecifrado.
4. A embaixada alemã ficará em alvoroço, a menos que alguém tenha decifrado o código.
5. Ou o código foi decifrado ou não foi, mas a embaixada alemã ficará em alvoroço de qualquer forma.
6. Ou Alice ou Bob é espião, mas não ambos.

Part E Dê uma chave de simbolização e simbolize as sentenças a seguir em SL.

1. Se Gregor jogar na primeira base, então o time vai perder.
2. O time vai perder, a menos que aconteça um milagre.
3. O time ou vai perder ou não vai, mas Gregor vai jogar na primeira base de qualquer forma.
4. A mãe de Gregor vai assar biscoitos se e somente se Gregor jogar na primeira base.
5. Se acontecer um milagre, então a mãe de Gregor não vai assar biscoitos.

Part F Para cada argumento, escreva uma chave de simbolização e traduza o argumento o melhor possível em SL.

1. Se Dorothy toca piano de manhã, então Roger acorda mal-humorado. Dorothy toca piano de manhã, a menos que esteja distraída. Logo, se Roger não acorda mal-humorado, então Dorothy deve estar distraída.
2. Ou vai chover ou vai nevar na terça-feira. Se chover, Neville ficará triste. Se nevar, Neville sentirá frio. Portanto, Neville ficará ou triste ou com frio na terça-feira.
3. Se Zoog lembrou de fazer os afazeres, então as coisas estão limpas, mas não arrumadas. Se ele se esqueceu, então as coisas estão arrumadas, mas não limpas. Portanto, as coisas estão ou arrumadas ou limpas mas não ambas.

★ **Part G** Para cada expressão a seguir: (a) Ela é uma wff de SL? (b) Ela é uma sentença de SL, levando em conta as convenções notacionais?

1. (A)
2. $J_{374} \vee \neg J_{374}$
3. $\neg\neg\neg\neg F$
4. $\neg \& S$
5. $(G \& \neg G)$
6. $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{A}$
7. $(A \rightarrow (A \& \neg F)) \vee (D \leftrightarrow E)$
8. $[(Z \leftrightarrow S) \rightarrow W] \& [J \vee X]$
9. $(F \leftrightarrow \neg D \rightarrow J) \vee (C \& D)$

Part H

1. Existe alguma wff de SL que não contenha letras de sentença? Por quê?
2. No capítulo, simbolizamos um *ou exclusivo* usando \vee , $\&$ e \neg . Como você poderia traduzir um *ou exclusivo* usando apenas dois conectivos? Há alguma maneira de traduzir um *ou exclusivo* usando apenas um conectivo?

Chapter 3

Tabelas-verdade

Este capítulo introduz um modo de avaliar sentenças e argumentos de SL. Embora possa ser trabalhoso, o método das tabelas-verdade é um procedimento puramente mecânico, que não exige intuição nem qualquer tipo de insight especial.

3.1 Conectivos verifuncionais

Qualquer sentença não atômica de SL é composta de sentenças atômicas com conectivos sentenciais. O valor de verdade da sentença composta depende apenas dos valores de verdade das sentenças atômicas que a compõem. Para saber o valor de verdade de $(D \leftrightarrow E)$, por exemplo, você só precisa saber o valor de verdade de D e o valor de verdade de E . Conectivos que funcionam desse modo são chamados de VERIFUNCIONAIS (isto é, seu comportamento depende apenas dos valores de verdade das partes).

Neste capítulo, exploraremos o fato de que todos os operadores lógicos de SL são verifuncionais — isso torna possível construir tabelas-verdade para determinar as propriedades lógicas das sentenças. É importante perceber, porém, que isso não vale para todas as linguagens. Em português (como em inglês), é possível formar uma nova sentença a partir de uma sentença mais simples X dizendo: É possível que X . O valor de verdade dessa nova sentença não depende diretamente do valor de verdade de X . Mesmo que X seja falsa, pode ser que, em algum sentido, X *pudesse* ter sido verdadeira — nesse caso, a nova sentença seria verdadeira. Alguns sistemas formais, chamados de *lógicas modais*, têm um operador para possibilidade. Em uma lógica modal, poderíamos traduzir É possível que X como $\Diamond X$. No entanto, a possibilidade de traduzir sentenças como essa vem com um custo: o operador \Diamond não é verifuncional, e por isso lógicas modais não são adequadas para o uso de tabelas-verdade da forma simples que veremos aqui.

3.2 Tabelas-verdade completas

O valor de verdade de sentenças que contêm apenas um conectivo é dado pela tabela-verdade característica desse conectivo. No capítulo anterior, escrevemos essas tabelas-verdade com ‘T’ para verdadeiro e ‘F’ para falso. É importante notar, porém, que aqui não estamos falando de verdade em nenhum sentido profundo ou cosmológico. Poetas e filósofos podem discutir longamente sobre a natureza e o significado de *verdade*, mas as funções de verdade em SL são apenas regras que transformam valores de entrada em valores de saída. Para destacar isso, neste capítulo escreveremos ‘1’ e ‘0’ em vez de ‘T’ e ‘F’. Mesmo que interpretemos ‘1’ como verdadeiro e ‘0’ como falso, computadores podem ser programados para preencher tabelas-verdade de modo puramente mecânico. Em uma máquina, ‘1’ pode significar que um registrador está ligado, e ‘0’, que o registrador está desligado. Do ponto de vista matemático, eles são apenas os dois valores possíveis que uma sentença de SL pode assumir.

Aqui estão as tabelas-verdade dos conectivos de SL, escritas em termos de 1s e 0s.

\mathcal{A}	$\neg\mathcal{A}$	\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$
1	0	1	1	1	1	1	1
1	0	1	0	0	1	0	0
0	1	0	1	0	1	1	0
0	1	0	0	0	0	1	1

Tabela 3.1: As tabelas-verdade características dos conectivos de SL.

A tabela-verdade característica da conjunção, por exemplo, fornece as condições de verdade de qualquer sentença da forma $(\mathcal{A} \& \mathcal{B})$. Mesmo que os conjuntos \mathcal{A} e \mathcal{B} sejam sentenças longas e complicadas, a conjunção é verdadeira se, e somente se, tanto \mathcal{A} quanto \mathcal{B} forem verdadeiras. Considere a sentença $(H \& I) \rightarrow H$. Tomamos todas as possíveis combinações de verdadeiro e falso para H e I , o que nos dá quatro linhas. Copiamos então os valores de verdade das letras sentençiais e os escrevemos sob as letras na sentença.

H	I	$(H \& I) \rightarrow H$		
1	1	1	1	1
1	0	1	0	1
0	1	0	1	0
0	0	0	0	0

Agora considere a subsentença $H \& I$. Ela é uma conjunção $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ em que H faz o papel de \mathcal{A} e I faz o papel de \mathcal{B} . H e I são ambas verdadeiras na primeira linha. Como uma conjunção é verdadeira quando ambos os conjuntos são verdadeiros, escrevemos 1 sob o símbolo de conjunção. Continuamos para as outras três linhas e obtemos:

H	I	$(H \& I) \rightarrow H$			
		$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$			
1	1	1	1	1	1
1	0	1	0	0	1
0	1	0	0	1	0
0	0	0	0	0	0

A sentença inteira é um condicional $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$, em que $(H \& I)$ é \mathcal{A} e H é \mathcal{B} . Na segunda linha, por exemplo, $(H \& I)$ é falsa e H é verdadeira. Como um condicional é verdadeiro quando o antecedente é falso, escrevemos 1 na segunda linha sob o símbolo do condicional. Fazemos isso para as demais linhas e obtemos:

H	I	$(H \& I) \rightarrow H$			
		$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$			
1	1	1	1	1	1
1	0	0	1	1	1
0	1	0	1	0	0
0	0	0	1	0	0

A coluna de 1s sob o condicional nos mostra que a sentença $(H \& I) \rightarrow I$ é verdadeira independentemente dos valores de verdade de H e I . Eles podem ser verdadeiros ou falsos em qualquer combinação e, ainda assim, a sentença composta sai verdadeira. É crucial que tenhamos considerado todas as combinações possíveis. Se tivéssemos apenas uma tabela de duas linhas, não poderíamos ter certeza de que a sentença não seria falsa em alguma outra combinação de valores de verdade.

Neste exemplo, não repetimos todas as entradas em cada tabela sucessiva. Mas, quando realmente escrevemos tabelas-verdade no papel, é impraticável apagar colunas inteiras ou reescrever a tabela toda a cada passo. Embora fique mais apertado, a tabela-verdade pode ser escrita assim:

H	I	$(H \& I) \rightarrow H$				
1	1	1	1	1	1	1
1	0	1	0	0	1	1
0	1	0	0	1	1	0
0	0	0	0	0	1	0

A maior parte das colunas sob a sentença está ali apenas para controle de contas. Quando você ficar mais à vontade com tabelas-verdade, provavelmente não precisará mais copiar as colunas de cada letra sentencial. De todo modo, o valor de verdade da sentença em cada linha é apenas o valor na coluna sob o conectivo lógico principal da sentença; neste caso, a coluna sob o condicional.

Uma TABELA-VERDADE COMPLETA tem uma linha para cada combinação possível de 1 e 0 para todas as letras sentenciais envolvidas. O tamanho da tabela-verdade completa depende do número de letras sentenciais diferentes

na sentença. Uma sentença que contém apenas uma letra sentencial exige apenas duas linhas, como na tabela característica da negação. Isso continua valendo mesmo que a mesma letra apareça muitas vezes, como na sentença $[(C \leftrightarrow C) \rightarrow C] \& \neg(C \rightarrow C)$. A tabela-verdade completa exige apenas duas linhas porque há apenas duas possibilidades: C pode ser verdadeira ou pode ser falsa. Uma mesma letra sentencial nunca pode ser marcada ao mesmo tempo como 1 e como 0 na mesma linha. A tabela-verdade para essa sentença fica assim:

C	$[(C \leftrightarrow C) \rightarrow C] \ \& \ \neg(C \rightarrow C)$									
1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1
0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0

Observando a coluna sob o conectivo principal, vemos que a sentença é falsa em ambas as linhas da tabela; isto é, ela é falsa tanto se C é verdadeira quanto se C é falsa.

Uma sentença que contém duas letras sentenciais exige quatro linhas para uma tabela-verdade completa, como nas tabelas características e na tabela de $(H \& I) \rightarrow I$.

Uma sentença que contém três letras sentenciais exige oito linhas. Por exemplo:

M	N	P	$M \& (N \vee P)$			
1	1	1	1	1	1	1
1	1	0	1	1	1	0
1	0	1	1	1	0	1
1	0	0	1	0	0	0
0	1	1	0	0	1	1
0	1	0	0	0	1	0
0	0	1	0	0	0	1
0	0	0	0	0	0	0

A partir dessa tabela, sabemos que a sentença $M \& (N \vee P)$ pode ser verdadeira ou falsa dependendo dos valores de verdade de M , N e P .

Uma tabela-verdade completa para uma sentença com quatro letras sentenciais diferentes exige 16 linhas. Com cinco letras, 32 linhas. Com seis letras, 64 linhas. E assim por diante. Em geral: se uma tabela-verdade completa tem n letras sentenciais diferentes, então ela deve ter 2^n linhas.

Para preencher as colunas de uma tabela-verdade completa, comece pela letra sentencial mais à direita e alterne 1s e 0s. Na próxima coluna à esquerda, escreva dois 1s, depois dois 0s, e repita. Para a terceira letra, escreva quatro 1s seguidos de quatro 0s. Isso gera uma tabela de oito linhas, como acima. Para uma tabela de 16 linhas, a próxima coluna de letras sentenciais deve ter oito 1s seguidos de oito 0s. Para uma tabela de 32 linhas, a próxima coluna terá 16 1s seguidos de 16 0s. E assim por diante.

3.3 Usando tabelas-verdade

Tautologias, contradições e sentenças contingentes

Recorde que uma sentença (em linguagem natural) é uma tautologia se ela tem de ser verdadeira como questão de lógica. Com uma tabela-verdade completa, consideramos todos os modos como o mundo poderia ser. Se a sentença é verdadeira em todas as linhas de uma tabela-verdade completa, então ela é verdadeira como questão de lógica, independentemente de como o mundo de fato é.

Assim, uma sentença é uma TAUTOLOGIA EM SL se a coluna sob seu conectivo principal tem 1 em todas as linhas de uma tabela-verdade completa.

De modo análogo, uma sentença é uma CONTRADIÇÃO EM SL se a coluna sob seu conectivo principal tem 0 em todas as linhas de uma tabela-verdade completa.

Uma sentença é CONTINGENTE EM SL se ela não é nem tautologia nem contradição; isto é, se ela tem 1 em pelo menos uma linha e 0 em pelo menos uma outra linha.

Pelas tabelas da seção anterior, sabemos que $(H \& I) \rightarrow H$ é uma tautologia, que $[(C \leftrightarrow C) \rightarrow C] \& \neg(C \rightarrow C)$ é uma contradição, e que $M \& (N \vee P)$ é contingente.

Equivalência lógica

Duas sentenças são logicamente equivalentes em português se elas têm o mesmo valor de verdade como questão de lógica. Mais uma vez, as tabelas-verdade nos permitem definir um conceito análogo para SL: duas sentenças são LOGICAMENTE EQUIVALENTES EM SL se elas têm o mesmo valor de verdade em todas as linhas de uma tabela-verdade completa.

Considere as sentenças $\neg(A \vee B)$ e $\neg A \& \neg B$. Elas são logicamente equivalentes? Para descobrir, construímos uma tabela-verdade:

A	B	$\neg(A \vee B)$	$\neg A \& \neg B$
1	1	0 1 1 1	0 1 0 0 1
1	0	0 1 1 0	0 1 0 1 0
0	1	0 0 1 1	1 0 0 0 1
0	0	1 0 0 0	1 0 1 1 0

Observe as colunas dos conectivos principais: negação, na primeira sentença, e conjunção, na segunda. Nas três primeiras linhas, ambas têm valor 0. Na última linha, ambas têm valor 1. Como coincidem em todas as linhas, as duas

sentenças são logicamente equivalentes.

Consistência

Um conjunto de sentenças em português é consistente se é logicamente possível que todas sejam verdadeiras ao mesmo tempo. Um conjunto de sentenças é LOGICAMENTE CONSISTENTE EM SL se existe pelo menos uma linha de uma tabela-verdade completa em que todas as sentenças sejam verdadeiras (todas com valor 1). Ele é INCONSISTENTE caso contrário (isto é, se não há linha em que todas sejam verdadeiras).

Validade

Um argumento em português é válido se é logicamente impossível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa ao mesmo tempo. Um argumento é VÁLIDO EM SL se não há linha de uma tabela-verdade completa em que todas as premissas sejam 1 e a conclusão seja 0; o argumento é INVÁLIDO EM SL se existe uma linha assim.

Considere este argumento:

$$\begin{array}{l} \neg L \rightarrow (J \vee L) \\ \neg L \\ \therefore J \end{array}$$

Ele é válido? Para descobrir, construimos uma tabela-verdade.

J	L	$\neg L \rightarrow (J \vee L)$					$\neg L$	J
1	1	0	1	1	1	1	0	1
1	0	1	0	1	1	1	0	1
0	1	0	1	1	0	1	1	0
0	0	1	0	0	0	0	0	1

Sim, o argumento é válido. A única linha em que ambas as premissas são 1 é a segunda linha, e nessa linha a conclusão também é 1.

3.4 Tabelas-verdade parciais

Para mostrar que uma sentença é uma tautologia, precisamos mostrar que ela vale 1 em todas as linhas. Portanto, precisamos de uma tabela-verdade completa. Mas, para mostrar que uma sentença *não* é uma tautologia, basta uma

linha: uma linha em que a sentença tenha valor 0. Assim, para mostrar que algo não é tautologia, basta fornecer uma *tabela-verdade parcial* de uma linha não importa quantas letras sentenciais a sentença contenha.

Considere, por exemplo, a sentença $(U \& T) \rightarrow (S \& W)$. Queremos mostrar que ela *não* é uma tautologia, fornecendo uma tabela-verdade parcial. Preenchemos a coluna da sentença inteira com 0. O conectivo principal da sentença é um condicional. Para que o condicional seja falso, o antecedente deve ser verdadeiro (1) e o conseqüente, falso (0). Assim, preenchemos:

S	T	U	W	$(U \& T) \rightarrow (S \& W)$
				1 0 0

Para que $(U \& T)$ seja verdadeira, tanto U quanto T devem ser verdadeiras.

S	T	U	W	$(U \& T) \rightarrow (S \& W)$
	1	1		1 1 1 0 0

Agora só precisamos tornar $(S \& W)$ falsa. Para isso, basta tornar pelo menos uma das sentenças S ou W falsa. Podemos tornar as duas falsas, se quisermos. O importante é que a sentença inteira saia falsa nessa linha. Fazendo uma escolha arbitrária, completamos a tabela assim:

S	T	U	W	$(U \& T) \rightarrow (S \& W)$
0	1	1	0	1 1 1 0 0 0 0

Mostrar que algo é uma contradição exige uma tabela-verdade completa. Mostrar que algo *não* é uma contradição exige apenas uma tabela-verdade parcial de uma linha, em que a sentença seja verdadeira.

Uma sentença é contingente se não é nem tautologia nem contradição. Então, mostrar que uma sentença é contingente exige uma tabela-verdade parcial de *duas linhas*: a sentença deve ser verdadeira em uma linha e falsa em outra. Por exemplo, podemos mostrar que a sentença acima é contingente com a seguinte tabela:

S	T	U	W	$(U \& T) \rightarrow (S \& W)$
0	1	1	0	1 1 1 0 0 0 0
0	1	0	0	0 0 1 1 0 0 0

Note que há muitas combinações de valores de verdade que tornariam a sentença verdadeira, portanto há muitas maneiras possíveis de escrever a segunda linha.

Mostrar que uma sentença *não* é contingente exige fornecer uma tabela-verdade completa, porque isso requer mostrar que a sentença é uma tautologia ou uma

contradição. Se você não sabe se uma sentença é contingente, então não sabe de antemão se será necessária uma tabela completa ou parcial. Você sempre pode começar construindo a tabela completa. Se, no caminho, você encontrar linhas que mostram que a sentença é contingente, pode parar. Caso contrário, conclua a tabela. Embora duas linhas bem escolhidas sejam suficientes para mostrar que uma sentença contingente é contingente, não há nada de errado em preencher mais linhas.

Mostrar que duas sentenças são logicamente equivalentes requer uma tabela-verdade completa. Mostrar que duas sentenças *não* são logicamente equivalentes requer apenas uma tabela-verdade parcial de uma linha: basta construí-la de modo que uma das sentenças seja verdadeira e a outra falsa.

Mostrar que um conjunto de sentenças é consistente requer fornecer uma linha de uma tabela-verdade em que todas as sentenças sejam verdadeiras. O resto da tabela é irrelevante, então uma tabela parcial de uma linha basta. Mostrar que um conjunto de sentenças é inconsistente, por outro lado, exige uma tabela-verdade completa: é preciso mostrar que, em toda linha, pelo menos uma das sentenças é falsa.

Mostrar que um argumento é válido requer uma tabela-verdade completa. Mostrar que um argumento é *inválido* exige apenas fornecer uma tabela-verdade de uma linha: se você consegue produzir uma linha em que as premissas são todas verdadeiras e a conclusão é falsa, então o argumento é inválido.

A tabela a seguir resume quando é necessária uma tabela-verdade completa e quando uma tabela parcial é suficiente.

	SIM	NÃO
tautologia?	tabela-verdade completa	tabela-verdade parcial de uma linha
contradição?	tabela-verdade completa	tabela-verdade parcial de uma linha
contingente?	tabela-verdade parcial de duas linhas	tabela-verdade completa
equivalente?	tabela-verdade completa	tabela-verdade parcial de uma linha
consistente?	tabela-verdade parcial de uma linha	tabela-verdade completa
válido?	tabela-verdade completa	tabela-verdade parcial de uma linha

Tabela 3.2: Você precisa de uma tabela-verdade completa ou parcial? Depende do que você quer mostrar.

Practice Exercises

Se você quiser mais prática, pode construir tabelas-verdade para quaisquer sentenças e argumentos dos exercícios do capítulo anterior.

★ **Part A** Determine se cada sentença é uma tautologia, uma contradição ou uma sentença contingente. Justifique sua resposta com uma tabela-verdade

completa ou parcial, conforme apropriado.

1. $A \rightarrow A$
2. $\neg B \& B$
3. $C \rightarrow \neg C$
4. $\neg D \vee D$
5. $(A \leftrightarrow B) \leftrightarrow \neg(A \leftrightarrow \neg B)$
6. $(A \& B) \vee (B \& A)$
7. $(A \rightarrow B) \vee (B \rightarrow A)$
8. $\neg[A \rightarrow (B \rightarrow A)]$
9. $(A \& B) \rightarrow (B \vee A)$
10. $A \leftrightarrow [A \rightarrow (B \& \neg B)]$
11. $\neg(A \vee B) \leftrightarrow (\neg A \& \neg B)$
12. $\neg(A \& B) \leftrightarrow A$
13. $[(A \& B) \& \neg(A \& B)] \& C$
14. $A \rightarrow (B \vee C)$
15. $[(A \& B) \& C] \rightarrow B$
16. $(A \& \neg A) \rightarrow (B \vee C)$
17. $\neg[(C \vee A) \vee B]$
18. $(B \& D) \leftrightarrow [A \leftrightarrow (A \vee C)]$

★ **Part B** Determine se cada par de sentenças é logicamente equivalente. Justifique sua resposta com uma tabela-verdade completa ou parcial, conforme apropriado.

1. $A, \neg A$
2. $A, A \vee A$
3. $A \rightarrow A, A \leftrightarrow A$
4. $A \vee \neg B, A \rightarrow B$
5. $A \& \neg A, \neg B \leftrightarrow B$
6. $\neg(A \& B), \neg A \vee \neg B$
7. $\neg(A \rightarrow B), \neg A \rightarrow \neg B$
8. $(A \rightarrow B), (\neg B \rightarrow \neg A)$
9. $[(A \vee B) \vee C], [A \vee (B \vee C)]$
10. $[(A \vee B) \& C], [A \vee (B \& C)]$

★ **Part C** Determine se cada conjunto de sentenças é consistente ou inconsistente. Justifique sua resposta com uma tabela-verdade completa ou parcial, conforme apropriado.

1. $A \rightarrow A, \neg A \rightarrow \neg A, A \& A, A \vee A$
2. $A \& B, C \rightarrow \neg B, C$
3. $A \vee B, A \rightarrow C, B \rightarrow C$
4. $A \rightarrow B, B \rightarrow C, A, \neg C$
5. $B \& (C \vee A), A \rightarrow B, \neg(B \vee C)$
6. $A \vee B, B \vee C, C \rightarrow \neg A$

7. $A \leftrightarrow (B \vee C), C \rightarrow \neg A, A \rightarrow \neg B$
8. $A, B, C, \neg D, \neg E, F$

★ **Part D** Determine se cada argumento é válido ou inválido. Justifique sua resposta com uma tabela-verdade completa ou parcial, conforme apropriado.

1. $A \rightarrow A, \therefore A$
2. $A \vee [A \rightarrow (A \leftrightarrow A)], \therefore A$
3. $A \rightarrow (A \& \neg A), \therefore \neg A$
4. $A \leftrightarrow \neg(B \leftrightarrow A), \therefore A$
5. $A \vee (B \rightarrow A), \therefore \neg A \rightarrow \neg B$
6. $A \rightarrow B, B, \therefore A$
7. $A \vee B, B \vee C, \neg A, \therefore B \& C$
8. $A \vee B, B \vee C, \neg B, \therefore A \& C$
9. $(B \& A) \rightarrow C, (C \& A) \rightarrow B, \therefore (C \& B) \rightarrow A$
10. $A \leftrightarrow B, B \leftrightarrow C, \therefore A \leftrightarrow C$

★ **Part E** Responda cada questão abaixo e justifique sua resposta.

1. Suponha que \mathcal{A} e \mathcal{B} sejam logicamente equivalentes. O que você pode dizer sobre $\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$?
2. Suponha que $(\mathcal{A} \& \mathcal{B}) \rightarrow \mathcal{C}$ seja contingente. O que você pode dizer sobre o argumento $\mathcal{A}, \mathcal{B}, \therefore \mathcal{C}$?
3. Suponha que $\{\mathcal{A}, \mathcal{B}, \mathcal{C}\}$ seja inconsistente. O que você pode dizer sobre $(\mathcal{A} \& \mathcal{B} \& \mathcal{C})$?
4. Suponha que \mathcal{A} seja uma contradição. O que você pode dizer sobre o argumento $\mathcal{A}, \mathcal{B}, \therefore \mathcal{C}$?
5. Suponha que \mathcal{C} seja uma tautologia. O que você pode dizer sobre o argumento $\mathcal{A}, \mathcal{B}, \therefore \mathcal{C}$?
6. Suponha que \mathcal{A} e \mathcal{B} sejam logicamente equivalentes. O que você pode dizer sobre $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$?
7. Suponha que \mathcal{A} e \mathcal{B} não sejam logicamente equivalentes. O que você pode dizer sobre $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$?

Part F Poderíamos eliminar o bicondicional (\leftrightarrow) da linguagem. Se fizéssemos isso, ainda poderíamos escrever ' $A \leftrightarrow B$ ' para tornar as sentenças mais fáceis de ler, mas isso seria apenas uma abreviação para $(A \rightarrow B) \& (B \rightarrow A)$. A linguagem resultante ainda seria formalmente equivalente a SL, já que $A \leftrightarrow B$ e $(A \rightarrow B) \& (B \rightarrow A)$ são logicamente equivalentes em SL. Se déssemos mais peso à simplicidade formal do que à riqueza expressiva, poderíamos substituir mais conectivos por convenções notacionais e ainda ter uma linguagem equivalente a SL.

Existem várias linguagens equivalentes com apenas dois conectivos. Seria suficiente ter apenas negação e o condicional material. Mostre isso escrevendo sentenças logicamente equivalentes a cada uma das seguintes, usando apenas parênteses, letras sentenciais, negação (\neg) e condicional material (\rightarrow).

- ★ 1. $A \vee B$
- ★ 2. $A \& B$
- ★ 3. $A \leftrightarrow B$

Podemos ter uma linguagem equivalente a SL com apenas negação e disjunção como conectivos. Mostre isso: usando apenas parênteses, letras sentenciais, negação (\neg) e disjunção (\vee), escreva sentenças logicamente equivalentes a cada uma das seguintes.

- 4. $A \& B$
- 5. $A \rightarrow B$
- 6. $A \leftrightarrow B$

O *traço de Sheffer* (Sheffer stroke) é um conectivo lógico com a seguinte tabela-verdade característica:

\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \mathcal{B}$
1	1	0
1	0	1
0	1	1
0	0	1

- 7. Escreva uma sentença usando os conectivos de SL que seja logicamente equivalente a $(A|B)$.

Toda sentença escrita com um conectivo de SL pode ser reescrita como uma sentença logicamente equivalente usando um ou mais traços de Sheffer. Usando apenas o traço de Sheffer, escreva sentenças equivalentes a cada uma das seguintes.

- 8. $\neg A$
- 9. $(A \& B)$
- 10. $(A \vee B)$
- 11. $(A \rightarrow B)$
- 12. $(A \leftrightarrow B)$

Chapter 4

Lógica quantificada

Este capítulo introduz uma linguagem lógica chamada QL. Ela é uma versão de *lógica quantificada*, porque permite quantificadores como *todos* e *alguns*. A lógica quantificada também é chamada, às vezes, de *lógica de predicados*, porque as unidades básicas da linguagem são predicados e termos.

4.1 Das sentenças aos predicados

Considere o seguinte argumento, que é obviamente válido em inglês:

Se todo mundo conhece lógica, então ou ninguém ficará confuso ou todo mundo ficará. Todo mundo ficará confuso somente se tentarmos acreditar em uma contradição. Esta é uma aula de lógica, então todo mundo conhece lógica.
∴ Se não tentarmos acreditar em uma contradição, então ninguém ficará confuso.

Para simbolizar esse argumento em SL, vamos precisar de uma chave de simbolização.

- L:** Todo mundo conhece lógica.
- N:** Ninguém ficará confuso.
- E:** Todo mundo ficará confuso.
- B:** Tentamos acreditar em uma contradição.

Note que *N* e *E* tratam ambos de pessoas estarem confusas, mas são duas letras sentenciais diferentes. Não podemos substituir *E* por $\neg N$. Por quê? $\neg N$ significa ‘Não é o caso que ninguém ficará confuso.’ Isso seria verdadeiro se

ao menos uma pessoa ficasse confusa, o que está bem longe de dizer que *todo mundo* ficará confuso.

Uma vez que usamos letras sentenciais separadas para N e E , apagamos qualquer conexão entre as duas. Elas passam a ser apenas duas sentenças atômicas que podem ser verdadeiras ou falsas de maneira independente. Em inglês, é impossível que ao mesmo tempo ninguém e todo mundo esteja confuso. Como sentenças de SL, porém, existe uma atribuição de valores de verdade para a qual N e E são ambas verdadeiras.

Expressões como ‘no one’, ‘everyone’ e ‘anyone’ são chamadas de *quantifiers*. Ao traduzir N e E como sentenças atômicas separadas, deixamos de fora a *quantifier structure* (estrutura quantificacional) das sentenças. Felizmente, a estrutura quantificacional não é o que torna esse argumento válido. Portanto, podemos ignorá-la com segurança. Para ver isso, traduzimos o argumento para SL:

$$\begin{array}{l} L \rightarrow (N \vee E) \\ E \rightarrow B \\ L \\ \therefore \neg B \rightarrow N \end{array}$$

Esse é um argumento válido em SL. (Você pode fazer uma tabela-verdade para verificar.)

Agora considere outro argumento. Este também é válido em inglês.

Willard é um lógico. Todos os lógicos usam chapéus engraçados.
 \therefore Willard usa um chapéu engraçado.

Para simbolizá-lo em SL, definimos a seguinte chave de simbolização:

L: Willard é um lógico.
A: Todos os lógicos usam chapéus engraçados.
F: Willard usa um chapéu engraçado.

Agora simbolizamos o argumento:

$$\begin{array}{l} L \\ A \\ \therefore F \end{array}$$

Esse argumento é *inválido* em SL. (Novamente, você pode confirmar isso com uma tabela-verdade.) Há algo de muito errado aqui, porque em inglês esse é claramente um argumento válido. A simbolização em SL deixou de fora toda

a estrutura importante. Mais uma vez, a tradução para SL ignora a estrutura quantificacional: a sentença ‘Todos os lógicos usam chapéus engraçados’ fala tanto de lógicos quanto do fato de usar chapéus engraçados. Ao não traduzir essa estrutura, perdemos a conexão entre o fato de Willard ser lógico e o fato de Willard usar chapéu.

Alguns argumentos com estrutura quantificacional podem ser capturados em SL, como o primeiro exemplo, mesmo que SL ignore essa estrutura. Outros argumentos são completamente estragados em SL, como o segundo exemplo. Note que o problema não é termos cometido algum erro ao simbolizar o segundo argumento. Essas são as melhores simbolizações que podemos dar para esses argumentos *em SL*.

De modo geral, se um argumento que contém quantificadores sai *válido em SL*, então o argumento em linguagem natural é válido. Se o argumento sai *inválido em SL*, então não podemos concluir que o argumento em linguagem natural seja inválido. Ele pode ser válido por causa de uma estrutura quantificacional que o argumento em linguagem natural tem e que o argumento em SL não tem.

De forma semelhante, se uma sentença com quantificadores sai como uma *tautologia em SL*, então a sentença em inglês é logicamente verdadeira. Se ela sai como *contingente em SL*, isso pode ser devido à estrutura quantificacional que é perdida quando traduzimos para a linguagem formal.

Para simbolizar argumentos que dependem da estrutura quantificacional, precisamos desenvolver uma linguagem lógica diferente. Chamaremos essa linguagem de lógica quantificada, QL.

4.2 Blocos básicos de QL

Assim como as sentenças eram a unidade básica da lógica sentencial, os predicados serão a unidade básica da lógica quantificada. Um predicado é uma expressão como ‘é um cachorro’. Essa expressão, por si só, não é uma sentença. Ela não é nem verdadeira nem falsa. Para que seja verdadeira ou falsa, precisamos especificar algo: quem ou o que é esse ser que é um cachorro?

Os detalhes disso serão explicados ao longo do capítulo, mas aqui está a ideia básica: em QL, representaremos predicados com letras maiúsculas. Por exemplo, podemos deixar D representar ‘_____ é um cachorro’. Usaremos letras minúsculas como nomes de coisas específicas. Por exemplo, podemos deixar b representar Bertie. A expressão Db será uma sentença em QL. Ela é a tradução da sentença ‘Bertie é um cachorro’.

Para representar a estrutura quantificacional, também teremos símbolos que representam quantificadores. Por exemplo, ‘ \exists ’ significará ‘Existe algum_____’. Assim, para dizer que existe um cachorro, podemos escrever $\exists x Dx$; isto é: existe algum x tal que x é um cachorro.

Isso virá mais adiante. Começaremos definindo termos singulares e predicados.

Termos singulares

Em inglês, um SINGULAR TERM é uma palavra ou expressão que se refere a uma pessoa, lugar ou coisa *específica*. A palavra ‘dog’ não é um termo singular, porque há muitos cachorros. A expressão ‘Philip’s dog Bertie’ é um termo singular, porque se refere a um terrierzinho específico.

Um PROPER NAME (nome próprio) é um termo singular que seleciona um indivíduo sem descrevê-lo. O nome ‘Emerson’ é um nome próprio, e o nome, por si só, não diz nada sobre Emerson. Claro, alguns nomes são tradicionalmente dados a meninos e outros, a meninas. Se ‘Jack Hathaway’ é usado como termo singular, você pode supor que se refere a um homem. No entanto, o nome não significa necessariamente que a pessoa referida seja um homem ou mesmo que a criatura referida seja uma pessoa. Jack poderia ser uma girafa, e você não teria como saber isso apenas pelo nome. Há muita discussão filosófica em torno dessa questão, mas o ponto importante aqui é que um nome é um termo singular porque seleciona um único indivíduo específico.

Outros termos singulares transmitem de modo mais óbvio informações sobre aquilo a que se referem. Por exemplo, você pode saber, sem que lhe digam mais nada, que ‘Philip’s dog Bertie’ é um termo singular que se refere a um cachorro. Uma DEFINITE DESCRIPTION (descrição definida) seleciona um indivíduo por meio de uma descrição única. Em inglês, descrições definidas costumam ser expressões do tipo ‘the such-and-so’. Elas se referem a *a* coisa específica que satisfaz a descrição dada. Por exemplo, ‘the tallest member of Monty Python’ e ‘the first emperor of China’ são descrições definidas. Uma descrição que não seleciona um indivíduo específico não é uma descrição definida. ‘A member of Monty Python’ e ‘an emperor of China’ não são descrições definidas.

Podemos usar nomes próprios e descrições definidas para nos referirmos à mesma coisa. O nome próprio ‘Mount Rainier’ nomeia o lugar selecionado pela descrição definida ‘the highest peak in Washington state’. As expressões referem-se ao mesmo lugar de maneiras diferentes. Você não aprende muita coisa quando alguém diz que está indo para Mount Rainier, a não ser que já conheça um pouco de geografia. Você até poderia supor que se trata de uma montanha, mas nem isso é garantido; por tudo o que você sabe, poderia ser uma faculdade, como Mount Holyoke. Já se eu disser que estou indo para the highest peak in Washington state, você sabe imediatamente que estou indo para uma montanha no estado de Washington.

Em inglês, a especificação de um termo singular pode depender do contexto; ‘Willard’ significa uma pessoa específica e não apenas alguém chamado Willard; ‘P.D. Magnus’, como termo singular lógico, significa *eu* e não outro P.D. Magnus. Convivemos com esse tipo de ambiguidade em inglês, mas é importante ter em mente que termos singulares em QL devem se referir a exatamente uma

coisa específica.

Em QL, simbolizaremos termos singulares com letras minúsculas de a a w . Podemos adicionar subscritos se quisermos usar alguma letra mais de uma vez. Assim, $a, b, c, \dots w, a_1, f_{32}, j_{390}$ e m_{12} são todos termos em QL.

Termos singulares são chamados de CONSTANTS porque selecionam indivíduos específicos. Note que x, y e z não são constantes em QL. Eles serão VARIABLES, letras que não representam nenhuma coisa específica. Iremos precisar delas quando introduzirmos os quantificadores.

Predicados

Os predicados mais simples são propriedades de indivíduos. Eles são coisas que você pode dizer sobre um objeto. ‘_____ é um cachorro’ e ‘_____ é um integrante do Monty Python’ são ambos predicados. Ao traduzir sentenças do inglês, o termo nem sempre aparece no começo da sentença: ‘Um piano caiu sobre _____’ também é um predicado. Predicados como esses são chamados de ONE-PLACE ou MONADIC, porque há apenas um espaço em branco a ser preenchido. Um predicado monádico e um termo singular se combinam para formar uma sentença.

Outros predicados expressam a *relação* entre duas coisas. Por exemplo, ‘_____ é maior do que _____’, ‘_____ está à esquerda de _____’ e ‘_____ deve dinheiro a _____’. Esses são predicados TWO-PLACE ou DYADIC, porque precisam ser preenchidos com dois termos para formar uma sentença.

De modo geral, você pode pensar em predicados como sentenças esquemáticas que precisam ser completadas com um certo número de termos. De maneira inversa, você pode começar com sentenças e obter predicados a partir delas removendo termos. Considere a sentença ‘Vinnie pegou o carro da família emprestado de Nunzio.’ Removendo um termo singular, podemos reconhecer que essa sentença usa qualquer um de três diferentes predicados monádicos:

_____ pegou o carro da família emprestado de Nunzio.
 Vinnie pegou _____ emprestado de Nunzio.
 Vinnie pegou o carro da família emprestado de _____.

Removendo dois termos singulares, podemos reconhecer três diferentes predicados diádicos:

Vinnie pegou _____ emprestado de _____.
 _____ pegou o carro da família emprestado de _____.
 _____ pegou _____ emprestado de Nunzio.

Removendo todos os três termos singulares, obtemos um THREE-PLACE ou TRI-

ADIC predicate:

_____ pegou _____ emprestado de _____.

Se estivermos traduzindo essa sentença para QL, devemos traduzi-la com um predicado de uma, duas ou três posições? Depende do que queremos ser capazes de dizer. Se a única coisa que precisarmos discutir é o fato de o carro da família ser emprestado, então a generalidade de um predicado triádico é desnecessária. Se a única coisa que precisarmos simbolizar for pessoas diferentes pegando emprestado o carro da família de Nunzio, então um predicado monádico basta.

Em geral, podemos ter predicados com quantas posições forem necessárias. Predicados com mais de uma posição são chamados POLYADIC. Predicados com n posições, para algum número n , são chamados N-PLACE ou N-ADIC.

Em QL, simbolizamos predicados com letras maiúsculas de A a Z , com ou sem subscritos. Quando fornecermos uma chave de simbolização para predicados, não usaremos espaços em branco; em vez disso, usaremos variáveis. Por convenção, constantes são listadas ao final da chave. Assim, podemos escrever uma chave como:

Ax: x está com raiva.
Hx: x está feliz.
T₁xy: x é tão alto quanto, ou mais alto do que, y .
T₂xy: x é tão durão quanto, ou mais durão do que, y .
Bxyz: y está entre x e z .
d: Donald
g: Gregor
m: Marybeth

Podemos simbolizar sentenças que usem qualquer combinação desses predicados e termos. Por exemplo:

1. Donald está com raiva.
2. Se Donald está com raiva, então Gregor e Marybeth também estão.
3. Marybeth é pelo menos tão alta e tão durona quanto Gregor.
4. Donald é mais baixo do que Gregor.
5. Gregor está entre Donald e Marybeth.

A sentença 1 é direta: Ad . O ' x ' na entrada da chave ' Ax ' é apenas um marcador de lugar; podemos substituí-lo por outros termos ao traduzir.

A sentença 2 pode ser parafraseada como 'Se Ad , então Ag e Am .' QL possui todos os conectivos verofuncionais de SL, então traduzimos isso como $Ad \rightarrow (Ag \& Am)$.

A sentença 3 pode ser traduzida como $T_1mg \& T_2mg$.

A sentença 4 pode parecer exigir um novo predicado. Se precisássemos simbolizar apenas essa sentença, poderíamos definir um predicado como Sxy para significar ‘ x é mais baixo do que y ’. No entanto, isso ignoraria a conexão lógica entre ‘mais baixo’ e ‘mais alto’. Considerados apenas como símbolos de QL, não há conexão entre S e T_1 . Eles poderiam significar qualquer coisa. Em vez de introduzir um novo predicado, parafraseamos 4 usando predicados já presentes na chave: ‘Não é o caso que Donald é tão alto quanto, ou mais alto do que, Gregor.’ Podemos traduzir como $\neg T_1 dg$.

A sentença 5 exige que prestemos atenção cuidadosa à ordem dos termos na chave. Ela se torna $Bdgm$.

4.3 Quantificadores

Agora estamos prontos para introduzir os quantificadores. Considere estas sentenças:

6. Todo mundo está feliz.
7. Todo mundo é pelo menos tão durão quanto Donald.
8. Alguém está com raiva.

Pode ser tentador traduzir a sentença 6 como $Hd \& Hg \& Hm$. Mas isso diria apenas que Donald, Gregor e Marybeth estão felizes. Queremos dizer que *toda mundo* está feliz, mesmo que não tenhamos definido constantes para nomear todas essas pessoas. Para isso, introduzimos o símbolo ‘ \forall ’. Ele é chamado de UNIVERSAL QUANTIFIER (quantificador universal).

Um quantificador deve sempre ser seguido por uma variável e por uma fórmula que contenha essa variável. Podemos traduzir a sentença 6 como $\forall x Hx$. Em português, podemos parafrasear como ‘Para todo x , x está feliz.’ Chamamos $\forall x$ de um *x-quantifier*. A fórmula que vem depois do quantificador é chamada de *scope* (escopo) do quantificador. Daremos uma definição formal de escopo mais adiante, mas intuitivamente trata-se da parte da sentença sobre a qual o quantificador quantifica. Em $\forall x Hx$, o escopo do quantificador universal é Hx .

A sentença 7 pode ser parafraseada como ‘Para todo x , x é pelo menos tão durão quanto Donald.’ Isso se traduz como $\forall x T_2 xd$.

Nessas sentenças quantificadas, a variável x funciona como um tipo de marcador de lugar. A expressão $\forall x$ significa que você pode escolher qualquer um e colocá-lo no lugar de x . Não há motivo especial para usar x em vez de outra variável. A sentença $\forall x Hx$ significa exatamente a mesma coisa que $\forall y Hy$, $\forall z Hz$ e $\forall x_5 Hx_5$.

Para traduzir a sentença 8, introduzimos outro símbolo novo: o EXISTENTIAL QUANTIFIER (quantificador existencial), \exists . Assim como o quantificador universal, o quantificador existencial exige uma variável. A sentença 8 pode ser

traduzida como $\exists xAx$. Isso significa que existe algum x que está com raiva. Mais precisamente, significa que existe *pelo menos uma* pessoa com raiva. Mais uma vez, a variável é um marcador de lugar; poderíamos ter traduzido igualmente como $\exists zAz$.

Considere agora estas sentenças:

9. Ninguém está com raiva.
10. Existe alguém que não está feliz.
11. Nem todo mundo está feliz.

A sentença 9 pode ser parafraseada como ‘Não é o caso que alguém está com raiva.’ Isso pode ser traduzido usando negação e um quantificador existencial: $\neg\exists xAx$. No entanto, a sentença 9 também pode ser parafraseada como ‘Todo mundo não está com raiva.’ Com isso em mente, pode ser traduzida usando negação e um quantificador universal: $\forall x\neg Ax$. Ambas são traduções aceitáveis, porque são logicamente equivalentes. O ponto crítico é se a negação vem antes ou depois do quantificador.

Em geral, $\forall xA$ é logicamente equivalente a $\neg\exists x\neg A$. Isso significa que qualquer sentença que possa ser simbolizada com um quantificador universal pode ser simbolizada com um quantificador existencial, e vice-versa. Uma tradução pode parecer mais natural que a outra, mas não há diferença lógica em traduzir com um quantificador ou com o outro. Para algumas sentenças, será apenas uma questão de gosto.

A sentença 10 é mais naturalmente parafraseada como ‘Existe algum x tal que x não está feliz.’ Isso se torna $\exists x\neg Hx$. De modo equivalente, poderíamos escrever $\neg\forall xHx$.

A sentença 11 é mais naturalmente traduzida como $\neg\forall xHx$. Ela é logicamente equivalente à sentença 10 e, portanto, também poderia ser traduzida como $\exists x\neg Hx$.

Embora tenhamos dois quantificadores em QL, poderíamos ter uma linguagem formal equivalente com apenas um quantificador. Poderíamos trabalhar apenas com o quantificador universal, por exemplo, e tratar o quantificador existencial como uma convenção notacional. Usamos colchetes $[]$ para tornar algumas sentenças mais legíveis, mas sabemos que eles são, na verdade, apenas parênteses $()$. Do mesmo modo, poderíamos escrever ‘ $\exists x$ ’ sabendo que isso é apenas uma abreviação de ‘ $\neg\forall x\neg$ ’. Há uma escolha entre tornar a lógica formalmente simples e torná-la expressivamente simples. Em QL, optamos pela simplicidade expressiva. Tanto \forall quanto \exists serão símbolos de QL.

Universo de discurso

Dada a chave de simbolização que estamos usando, $\forall x Hx$ significa ‘Todo mundo está feliz.’ Quem está incluído nesse ‘todo mundo’? Quando usamos sentenças assim em português, normalmente não queremos dizer todo mundo vivo na Terra neste momento. Certamente não queremos dizer todo mundo que já viveu ou que ainda viverá. Queremos algo mais modesto: todos no prédio, todos na turma, todos na sala.

Para eliminar essa ambiguidade, precisaremos especificar um UNIVERSE OF DISCOURSE abreviado UD. O UD é o conjunto das coisas sobre as quais estamos falando. Se quisermos falar de pessoas em Chicago, definimos o UD como sendo ‘pessoas em Chicago’. Escrevemos isso no início da chave de simbolização, assim:

UD: pessoas em Chicago

Os quantificadores *varrem* (range over) o universo de discurso. Dado esse UD, $\forall x$ significa ‘Todo mundo em Chicago’ e $\exists x$ significa ‘Alguém em Chicago’. Cada constante nomeia algum membro do UD, então só podemos usar esse UD com a chave de simbolização acima se Donald, Gregor e Marybeth estiverem todos em Chicago. Se quisermos falar de pessoas em outros lugares além de Chicago, precisamos incluí-las no UD.

Em QL, o UD deve ser *non-empty*; isto é, deve conter pelo menos uma coisa. É possível construir linguagens formais que permitam UD vazios, mas isso introduz complicações.

Mesmo permitir um UD com apenas um membro já pode produzir resultados estranhos. Suponha que tenhamos a seguinte chave de simbolização:

UD: a Torre Eiffel
Px: x está em Paris.

A sentença $\forall x Px$ poderia ser parafraseada em português como ‘Tudo está em Paris.’ Mas isso seria enganoso. Ela significa que tudo o que está no UD está em Paris. Como esse UD contém apenas a Torre Eiffel, com essa chave de simbolização $\forall x Px$ simplesmente significa que a Torre Eiffel está em Paris.

Termos não referenciais

Em QL, cada constante deve selecionar exatamente um membro do UD. Uma constante não pode se referir a mais de uma coisa — ela é um termo *singular*. Ainda assim, cada constante deve selecionar *alguma* coisa. Isso está ligado a um problema filosófico clássico: o chamado problema dos *non-referring terms* (termos não referenciais).

Filósofos medievais costumavam usar sentenças sobre a *chimera* para exemplificar esse problema. Chimera é uma criatura mitológica; ela não existe de fato. Considere estas duas sentenças:

12. Chimera está com raiva.

13. Chimera não está com raiva.

É tentador simplesmente definir uma constante para significar ‘chimera’. A chave de simbolização ficaria assim:

UD: criaturas na Terra

Ax: x está com raiva.

c: chimera

Poderíamos então traduzir a sentença 12 como Ac e a sentença 13 como $\neg Ac$.

Problemas surgem quando perguntamos se essas sentenças são verdadeiras ou falsas.

Uma opção seria dizer que a sentença 12 não é verdadeira, porque não existe chimera. Se a sentença 12 é falsa porque fala de algo inexistente, então a sentença 13 também deve ser falsa pela mesma razão. Mas isso significaria que Ac e $\neg Ac$ seriam ambas falsas. Dadas as condições de verdade da negação, isso não pode acontecer.

Como não podemos dizer que ambas são falsas, o que devemos fazer? Outra opção seria dizer que a sentença 12 é *meaningless* (sem sentido) por falar de uma coisa que não existe. Então Ac seria uma expressão significativa em QL para algumas interpretações, mas não para outras. Isso, porém, tornaria nossa linguagem formal dependente de interpretações particulares. Como nos interessa a forma lógica, queremos considerar a força lógica de uma sentença como Ac independentemente de qualquer interpretação específica. Se Ac fosse às vezes significativa e às vezes sem sentido, não conseguiríamos fazer isso.

Esse é o *problema dos termos não referenciais* (problem of non-referring terms), e voltaremos a ele mais adiante (veja p. 73.) O ponto importante, por enquanto, é que cada constante de QL *must* se referir a algo no UD, embora o UD possa ser qualquer conjunto de coisas que quisermos. Se quisermos simbolizar argumentos sobre criaturas mitológicas, então precisamos definir um UD que as inclua. Essa opção é importante se quisermos levar em conta a lógica de histórias. Podemos traduzir uma sentença como ‘Sherlock Holmes morava no 221B Baker Street’ incluindo personagens fictícios como Sherlock Holmes em nosso UD.

4.4 Traduzindo para QL

Agora já temos todas as peças de QL. Traduzir sentenças mais complicadas será apenas uma questão de saber a maneira correta de combinar predicados, constantes, quantificadores, variáveis e conectivos. Considere estas sentenças:

14. Toda moeda no meu bolso é uma *quarter* (moeda de 25 centavos de dólar).
15. Alguma moeda sobre a mesa é uma *dime* (moeda de 10 centavos de dólar).
16. Nem todas as moedas sobre a mesa são *dimes*.
17. Nenhuma das moedas no meu bolso é uma *dime*.

Ao fornecer uma chave de simbolização, precisamos especificar um UD. Como estamos falando de moedas no meu bolso e sobre a mesa, o UD deve conter pelo menos todas essas moedas. Como não estamos falando de nada além de moedas, deixamos o UD ser todas as moedas. Como não estamos falando de moedas específicas, não precisamos definir constantes. Então definimos esta chave:

UD: todas as moedas
Px: x está no meu bolso.
Tx: x está sobre a mesa.
Qx: x é uma *quarter*.
Dx: x é uma *dime*.

A sentença 14 é mais naturalmente traduzida com um quantificador universal. O quantificador universal diz algo sobre tudo no UD, não apenas sobre as moedas no meu bolso. A sentença 14 significa que (para qualquer moeda) *se* essa moeda está no meu bolso, *then* ela é uma *quarter*. Assim, podemos traduzi-la como $\forall x(Px \rightarrow Qx)$.

Como a sentença 14 fala de moedas que estão ao mesmo tempo no meu bolso *e* que são *quarters*, pode ser tentador traduzi-la usando uma conjunção. No entanto, a sentença $\forall x(Px \& Qx)$ significaria que tudo no UD está no meu bolso *e* é uma *quarter*: todas as moedas que existem são *quarters* no meu bolso. Isso seria algo muito estranho de se dizer, e significa algo bem diferente da sentença 14.

A sentença 15 é mais naturalmente traduzida com um quantificador existencial. Ela diz que existe alguma moeda que está sobre a mesa *e* que é uma *dime*. Então podemos traduzi-la como $\exists x(Tx \& Dx)$.

Note que precisamos usar um condicional com o quantificador universal, mas usamos uma conjunção com o quantificador existencial. O que significaria escrever $\exists x(Tx \rightarrow Dx)$? Provavelmente não o que você imagina. Isso significa que existe algum membro do UD que satisfaz a subfórmula; grosso modo, existe algum a tal que $(Ta \rightarrow Da)$ é verdadeiro. Em SL, $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ é logicamente

equivalente a $\neg\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$, e isso também valerá em QL. Assim, $\exists x(Tx \rightarrow Dx)$ é verdadeiro se existe algum a tal que $(\neg Ta \vee Da)$; isto é, é verdadeiro se alguma moeda é *ou* não está sobre a mesa *ou* é uma *dime*. É claro que existe alguma moeda que não está sobre a mesa há moedas em muitos outros lugares. Portanto, $\exists x(Tx \rightarrow Dx)$ é trivialmente verdadeiro. Um condicional normalmente será o conectivo natural a ser usado com um quantificador universal, mas um condicional no escopo de um quantificador existencial pode produzir coisas muito estranhas. Como regra geral, não coloque condicionais no escopo de quantificadores existenciais a menos que você tenha certeza de que precisa de um.

A sentença 16 pode ser parafraseada como: ‘Não é o caso que toda moeda sobre a mesa é uma *dime*.’ Assim, podemos traduzi-la como $\neg\forall x(Tx \rightarrow Dx)$. Você poderia olhar para a sentença 16 e parafraseá-la em vez disso como: ‘Alguma moeda sobre a mesa não é uma *dime*.’ Então a traduziria como $\exists x(Tx \& \neg Dx)$. Embora isso provavelmente não seja óbvio, essas duas traduções são logicamente equivalentes. (Isso decorre da equivalência lógica entre $\neg\forall x\mathcal{A}$ e $\exists x\neg\mathcal{A}$, juntamente com a equivalência entre $\neg(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B})$ e $\mathcal{A} \& \neg\mathcal{B}$.)

A sentença 17 pode ser parafraseada como: ‘Não é o caso que exista alguma *dime* no meu bolso.’ Isso pode ser traduzido como $\neg\exists x(Px \& Dx)$. Ela também pode ser parafraseada como: ‘Tudo que está no meu bolso é uma não-*dime*’, e então poderia ser traduzida como $\forall x(Px \rightarrow \neg Dx)$. Mais uma vez, as duas traduções são logicamente equivalentes. Ambas são traduções corretas da sentença 17.

Agora podemos traduzir o argumento da p. 48, aquele que motivou a necessidade de quantificadores:

Willard é um lógico. Todos os lógicos usam chapéus engraçados.
 \therefore Willard usa um chapéu engraçado.

UD: pessoas
Lx: x é um lógico.
Fx: x usa um chapéu engraçado.
w: Willard

Traduzindo, obtemos:

Lw
 $\forall x(Lx \rightarrow Fx)$
 $\therefore Fw$

Isto captura a estrutura que havia sido deixada de fora na tradução em SL desse argumento, e este é um argumento válido em QL.

Predicados vazios

Um predicado não precisa se aplicar a nada no UD. Um predicado que não se aplica a nada no UD é chamado de predicado VAZIO.

Suponha que queiramos simbolizar estas duas sentenças:

18. Todo macaco sabe linguagem de sinais.
19. Algum macaco sabe linguagem de sinais.

É possível escrever a chave de simbolização para essas sentenças da seguinte maneira:

UD: animais
Mx: x é um macaco.
Sx: x sabe linguagem de sinais.

A sentença 18 pode agora ser traduzida como $\forall x(Mx \rightarrow Sx)$.

A sentença 19 torna-se $\exists x(Mx \& Sx)$.

É tentador dizer que a sentença 18 implica a sentença 19; isto é: se todo macaco sabe linguagem de sinais, então deve ser o caso que algum macaco sabe linguagem de sinais. Essa é uma inferência válida na lógica aristotélica: Todos os M são S , \therefore algum M é S . No entanto, a implicação não vale em QL. É possível que a sentença $\forall x(Mx \rightarrow Sx)$ seja verdadeira mesmo que a sentença $\exists x(Mx \& Sx)$ seja falsa.

Como isso pode acontecer? A resposta vem de considerar se essas sentenças seriam verdadeiras ou falsas *se não houvesse macacos*.

Definimos \forall e \exists de maneira que $\forall \mathcal{A}$ seja equivalente a $\neg \exists \neg \mathcal{A}$. Assim, o quantificador universal não envolve a existência de nada apenas a não existência. Se a sentença 18 é verdadeira, então *não* há macacos que não saibam linguagem de sinais. Se não houvesse macacos, então $\forall x(Mx \rightarrow Sx)$ seria verdadeira e $\exists x(Mx \& Sx)$ seria falsa.

Permitimos predicados vazios porque queremos poder dizer coisas como: ‘Não sei se há algum macaco, mas quaisquer macacos que houver sabem linguagem de sinais.’ Isto é, queremos poder ter predicados que não (ou possam não) se referir a nada.

O que acontece se adicionarmos um predicado vazio R à interpretação acima? Por exemplo, poderíamos definir Rx como ‘ x é uma geladeira’. Agora a sentença $\forall x(Rx \rightarrow Mx)$ será verdadeira. Isso é contra-intuitivo, já que não queremos dizer que há um monte de macacos-geladeira. É importante lembrar, porém, que $\forall x(Rx \rightarrow Mx)$ significa que qualquer membro do UD que seja uma geladeira

é um macaco. Como o UD é animais, não há geladeiras no UD e, portanto, a sentença é trivialmente verdadeira.

Se você realmente estivesse traduzindo a sentença ‘Todas as geladeiras são macacos’, então precisaria incluir eletrodomésticos no UD. Nesse caso, o predicado R não seria vazio e a sentença $\forall x(Rx \rightarrow Mx)$ seria falsa.

- ▷ Um UD deve ter *pelo menos* um membro.
- ▷ Um predicado pode se aplicar a alguns, a todos ou a nenhum membro do UD.
- ▷ Uma constante deve selecionar *exatamente* um membro do UD.
Um membro do UD pode ser selecionado por uma constante, por várias constantes ou por nenhuma.

Escolhendo um universo de discurso

A simbolização adequada de uma sentença em língua portuguesa em QL dependerá da chave de simbolização. De certo modo, isso é óbvio: importa se Dx significa ‘ x é delicado’ ou ‘ x é perigoso’. O significado de sentenças em QL também depende do UD.

Seja Rx ‘ x é uma rosa’, seja Tx ‘ x tem um espinho’, e considere esta sentença:

20. Toda rosa tem um espinho.

É tentador dizer que a sentença 20 deve ser traduzida como $\forall x(Rx \rightarrow Tx)$. Se o UD contiver todas as rosas, isso estaria correto. Ainda assim, se o UD for apenas *coisas sobre a minha mesa da cozinha*, então $\forall x(Rx \rightarrow Tx)$ significará apenas que toda rosa sobre a minha mesa da cozinha tem um espinho. Se não houver rosas sobre a minha mesa, a sentença será trivialmente verdadeira.

O quantificador universal só percorre os membros do UD, então precisamos incluir todas as rosas no UD para traduzir a sentença 20. Temos duas opções. Primeiro, podemos restringir o UD para incluir todas as rosas, mas *apenas* rosas. Nesse caso, a sentença 20 se torna $\forall xTx$. Isso significa que tudo no UD tem um espinho; como o UD é justamente o conjunto das rosas, isso significa que toda rosa tem um espinho. Essa opção pode nos poupar trabalho se todas as sentenças que quisermos traduzir com essa chave forem sobre rosas.

Segundo, podemos deixar o UD conter coisas além de rosas: rododendros, ratos, rifles e o que mais houver. Então a sentença 20 deve ser $\forall x(Rx \rightarrow Tx)$.

Se quiséssemos que o quantificador universal significasse *tudo*, sem restrição, poderíamos tentar especificar um UD que contivesse tudo. Isso levaria a proble-

mas. Será que ‘tudo’ inclui coisas que só foram imaginadas, como personagens fictícios? Por um lado, queremos ser capazes de simbolizar argumentos sobre Hamlet ou Sherlock Holmes. Então precisamos ter a opção de incluir personagens fictícios no UD. Por outro lado, nunca precisamos falar sobre todas as coisas que não existem. Isso talvez nem faça sentido. Há questões filosóficas aqui que não tentaremos tratar. Podemos evitar essas dificuldades especificando sempre o UD. Por exemplo, se quisermos falar de plantas, pessoas e cidades, então o UD pode ser ‘seres vivos e lugares’.

Suponha que queiramos traduzir a sentença 20 e, com a mesma chave de simbolização, traduzir estas sentenças:

- 21. Esmerelda tem uma rosa no cabelo.
- 22. Todo mundo está zangado com Esmerelda.

Precisamos de um UD que inclua rosas (para que possamos simbolizar a sentença 20) e um UD que inclua pessoas (para que possamos traduzir as sentenças 21–22.) Eis uma chave adequada:

UD: pessoas e plantas

Px: x é uma pessoa.

Rx: x é uma rosa.

Tx: x tem um espinho.

Cxy: x está zangado com y .

Hxy: x tem y no cabelo.

e: Esmerelda

Como não temos um predicado que signifique ‘... tem uma rosa no cabelo’, traduzir a sentença 21 exigirá uma paráfrase. A sentença diz que há uma rosa no cabelo de Esmerelda; isto é, há algo que é ao mesmo tempo uma rosa e está no cabelo de Esmerelda. Assim, obtemos: $\exists x(Rx \& Hex)$.

É tentador traduzir a sentença 22 como $\forall xCxe$. Infelizmente, isso significaria que todo membro do UD está zangado com Esmerelda tanto pessoas quanto plantas. Significaria, por exemplo, que a rosa no cabelo de Esmerelda está zangada com ela. Evidentemente, a sentença 22 não quer dizer isso.

‘Todo mundo’ significa toda pessoa, não todo membro do UD. Então podemos parafrasear a sentença 22 como: ‘Toda pessoa está zangada com Esmerelda.’ Sabemos como traduzir sentenças assim: $\forall x(Px \rightarrow Cxe)$

Em geral, o quantificador universal pode ser usado para significar ‘todo mundo’ se o UD contiver apenas pessoas. Se houver pessoas e outras coisas no UD, então ‘todo mundo’ deve ser tratado como ‘toda pessoa’.

Traduzindo pronomes

Ao traduzir para QL, é importante entender a estrutura das sentenças que você quer traduzir. O que importa é a tradução final em QL, e às vezes você conseguirá passar de uma sentença em língua natural diretamente para uma sentença de QL. Outras vezes, ajuda parafrasear a sentença uma ou mais vezes. Cada paráfrase sucessiva deve aproximar a sentença original de algo que você consiga traduzir diretamente em QL.

Nos próximos exemplos, usaremos esta chave de simbolização:

UD: pessoas

Gx: x sabe tocar guitarra.

Rx: x é uma estrela do rock.

l: Lemmy

Agora considere estas sentenças:

23. Se Lemmy sabe tocar guitarra, então ele é uma estrela do rock.

24. Se uma pessoa sabe tocar guitarra, então ela é uma estrela do rock.

A sentença 23 e a sentença 24 têm o mesmo conseqüente (‘... ele é uma estrela do rock’), mas não podem ser traduzidas da mesma maneira. Ajuda parafrasear as sentenças originais, substituindo pronomes por referências explícitas.

A sentença 23 pode ser parafraseada como: ‘Se Lemmy sabe tocar guitarra, então *Lemmy* é uma estrela do rock.’ Isso pode obviamente ser traduzido como $Gl \rightarrow Rl$.

A sentença 24 deve ser parafraseada de modo diferente: ‘Se uma pessoa sabe tocar guitarra, então *essa pessoa* é uma estrela do rock.’ Essa sentença não é sobre nenhuma pessoa em particular, então precisamos de uma variável. Traduzindo pela metade, podemos parafraseá-la como: ‘Para qualquer pessoa x , se x sabe tocar guitarra, então x é uma estrela do rock.’ Agora isso pode ser traduzido como $\forall x(Gx \rightarrow Rx)$. Isso é o mesmo que dizer: ‘Todo mundo que sabe tocar guitarra é uma estrela do rock.’

Considere ainda estas sentenças:

25. Se alguém sabe tocar guitarra, então Lemmy sabe.

26. Se alguém sabe tocar guitarra, então essa pessoa é uma estrela do rock.

Essas duas sentenças têm o mesmo antecedente (‘Se alguém sabe tocar guitarra...’), mas têm estruturas lógicas diferentes.

A sentença 25 pode ser parafraseada como: ‘Se alguma pessoa sabe tocar guitarra, então Lemmy sabe tocar guitarra.’ O antecedente e o consequente são sentenças separadas, de modo que ela pode ser simbolizada com um condicional como operador lógico principal: $\exists xGx \rightarrow Gl$.

A sentença 26 pode ser parafraseada como: ‘Para qualquer pessoa, se essa pessoa sabe tocar guitarra, então essa pessoa é uma estrela do rock.’ Seria um erro simbolizá-la com um quantificador existencial, porque ela está falando sobre todos. A sentença é equivalente a ‘Todos os guitarristas são estrelas do rock.’ A melhor tradução é $\forall x(Gx \rightarrow Rx)$.

As palavras inglesas ‘any’ e ‘anyone’ devem tipicamente ser traduzidas usando quantificadores. Como estes dois exemplos mostram, às vezes exigem um quantificador existencial (como na sentença 25) e às vezes um quantificador universal (como na sentença 26). Se você tiver dificuldade para determinar qual é necessário, parafraseie a sentença com uma frase em inglês que use palavras diferentes de ‘any’ ou ‘anyone’.

Quantificadores e escopo

Na sentença $\exists xGx \rightarrow Gl$, o escopo do quantificador existencial é a expressão Gx . Faria diferença se o escopo do quantificador fosse a sentença toda? Isto é, a sentença $\exists x(Gx \rightarrow Gl)$ significa algo diferente?

Com a chave dada acima, $\exists xGx \rightarrow Gl$ significa que, se existe algum guitarrista, então Lemmy é guitarrista. Já $\exists x(Gx \rightarrow Gl)$ significaria que existe alguma pessoa tal que, se essa pessoa fosse guitarrista, então Lemmy seria guitarrista. Lembre-se de que o condicional aqui é um condicional material; o condicional é verdadeiro se o antecedente é falso. Seja p a constante que denota o autor deste livro, alguém que certamente não é guitarrista. A sentença $Gp \rightarrow Gl$ é verdadeira porque Gp é falsa. Como alguém (no caso, p) satisfaz a sentença, então $\exists x(Gx \rightarrow Gl)$ é verdadeira. A sentença é verdadeira porque existe um não-guitarrista, independentemente da habilidade de Lemmy com a guitarra.

Algo estranho aconteceu quando mudamos o escopo do quantificador, porque o condicional em QL é um condicional material. Para manter o significado, precisaríamos mudar o quantificador: $\exists xGx \rightarrow Gl$ significa a mesma coisa que $\forall x(Gx \rightarrow Gl)$, e $\exists x(Gx \rightarrow Gl)$ significa a mesma coisa que $\forall xGx \rightarrow Gl$.

Essa estranheza não surge com outros conectivos nem quando a variável está no consequente do condicional. Por exemplo, $\exists xGx \& Gl$ significa a mesma coisa que $\exists x(Gx \& Gl)$, e $Gl \rightarrow \exists xGx$ significa a mesma coisa que $\exists x(Gl \rightarrow Gx)$.

Predicados ambíguos

Suponha que queiramos apenas traduzir esta sentença:

27. Adina é uma cirurgiã habilidosa.

Seja o UD pessoas, seja Kx ‘ x é uma cirurgiã habilidosa’ e seja a Adina. A sentença 27 é simplesmente Ka .

Suponha, em vez disso, que queiramos traduzir este argumento:

O hospital só contratará uma cirurgiã habilidosa. Todas as cirurgiãs são gananciosas. Billy é cirurgião, mas não é habilidoso. Logo, Billy é ganancioso, mas o hospital não o contratará.

Precisamos distinguir ser um *cirurgião habilidoso* de ser apenas um *cirurgião*. Então definimos esta chave de simbolização:

UD: pessoas
Gx: x é ganancioso.
Hx: o hospital contratará x .
Rx: x é cirurgião.
Kx: x é habilidoso.
b: Billy

Agora o argumento pode ser traduzido assim:

$$\begin{aligned} & \forall x [\neg(Rx \& Kx) \rightarrow \neg Hx] \\ & \forall x (Rx \rightarrow Gx) \\ & Rb \& \neg Kb \\ \therefore & Gb \& \neg Hb \end{aligned}$$

Em seguida, suponha que queiramos traduzir este argumento:

Carol é uma cirurgiã habilidosa e uma tenista. Logo, Carol é uma tenista habilidosa.

Se começarmos com a chave de simbolização usada no argumento anterior, poderíamos acrescentar um predicado (seja Tx ‘ x é tenista’) e uma constante (seja c Carol). Então o argumento se torna:

$$\begin{aligned} & (Rc \& Kc) \& Tc \\ \therefore & Tc \& Kc \end{aligned}$$

Essa tradução é um desastre! Ela transforma o que, em inglês, é um argumento péssimo em um argumento válido em QL. O problema é que há uma diferença entre ser *habilidoso como cirurgião* e ser *habilidoso como tenista*. Traduzir esse argumento corretamente exige dois predicados distintos, um para cada tipo de

habilidade. Se deixarmos K_1x significar ‘x é habilidoso como cirurgião’ e K_2x significar ‘x é habilidoso como tenista’, então podemos simbolizar o argumento desta forma:

$$\begin{array}{l} (Rc \& K_1c) \& Tc \\ \therefore Tc \& K_2c \end{array}$$

Como o argumento em língua natural que ele traduz, este é inválido.

A moral desses exemplos é que você precisa ter cuidado ao simbolizar predicados de maneira ambígua. Problemas semelhantes podem surgir com predicados como *bom*, *ruim*, *grande* e *pequeno*. Assim como cirurgiões habilidosos e tenistas habilidosos têm habilidades diferentes, cães grandes, ratos grandes e grandes problemas são grandes de maneiras diferentes.

Basta ter um predicado que signifique ‘x é um cirurgião habilidoso’, em vez de dois predicados ‘x é habilidoso’ e ‘x é cirurgião’? Às vezes, sim. Como mostra a sentença 27, às vezes não precisamos distinguir entre cirurgiões habilidosos e outros cirurgiões.

Precisamos sempre distinguir entre diferentes maneiras de ser habilidoso, bom, ruim ou grande? Não. Como o argumento sobre Billy mostra, às vezes só precisamos falar de um tipo de habilidade. Se você estiver traduzindo um argumento que é apenas sobre cães, é perfeitamente aceitável definir um predicado que signifique ‘x é grande’. Se o UD incluir cães e ratos, porém, provavelmente será melhor fazer o predicado significar ‘x é grande para um cão’.

Múltiplos quantificadores

Considere a seguinte chave de simbolização e as sentenças que a seguem:

UD: pessoas e cães
 Dx: *x* é um cão.
 Fxy: *x* é amigo de *y*.
 Oxy: *x* é dono de *y*.
 f: Fifi
 g: Gerald

- 28. Fifi é um cão.
- 29. Gerald é dono de cachorro.
- 30. Alguém é dono de cachorro.
- 31. Todos os amigos de Gerald são donos de cachorro.
- 32. Todo dono de cachorro é amigo de algum dono de cachorro.

A sentença 28 é fácil: Df .

A sentença 29 pode ser parafraseada como: ‘Existe um cão de que Gerald é dono.’ Isso pode ser traduzido como $\exists x(Dx \& Ogx)$.

A sentença 30 pode ser parafraseada como: ‘Existe algum y tal que y é dono de cachorro.’ A subsentença ‘ y é dono de cachorro’ é exatamente como a sentença 29, exceto pelo fato de que é sobre y em vez de ser sobre Gerald. Assim, podemos traduzir a sentença 30 como $\exists y\exists x(Dx \& Oyx)$.

A sentença 31 pode ser parafraseada como: ‘Todo amigo de Gerald é dono de cachorro.’ Traduzindo parte dessa sentença, obtemos $\forall x(Fxg \rightarrow ‘x \text{ é dono de cachorro}’)$. Mais uma vez, é importante reconhecer que ‘ x é dono de cachorro’ é estruturalmente igual à sentença 29. Como já temos um quantificador sobre x , precisaremos de uma variável diferente para o quantificador existencial. Qualquer outra variável serve. Usando z , a sentença 31 pode ser traduzida como $\forall x[Fxg \rightarrow \exists z(Dz \& Oxz)]$.

A sentença 32 pode ser parafraseada como ‘Para qualquer x que é dono de cachorro, existe um dono de cachorro que é amigo de x .’ Traduzida parcialmente, isso se torna

$$\forall x[x \text{ é dono de cachorro} \rightarrow \exists y(y \text{ é dono de cachorro} \& Fxy)].$$

Completando a tradução, a sentença 32 torna-se

$$\forall x[\exists z(Dz \& Oxz) \rightarrow \exists y(\exists z(Dz \& Oyz) \& Fxy)].$$

Considere agora esta chave de simbolização e estas sentenças:

UD: pessoas
Lxy: x gosta de y .
i: Imre.
k: Karl.

33. Imre gosta de todo mundo de quem Karl gosta.
 34. Existe alguém que gosta de todo mundo que gosta de todo mundo de quem essa pessoa gosta.

A sentença 33 pode ser parcialmente traduzida como $\forall x(\text{Karl gosta de } x \rightarrow \text{Imre gosta de } x)$. Isso se torna $\forall x(Lkx \rightarrow Lix)$.

A sentença 34 é quase um trava-língua. Há pouca esperança de escrever imediatamente a tradução completa, mas podemos proceder em pequenos passos. Uma tradução inicial e parcial poderia ser assim:

$\exists x$ todo mundo que gosta de todo mundo de quem x gosta é alguém de quem x gosta

A parte que permanece em inglês (ou português) é uma sentença universal, então traduzimos mais um pouco:

$$\exists x\forall y(y \text{ gosta de todo mundo de quem } x \text{ gosta} \rightarrow x \text{ gosta de } y).$$

O antecedente do condicional é estruturalmente igual à sentença 33, com y e x no lugar de Imre e Karl. Assim, a sentença 34 pode ser completamente traduzida da seguinte forma:

$$\exists x \forall y [\forall z (Lxz \rightarrow Lyz) \rightarrow Lxy]$$

Ao simbolizar sentenças com múltiplos quantificadores, é melhor proceder em pequenos passos. Parafraseie a sentença em língua natural de modo que a estrutura lógica fique facilmente simbolizável em QL. Depois, traduza em partes, substituindo a tarefa assustadora de traduzir uma sentença longa pela tarefa mais simples de traduzir fórmulas menores.

4.5 Sentenças de QL

Nesta seção, fornecemos uma definição formal de *fórmula bem formada* (wff) e de *sentença* de QL.

Expressões

Há seis tipos de símbolos em QL:

predicados com subscritos, quando necessário	A, B, C, \dots, Z $A_1, B_1, Z_1, A_2, A_{25}, J_{375}, \dots$
constantes com subscritos, quando necessário	a, b, c, \dots, w $a_1, w_4, h_7, m_{32}, \dots$
variáveis com subscritos, quando necessário	x, y, z $x_1, y_1, z_1, x_2, \dots$
conectivos	$\neg, \&, \vee, \rightarrow, \leftrightarrow$
parênteses	$(,)$
quantificadores	\forall, \exists

Definimos uma EXPRESSÃO DE QL como qualquer sequência de símbolos de QL. Pegue quaisquer símbolos de QL e escreva-os em qualquer ordem: isso já é uma expressão.

Fórmulas bem formadas

Por definição, um TERMO DE QL é ou uma constante ou uma variável.

Uma FÓRMULA ATÔMICA DE QL é um predicado n -ário seguido de n termos.

Assim como fizemos em SL, daremos uma definição *recursiva* para uma wff de QL. Na verdade, a maior parte da definição será muito parecida com a definição de wff de SL: toda fórmula atômica é uma wff, e podemos construir novas wffs aplicando os conectivos sentenciais.

Poderíamos simplesmente acrescentar uma regra para cada um dos quantificadores e encerrar o assunto. Por exemplo: se \mathcal{A} é uma wff, então $\forall x\mathcal{A}$ e $\exists x\mathcal{A}$ são wffs. No entanto, isso permitiria sentenças esquisitas como $\forall x\exists xDx$ e $\forall xDw$. O que essas fórmulas poderiam significar? Poderíamos adotar alguma interpretação para tais sentenças, mas, em vez disso, vamos escrever a definição de wff de modo que tais aberrações nem mesmo contem como bem formadas.

Para que $\forall x\mathcal{A}$ seja uma wff, \mathcal{A} deve conter a variável x e não deve já conter um quantificador sobre x . $\forall xDw$ não será considerada uma wff porque ' x ' não ocorre em Dw , e $\forall x\exists xDx$ não será considerada uma wff porque $\exists xDx$ já contém um quantificador sobre x .

1. Toda fórmula atômica é uma wff.
2. Se \mathcal{A} é uma wff, então $\neg\mathcal{A}$ é uma wff.
3. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \& \mathcal{B})$ é uma wff.
4. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$ é uma wff.
5. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B})$ é uma wff.
6. Se \mathcal{A} e \mathcal{B} são wffs, então $(\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B})$ é uma wff.
7. Se \mathcal{A} é uma wff, χ é uma variável, \mathcal{A} contém pelo menos uma ocorrência de χ , e \mathcal{A} não contém quantificadores sobre χ , então $\forall\chi\mathcal{A}$ é uma wff.
8. Se \mathcal{A} é uma wff, χ é uma variável, \mathcal{A} contém pelo menos uma ocorrência de χ , e \mathcal{A} não contém quantificadores sobre χ , então $\exists\chi\mathcal{A}$ é uma wff.
9. Todas e somente as wffs de QL podem ser geradas por aplicações dessas regras.

Note que a ' χ ' que aparece na definição acima não é a variável x . É uma *metavariável* que representa qualquer variável de QL. Assim, $\forall xAx$ é uma wff, mas também o são $\forall yAy$, $\forall zAz$, $\forall x_4Ax_4$ e $\forall z_9Az_9$.

Agora podemos dar uma definição formal de escopo: o ESCOPO de um quantificador é a subfórmula para a qual o quantificador é o operador lógico principal.

Sentenças

Uma sentença é algo que pode ser verdadeiro ou falso. Em SL, toda wff era uma sentença. Isso não será o caso em QL. Considere a seguinte chave de simbolização:

UD: pessoas

Lxy: x ama y

b: Boris

Considere a expressão Lzz . Ela é uma fórmula atômica: um predicado binário seguido de dois termos. Toda fórmula atômica é uma wff, então Lzz é uma wff. Ela significa alguma coisa? Você pode pensar que significa que z ama a si mesmo, do mesmo modo que Lbb significa que Boris ama a si mesmo. No entanto, z é uma variável; ela não nomeia uma pessoa da maneira como uma constante nomeia. A wff Lzz não nos diz como interpretar z . Ele significa todo mundo? alguém qualquer? alguma pessoa? Se tivéssemos um quantificador sobre z , isso nos diria como interpretar z . Por exemplo, $\exists zLzz$ significaria que alguém ama a si mesmo.

Algumas linguagens formais tratam uma wff como Lzz como se tivesse, implicitamente, um quantificador universal na frente. Não faremos isso em QL. Se você quer dizer que todo mundo ama a si mesmo, então precisa escrever o quantificador: $\forall zLzz$

Para dar sentido a uma variável, precisamos de um quantificador que nos diga como interpretar essa variável. O escopo de um quantificador sobre x , por exemplo, é a parte da fórmula onde o quantificador diz como interpretar x .

Para sermos precisos quanto a isso, definimos uma VARIÁVEL LIGADA como uma ocorrência de uma variável χ que está no escopo de um quantificador sobre χ . Uma VARIÁVEL LIVRE é uma ocorrência de variável que não está ligada.

Por exemplo, considere a wff $\forall x(Ex \vee Dy) \rightarrow \exists z(Ex \rightarrow Lzx)$. O escopo do quantificador universal $\forall x$ é $(Ex \vee Dy)$, de modo que a primeira ocorrência de x está ligada pelo quantificador universal, mas a segunda e a terceira ocorrência de x são livres. Não há quantificador sobre y , então o y é livre. O escopo do quantificador existencial $\exists z$ é $(Ex \rightarrow Lzx)$, de modo que ambas as ocorrências de z estão ligadas por ele.

Definimos uma SENTENÇA de QL como uma wff de QL que não contém variáveis livres.

Convenções notacionais

Adotaremos as mesmas convenções notacionais que usamos para SL (p. 31.) Em primeiro lugar, podemos omitir os parênteses mais externos de uma fórmula. Em segundo lugar, usaremos colchetes '[' e ']' no lugar de parênteses para aumentar a legibilidade das fórmulas. Em terceiro lugar, omitiremos parênteses entre cada par de conjunções ao escrever séries longas de conjunções. Em quarto lugar, omitiremos parênteses entre cada par de disjunções ao escrever séries longas de disjunções.

4.6 Identidade

Considere esta sentença:

35. Pavel deve dinheiro a todas as outras pessoas.

Seja o UD o conjunto das pessoas; isso nos permitirá traduzir ‘todo mundo’ com um quantificador universal. Seja Oxy ‘ x deve dinheiro a y ’, e seja p Pavel. Agora podemos simbolizar a sentença 35 como $\forall x Opx$. Infelizmente, essa tradução tem consequências estranhas. Ela diz que Pavel deve dinheiro a todo membro do UD, incluindo o próprio Pavel; em particular, implica que Pavel deve dinheiro a si mesmo. No entanto, a sentença 35 não diz que Pavel deve dinheiro a si mesmo; ele deve dinheiro a todos os *outros*. Este é um problema, porque $\forall x Opx$ é a melhor tradução que conseguimos dar para essa sentença em QL.

A solução é acrescentar outro símbolo a QL. O símbolo ‘=’ é um predicado binário. Como ele tem um significado lógico especial, escrevemo-lo de modo um pouco diferente: para dois termos t_1 e t_2 , $t_1 = t_2$ é uma fórmula atômica.

O predicado $x = y$ significa ‘ x é idêntico a y ’. Isso não quer dizer apenas que x e y são indistinguíveis ou que os mesmos predicados são verdadeiros de ambos. Quer dizer que x e y são exatamente a mesma coisa.

Quando escrevemos $x \neq y$, queremos dizer que x e y não são idênticos. Não há necessidade de introduzir isso como um predicado adicional. Em vez disso, $x \neq y$ é uma abreviação de $\neg(x = y)$.

Agora suponha que queiramos simbolizar esta sentença:

36. Pavel é o senhor Checkov.

Seja a constante c o senhor Checkov. A sentença 36 pode ser simbolizada como $p = c$. Isso significa que as constantes p e c referem-se ao mesmo sujeito.

Tudo isso é muito bom, mas como isso ajuda com a sentença 35? Essa sentença pode ser parafraseada como: ‘Toda pessoa que não é Pavel é alguém a quem Pavel deve dinheiro.’ Essa é uma estrutura de sentença que já sabemos simbolizar: ‘Para todo x , se x não é Pavel, então x é alguém a quem Pavel deve dinheiro.’ Em QL com identidade, isso se torna $\forall x (x \neq p \rightarrow Opx)$.

Além de sentenças que usam a palavra ‘else’ (ou, em português, ‘outro’, ‘de-mais’), a identidade será útil ao simbolizar algumas sentenças que contêm as palavras ‘além de’ e ‘apenas’. Considere estes exemplos:

37. Ninguém além de Pavel deve dinheiro a Hikaru.

38. Só Pavel deve dinheiro a Hikaru.

Acrescentamos a constante h , que significa Hikaru.

A sentença 37 pode ser parafraseada como: ‘Ninguém que não seja Pavel deve dinheiro a Hikaru.’ Isso pode ser traduzido como $\neg\exists x(x \neq p \& Oxh)$.

A sentença 38 pode ser parafraseada como: ‘Pavel deve dinheiro a Hikaru e ninguém além de Pavel deve dinheiro a Hikaru.’ Já traduzimos um dos conjuntos, e o outro é direto. A sentença 38 torna-se $Oph \& \neg\exists x(x \neq p \& Oxh)$.

Expressões de quantidade

Também podemos usar a identidade para dizer quantas coisas há de um determinado tipo. Por exemplo, considere estas sentenças:

- 39. Há pelo menos uma maçã sobre a mesa.
- 40. Há pelo menos duas maçãs sobre a mesa.
- 41. Há pelo menos três maçãs sobre a mesa.

Seja o UD o conjunto das *coisas sobre a mesa*, e seja Ax ‘ x é uma maçã’.

A sentença 39 não exige identidade. Ela pode ser traduzida adequadamente como $\exists xAx$: existe alguma maçã sobre a mesa talvez muitas, mas pelo menos uma.

Pode ser tentador também traduzir a sentença 40 sem identidade. No entanto, considere a sentença $\exists x\exists y(Ax \& Ay)$. Ela significa que existe alguma maçã x no UD e alguma maçã y no UD. Como nada impede que x e y escolham o mesmo membro do UD, isso seria verdadeiro mesmo que houvesse apenas uma maçã. Para garantir que haja duas maçãs *diferentes*, precisamos do predicado de identidade. A sentença 40 precisa dizer que as duas maçãs existentes não são idênticas, então pode ser traduzida como $\exists x\exists y(Ax \& Ay \& x \neq y)$.

A sentença 41 exige falar de três maçãs diferentes. Ela pode ser traduzida como $\exists x\exists y\exists z(Ax \& Ay \& Az \& x \neq y \& y \neq z \& x \neq z)$.

Continuando dessa forma, poderíamos traduzir ‘Há pelo menos n maçãs sobre a mesa.’ Há um resumo de como simbolizar sentenças desse tipo na p. 152.

Agora considere estas sentenças:

- 42. Há no máximo uma maçã sobre a mesa.
- 43. Há no máximo duas maçãs sobre a mesa.

A sentença 42 pode ser parafraseada como: ‘Não é o caso que haja pelo menos duas maçãs sobre a mesa.’ Isso é simplesmente a negação da sentença 40:

$$\neg\exists x\exists y(Ax \& Ay \& x \neq y)$$

A sentença 42 também pode ser abordada de outra maneira. Ela significa que quaisquer maçãs que houver sobre a mesa devem ser uma única e mesma maçã, de modo que pode ser traduzida como $\forall x \forall y [(Ax \& Ay) \rightarrow x = y]$. As duas traduções são logicamente equivalentes, portanto ambas estão corretas.

De modo semelhante, a sentença 43 pode ser traduzida de duas formas equivalentes. Ela pode ser parafraseada como: ‘Não é o caso que haja *três* ou mais maçãs distintas’, de modo que pode ser traduzida como a negação da sentença 41. Usando quantificadores universais, também pode ser traduzida como

$$\forall x \forall y \forall z [(Ax \& Ay \& Az) \rightarrow (x = y \vee x = z \vee y = z)].$$

Veja p. 152 para o caso geral.

Os exemplos acima são sentenças sobre maçãs, mas a estrutura lógica dessas sentenças traduz desigualdades matemáticas como $a \geq 3$, $a \leq 2$ e assim por diante. Também queremos poder traduzir afirmações de igualdade que dizem exatamente quantas coisas há. Por exemplo:

- 44. Há exatamente uma maçã sobre a mesa.
- 45. Há exatamente duas maçãs sobre a mesa.

A sentença 44 pode ser parafraseada como: ‘Há *pelo menos* uma maçã sobre a mesa, e há *no máximo* uma maçã sobre a mesa.’ Isso é apenas a conjunção da sentença 39 com a sentença 42: $\exists x Ax \& \forall x \forall y [(Ax \& Ay) \rightarrow x = y]$. Esse é um modo um pouco complicado de proceder. Talvez seja mais direto parafrasear a sentença 44 como: ‘Há uma coisa que é a única maçã sobre a mesa.’ Entendida assim, a sentença pode ser traduzida como $\exists x [Ax \& \neg \exists y (Ay \& x \neq y)]$.

De modo análogo, a sentença 45 pode ser parafraseada como: ‘Há duas maçãs diferentes sobre a mesa, e essas são as únicas maçãs sobre a mesa.’ Isso pode ser traduzido como $\exists x \exists y [Ax \& Ay \& x \neq y \& \neg \exists z (Az \& x \neq z \& y \neq z)]$.

Finalmente, considere esta sentença:

- 46. Há no máximo duas coisas sobre a mesa.

Pode ser tentador acrescentar um predicado tal que Tx signifique ‘x é uma coisa sobre a mesa’. No entanto, isso é desnecessário. Como o UD é o conjunto das coisas sobre a mesa, todos os membros do UD estão sobre a mesa. Se quisermos falar de uma *coisa sobre a mesa*, basta usar um quantificador. A sentença 46 pode ser simbolizada como a sentença 43 (que dizia que havia no máximo duas maçãs), mas omitindo completamente o predicado. Isto é, a sentença 46 pode ser traduzida como $\forall x \forall y \forall z (x = y \vee x = z \vee y = z)$.

Técnicas para simbolizar expressões de quantidade (‘no máximo’, ‘pelo menos’ e ‘exatamente’) são resumidas na p. 152.

Descrições definidas

Lembre que uma constante de QL deve referir-se a algum membro do UD. Essa restrição nos permite evitar o problema de termos que não se referem a nada. Dados um UD que incluísse apenas criaturas realmente existentes e uma constante c que significasse ‘quimera’ (uma criatura mítica), sentenças contendo c se tornariam impossíveis de avaliar.

A solução mais influente para esse problema foi introduzida por Bertrand Russell em 1905. Russell perguntou como deveríamos entender a seguinte sentença:

47. O atual rei da França é careca.

A expressão ‘o atual rei da França’ deveria selecionar um indivíduo por meio de uma descrição definida. No entanto, não havia rei da França em 1905 e não há nenhum agora. Como a descrição é um termo que não se refere a nada, não podemos simplesmente definir uma constante para significar ‘o atual rei da França’ e traduzir a sentença como Kf .

A ideia de Russell era que sentenças que contêm descrições definidas têm uma estrutura lógica diferente da estrutura de sentenças que contêm nomes próprios, ainda que compartilhem a mesma forma gramatical. O que queremos dizer quando usamos uma descrição referencial sem problema, como ‘o pico mais alto do estado de Washington’? Queremos dizer que há tal pico, porque não poderíamos falar dele de outro modo. Também queremos dizer que ele é o único pico desse tipo. Se houvesse outro pico no estado de Washington com altura exatamente igual à do Monte Rainier, então o Monte Rainier não seria o pico mais alto.

De acordo com essa análise, a sentença 47 está dizendo três coisas. Primeiro, ela faz uma afirmação de *existência*: existe um atual rei da França. Segundo, faz uma afirmação de *unicidade*: esse sujeito é o único atual rei da França. Terceiro, faz uma afirmação de *predicação*: esse sujeito é careca.

Para simbolizar descrições definidas desse modo, precisamos do predicado de identidade. Sem ele, não poderíamos traduzir a afirmação de unicidade que (segundo Russell) está implícita na descrição definida.

Seja o UD o conjunto das *pessoas atualmente vivas*, seja Fx ‘ x é o atual rei da França’, e seja Bx ‘ x é careca’. A sentença 47 pode então ser traduzida como $\exists x[Fx \& \neg \exists y(Fy \& x \neq y) \& Bx]$. Isso diz que existe algum sujeito que é o atual rei da França, ele é o único atual rei da França e ele é careca.

Entendida assim, a sentença 47 é significativa, mas falsa. Ela diz que esse sujeito existe, mas ele não existe.

O problema dos termos sem referência é mais incômodo quando tentamos traduzir negações. Portanto, considere esta sentença:

48. O atual rei da França não é careca.

Segundo Russell, essa sentença é ambígua em inglês. Ela poderia significar duas coisas diferentes:

48a. Não é o caso que o atual rei da França seja careca.

48b. O atual rei da França é não-careca.

Ambos os possíveis significados negam a sentença 47, mas colocam a negação em lugares diferentes.

A sentença 48a é chamada de NEGAÇÃO DE ESCOPO AMPLO, porque nega a sentença inteira. Ela pode ser traduzida como $\neg \exists x [Fx \& \neg \exists y (Fy \& x \neq y) \& Bx]$. Isso não diz nada sobre o atual rei da França, mas afirma que certa sentença sobre o atual rei da França é falsa. Como a sentença 47 é falsa, a sentença 48a é verdadeira.

A sentença 48b diz algo sobre o atual rei da França. Ela afirma que ele não tem a propriedade de ser careca. Como a sentença 47, ela faz uma afirmação de existência e uma de unicidade; apenas nega a afirmação de predicação. Isso é chamado de NEGAÇÃO DE ESCOPO ESTREITO. Pode ser traduzida como $\exists x [Fx \& \neg \exists y (Fy \& x \neq y) \& \neg Bx]$. Como não há atual rei da França, essa sentença é falsa.

A teoria de descrições definidas de Russell resolve o problema dos termos sem referência e também explica por que ele parecia tão paradoxal. Antes de distinguirmos entre a negação de escopo amplo e a de escopo estreito, parecia que sentenças como 48 deveriam ser ao mesmo tempo verdadeiras e falsas. Ao mostrar que tais sentenças são ambíguas, Russell mostrou que elas são verdadeiras se entendidas de um modo, mas falsas se entendidas de outro.

Para uma discussão mais detalhada da teoria das descrições definidas de Russell, incluindo objeções a ela, veja a entrada de Peter Ludlow ‘descriptions’ em *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*: edição do verão de 2005, editada por Edward N. Zalta, <http://plato.stanford.edu/archives/sum2005/entries/descriptions/>

Practice Exercises

★ **Part A** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL.

UD: todos os animais

Ax: x é um jacaré.

Mx: x é um macaco.

Rx: x é um réptil.

Zx: x vive no zoológico.

Lxy: x ama y .

a: Amos

b: Bouncer

c: Cleo

1. Amos, Bouncer e Cleo vivem todos no zoológico.
2. Bouncer é um réptil, mas não é um jacaré.
3. Se Cleo ama Bouncer, então Bouncer é um macaco.
4. Se tanto Bouncer quanto Cleo são jacarés, então Amos ama os dois.
5. Algum réptil vive no zoológico.
6. Todo jacaré é um réptil.
7. Todo animal que vive no zoológico é ou um macaco ou um jacaré.
8. Há répteis que não são jacarés.
9. Cleo ama um réptil.
10. Bouncer ama todos os macacos que vivem no zoológico.
11. Todos os macacos que Amos ama o amam de volta.
12. Se algum animal é réptil, então Amos é réptil.
13. Se algum animal é jacaré, então ele é réptil.
14. Todo macaco que Cleo ama também é amado por Amos.
15. Existe um macaco que ama Bouncer, mas infelizmente Bouncer não retribui esse amor.

Part B Estas são figuras silogísticas identificadas por Aristóteles e seus sucessores, juntamente com seus nomes medievais. Traduza cada argumento para QL.

Barbara Todos os B são C . Todos os A são B . \therefore Todos os A são C .

Baroco Todos os C são B . Algum A não é B . \therefore Algum A não é C .

Bocardo Algum B não é C . Todos os A são B . \therefore Algum A não é C .

Celantes Nenhum B é C . Todos os A são B . \therefore Nenhum C é A .

Celarent Nenhum B é C . Todos os A são B . \therefore Nenhum A é C .

Cemestres Nenhum C é B . Nenhum A é B . \therefore Nenhum A é C .

Cesare Nenhum C é B . Todos os A são B . \therefore Nenhum A é C .

Dabitis Todos os B são C . Algum A é B . \therefore Algum C é A .

Darii Todos os B são C . Algum A é B . \therefore Algum A é C .

Datisi Todos os B são C . Todo A é C . \therefore Algum A é C .

Disamis Algum A é B . Todos os A são C . \therefore Algum B é C .

Ferison Nenhum B é C . Algum A é B . \therefore Algum A não é C .

Ferio Nenhum B é C . Algum A é B . \therefore Algum A não é C .

Festino Nenhum C é B . Algum A é B . \therefore Algum A não é C .

Baralipton Todos os B são C . Todos os A são B . \therefore Algum C é A .

Frisomorum Algum B é C . Nenhum A é B . \therefore Algum C não é A .

Part C Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL.

UD: todos os animais
Dx: x é um cachorro.
Sx: x gosta de filmes de samurai.
Lxy: x é maior que y .
b: Bertie
e: Emerson
f: Fergis

1. Bertie é um cachorro que gosta de filmes de samurai.
2. Bertie, Emerson e Fergis são todos cachorros.
3. Emerson é maior que Bertie, e Fergis é maior que Emerson.
4. Todos os cachorros gostam de filmes de samurai.
5. Somente cachorros gostam de filmes de samurai.
6. Existe um cachorro que é maior que Emerson.
7. Se existe um cachorro maior que Fergis, então existe um cachorro maior que Emerson.
8. Nenhum animal que gosta de filmes de samurai é maior que Emerson.
9. Nenhum cachorro é maior que Fergis.
10. Qualquer animal que não gosta de filmes de samurai é maior que Bertie.
11. Existe um animal que está, em tamanho, entre Bertie e Emerson.
12. Não há cachorro que esteja, em tamanho, entre Bertie e Emerson.
13. Nenhum cachorro é maior do que ele mesmo.
14. Para todo cachorro, existe algum cachorro maior do que ele.
15. Existe um animal que é menor do que todo cachorro.
16. Se existe um animal que é maior do que qualquer cachorro, então esse animal não gosta de filmes de samurai.

Part D Para cada argumento, escreva uma chave de simbolização e traduza o argumento para QL.

1. Nada sobre a minha mesa escapa à minha atenção. Há um computador sobre a minha mesa. Logo, há um computador que não escapa à minha atenção.
2. Todos os meus sonhos são em preto e branco. Os programas antigos de TV são em preto e branco. Portanto, alguns dos meus sonhos são programas antigos de TV.

3. Nem Holmes nem Watson esteve na Austrália. Uma pessoa só poderia ver um canguru se tivesse estado na Austrália ou em um zoológico. Embora Watson não tenha visto um canguru, Holmes viu. Portanto, Holmes esteve em um zoológico.
4. Ninguém espera a Inquisição Espanhola. Ninguém conhece as dificuldades que eu tenho enfrentado. Portanto, qualquer um que espera a Inquisição Espanhola conhece as dificuldades que eu tenho enfrentado.
5. Uma antílope é maior do que uma caixa de pão. Estou pensando em algo que não é maior do que uma caixa de pão, e que é ou uma antílope ou um melão. Assim, estou pensando em um melão.
6. Todos os bebês são ilógicos. Ninguém que seja ilógico consegue controlar um crocodilo. Berthold é um bebê. Portanto, Berthold é incapaz de controlar um crocodilo.

★ **Part E** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL.

UD: doces
Cx: x tem chocolate.
Mx: x tem marzipã.
Sx: x tem açúcar.
Tx: Boris provou x .
Bxy: x é melhor do que y .

1. Boris nunca provou nenhum doce.
2. Marzipã é sempre feito com açúcar.
3. Algum doce é sem açúcar.
4. O melhor de todos os doces é o chocolate.
5. Nenhum doce é melhor do que ele mesmo.
6. Boris nunca provou chocolate sem açúcar.
7. Boris já provou marzipã e chocolate, mas nunca juntos.
8. Qualquer doce com chocolate é melhor do que qualquer doce sem chocolate.
9. Qualquer doce com chocolate e marzipã é melhor do que qualquer doce que não tenha nem chocolate nem marzipã.

Part F Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL.

UD: pessoas e pratos em um potluck
Rx: x acabou.
Tx: x está na mesa.
Fx: x é comida.
Px: x é uma pessoa.
Lxy: x gosta de y .
e: Eli
f: Francesca

g: o guacamole

1. Toda a comida está sobre a mesa.
2. Se o guacamole não acabou, então ele está na mesa.
3. Todo mundo gosta do guacamole.
4. Se alguém gosta do guacamole, então Eli gosta.
5. Francesca só gosta dos pratos que já acabaram.
6. Francesca não gosta de ninguém, e ninguém gosta de Francesca.
7. Eli gosta de qualquer pessoa que goste do guacamole.
8. Eli gosta de qualquer pessoa que goste das pessoas de quem ele gosta.
9. Se já houver uma pessoa em cima da mesa, então toda a comida já deve ter acabado.

★ **Part G** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL.

UD: pessoas
Dx: x dança balé.
Fx: x é mulher.
Mx: x é homem.
Cxy: x é filho de y .
Sxy: x é irmão de y .
e: Elmer
j: Jane
p: Patrick

1. Todos os filhos de Patrick dançam balé.
2. Jane é filha de Patrick.
3. Patrick tem uma filha.
4. Jane é filha única.
5. Todas as filhas de Patrick dançam balé.
6. Patrick não tem filhos homens.
7. Jane é sobrinha de Elmer.
8. Patrick é irmão de Elmer.
9. Os irmãos de Patrick não têm filhos.
10. Jane é tia.
11. Todo mundo que dança balé tem uma irmã que também dança balé.
12. Todo homem que dança balé é filho de alguém que dança balé.

Part H Identifique quais variáveis estão ligadas e quais estão livres.

1. $\exists x Lxy \ \& \ \forall y Lyx$
2. $\forall x Ax \ \& \ Bx$
3. $\forall x (Ax \ \& \ Bx) \ \& \ \forall y (Cx \ \& \ Dy)$
4. $\forall x \exists y [Rxy \rightarrow (Jz \ \& \ Kx)] \vee Ryx$
5. $\forall x_1 (Mx_2 \leftrightarrow Lx_2x_1) \ \& \ \exists x_2 Lx_3x_2$

Part I Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL com identidade. A última sentença é ambígua e pode ser traduzida de duas maneiras; você deve fornecer ambas as traduções. (Dica: a identidade só é necessária para as quatro últimas sentenças.)

UD: pessoas
Kx: x conhece a combinação do cofre.
Sx: x é espião.
Vx: x é vegetariano.
Txy: x confia em y .
h: Hofthor
i: Ingmar

1. Hofthor é espião, mas nenhum vegetariano é espião.
2. Ninguém conhece a combinação do cofre, a menos que Ingmar conheça.
3. Nenhum espião conhece a combinação do cofre.
4. Nem Hofthor nem Ingmar é vegetariano.
5. Hofthor confia em um vegetariano.
6. Todo mundo que confia em Ingmar confia em um vegetariano.
7. Todo mundo que confia em Ingmar confia em alguém que confia em um vegetariano.
8. Só Ingmar conhece a combinação do cofre.
9. Ingmar confia em Hofthor, mas em mais ninguém.
10. A pessoa que conhece a combinação do cofre é vegetariana.
11. A pessoa que conhece a combinação do cofre não é espiã.

★ **Part J** Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL com identidade. As duas últimas sentenças são ambíguas e podem ser traduzidas de duas maneiras; você deve fornecer ambas as traduções para cada uma delas.

UD: cartas de um baralho padrão
Bx: x é preta.
Cx: x é de paus.
Dx: x é um dois.
Jx: x é um valete.
Mx: x é o homem com o machado.
Ox: x tem um olho só.
Wx: x é coringa.

1. Todas as cartas de paus são pretas.
2. Não há cartas coringa.
3. Há pelo menos duas cartas de paus.
4. Há mais de um valete de um olho só.
5. Há no máximo dois valetes de um olho só.
6. Há dois valetes pretos.
7. Há quatro cartas de dois.

8. O dois de paus é uma carta preta.
9. Os valetes de um olho só e o homem com o machado são curingas.
10. Se o dois de paus for coringa, então há exatamente uma carta coringa.
11. O homem com o machado não é um valete.
12. O dois de paus não é o homem com o machado.

Part K Usando a chave de simbolização dada, traduza cada sentença em inglês para QL com identidade. As duas últimas sentenças são ambíguas e podem ser traduzidas de duas maneiras; você deve fornecer ambas as traduções para cada uma delas.

UD: animais no mundo

Bx: x está no campo do fazendeiro Brown.

Hx: x é um cavalo.

Px: x é um Pégaso.

Wx: x tem asas.

1. Há pelo menos três cavalos no mundo.
2. Há pelo menos três animais no mundo.
3. Há mais de um cavalo no campo do fazendeiro Brown.
4. Há três cavalos no campo do fazendeiro Brown.
5. Há uma única criatura alada no campo do fazendeiro Brown; quaisquer outras criaturas no campo não têm asas.
6. O Pégaso é um cavalo alado.
7. O animal no campo do fazendeiro Brown não é um cavalo.
8. O cavalo no campo do fazendeiro Brown não tem asas.

Chapter 5

Formal semantics

In this chapter, we describe a *formal semantics* for SL and for QL. The word ‘semantics’ comes from the greek word for ‘mark’ and means ‘related to meaning.’ So a formal semantics will be a mathematical account of meaning in the formal language.

A formal, logical language is built from two kinds of elements: logical symbols and non-logical symbols. Connectives (like ‘&’) and quantifiers (like ‘ \forall ’) are logical symbols, because their meaning is specified within the formal language. When writing a symbolization key, you are not allowed to change the meaning of the logical symbols. You cannot say, for instance, that the ‘ \neg ’ symbol will mean ‘not’ in one argument and ‘perhaps’ in another. The ‘ \neg ’ symbol always means logical negation. It is used to translate the English language word ‘not’, but it is a symbol of a formal language and is defined by its truth conditions.

The sentence letters in SL are non-logical symbols, because their meaning is not defined by the logical structure of SL. When we translate an argument from English to SL, for example, the sentence letter M does not have its meaning fixed in advance; instead, we provide a symbolization key that says how M should be interpreted in that argument. In QL, the predicates and constants are non-logical symbols.

In translating from English to a formal language, we provided symbolization keys which were interpretations of all the non-logical symbols we used in the translation. An INTERPRETATION gives a meaning to all the non-logical elements of the language.

It is possible to provide different interpretations that make no formal difference. In SL, for example, we might say that D means ‘Today is Tuesday’; we might say instead that D means ‘Today is the day after Monday.’ These are two different interpretations, because they use different English sentences for the meaning of D . Yet, formally, there is no difference between them. All that matters once we have symbolized these sentences is whether they are true or

false. In order to characterize what makes a difference in the formal language, we need to know what makes sentences true or false. For this, we need a formal characterization of *truth*.

When we gave definitions for a sentence of SL and for a sentence of QL, we distinguished between the OBJECT LANGUAGE and the METALANGUAGE. The object language is the language that we are *talking about*: either SL or QL. The metalanguage is the language that we use to talk about the object language: English, supplemented with some mathematical jargon. It will be important to keep this distinction in mind.

5.1 Semantics for SL

This section provides a rigorous, formal characterization of *truth in SL* which builds on what we already know from doing truth tables. We were able to use truth tables to reliably test whether a sentence was a tautology in SL, whether two sentences were equivalent, whether an argument was valid, and so on. For instance: \mathcal{A} is a tautology in SL if it is T on every line of a complete truth table.

This worked because each line of a truth table corresponds to a way the world might be. We considered all the possible combinations of 1 and 0 for the sentence letters that made a difference to the sentences we cared about. The truth table allowed us to determine what would happen given these different combinations.

Once we construct a truth table, the symbols ‘1’ and ‘0’ are divorced from their metalinguistic meaning of ‘true’ and ‘false’. We interpret ‘1’ as meaning ‘true’, but the formal properties of 1 are defined by the characteristic truth tables for the various connectives. The symbols in a truth table have a formal meaning that we can specify entirely in terms of how the connectives operate. For example, if A is value 1, then $\neg A$ is value 0.

In short: Truth in SL just is the assignment of a 1 or a 0.

To formally define truth in SL, then, we want a function that assigns a 1 or 0 to each of the sentences of SL. We can interpret this function as a definition of truth for SL if it assigns 1 to all of the true sentences of SL and 0 to all of the false sentences of SL. Call this function ‘ v ’ (for ‘valuation’). We want v to be a function such that for any sentence \mathcal{A} , $v(\mathcal{A}) = 1$ if \mathcal{A} is true and $v(\mathcal{A}) = 0$ if \mathcal{A} is false.

Recall that the recursive definition of a wff for SL had two stages: The first step said that atomic sentences (solitary sentence letters) are wffs. The second stage allowed for wffs to be constructed out of more basic wffs. There were clauses of the definition for all of the sentential connectives. For example, if \mathcal{A} is a wff, then $\neg\mathcal{A}$ is a wff.

Our strategy for defining the truth function, v , will also be in two steps. The first step will handle truth for atomic sentences; the second step will handle truth for compound sentences.

Truth in SL

How can we define truth for an atomic sentence of SL? Consider, for example, the sentence M . Without an interpretation, we cannot say whether M is true or false. It might mean anything. If we use M to symbolize ‘The moon orbits the Earth’, then M is true. If we use M to symbolize ‘The moon is a giant turnip’, then M is false.

Moreover, the way you would discover whether or not M is true depends on what M means. If M means ‘It is Monday,’ then you would need to check a calendar. If M means ‘Jupiter’s moon Io has significant volcanic activity,’ then you would need to check an astronomy text— and astronomers know because they sent satellites to observe Io.

When we give a symbolization key for SL, we provide an interpretation of the sentence letters that we use. The key gives an English language sentence for each sentence letter that we use. In this way, the interpretation specifies what each of the sentence letters *means*. However, this is not enough to determine whether or not that sentence is true. The sentences about the moon, for instance, require that you know some rudimentary astronomy. Imagine a small child who became convinced that the moon is a giant turnip. She could understand what the sentence ‘The moon is a giant turnip’ means, but mistakenly think that it was true.

Consider another example: If M means ‘It is morning now’, then whether it is true or not depends on when you are reading this. I know what the sentence means, but— since I do not know when you will be reading this— I do not know whether it is true or false.

So an interpretation alone does not determine whether a sentence is true or false. Truth or falsity depends also on what the world is like. If M meant ‘The moon is a giant turnip’ and the real moon were a giant turnip, then M would be true. To put the point in a general way, truth or falsity is determined by an interpretation *plus* a way that the world is.

INTERPRETATION + STATE OF THE WORLD \implies TRUTH/FALSITY

In providing a logical definition of truth, we will not be able to give an account of how an atomic sentence is made true or false by the world. Instead, we will introduce a *truth value assignment*. Formally, this will be a function that tells us the truth value of all the atomic sentences. Call this function ‘ a ’ (for

‘assignment’). We define a for all sentence letters \mathcal{P} , such that

$$a(\mathcal{P}) = \begin{cases} 1 & \text{if } \mathcal{P} \text{ is true,} \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

This means that a takes any sentence of SL and assigns it either a one or a zero; one if the sentence is true, zero if the sentence is false. The details of the function a are determined by the meaning of the sentence letters together with the state of the world. If D means ‘It is dark outside’, then $a(D) = 1$ at night or during a heavy storm, while $a(D) = 0$ on a clear day.

You can think of a as being like a row of a truth table. Whereas a truth table row assigns a truth value to a few atomic sentences, the truth value assignment assigns a value to every atomic sentence of SL. There are infinitely many sentence letters, and the truth value assignment gives a value to each of them. When constructing a truth table, we only care about sentence letters that affect the truth value of sentences that interest us. As such, we ignore the rest. Strictly speaking, every row of a truth table gives a *partial* truth value assignment.

It is important to note that the truth value assignment, a , is not part of the language SL. Rather, it is part of the mathematical machinery that we are using to describe SL. It encodes which atomic sentences are true and which are false.

We now define the truth function, v , using the same recursive structure that we used to define a wff of SL.

1. If \mathcal{A} is a sentence letter, then $v(\mathcal{A}) = a(\mathcal{A})$.
2. If \mathcal{A} is $\neg\mathcal{B}$ for some sentence \mathcal{B} , then

$$v(\mathcal{A}) = \begin{cases} 1 & \text{if } v(\mathcal{B}) = 0, \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

3. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \& \mathcal{C})$ for some sentences \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$v(\mathcal{A}) = \begin{cases} 1 & \text{if } v(\mathcal{B}) = 1 \text{ and } v(\mathcal{C}) = 1, \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

It might seem as if this definition is circular, because it uses the word ‘and’ in trying to define ‘and.’ Notice, however, that this is not a definition of the English word ‘and’; it is a definition of truth for sentences of SL containing the logical symbol ‘&.’ We define truth for object language sentences containing the symbol ‘&’ using the metalanguage word ‘and.’ There is nothing circular about that.

4. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \vee \mathcal{C})$ for some sentences \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$v(\mathcal{A}) = \begin{cases} 0 & \text{if } v(\mathcal{B}) = 0 \text{ and } v(\mathcal{C}) = 0, \\ 1 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

5. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C})$ for some sentences \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$v(\mathcal{A}) = \begin{cases} 0 & \text{if } v(\mathcal{B}) = 1 \text{ and } v(\mathcal{C}) = 0, \\ 1 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

6. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \leftrightarrow \mathcal{C})$ for some sentences \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$v(\mathcal{A}) = \begin{cases} 1 & \text{if } v(\mathcal{B}) = v(\mathcal{C}), \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

Since the definition of v has the same structure as the definition of a wff, we know that v assigns a value to *every* wff of SL. Since the sentences of SL and the wffs of SL are the same, this means that v returns the truth value of every sentence of SL.

Truth in SL is always truth *relative to* some truth value assignment, because the definition of truth for SL does not say whether a given sentence is true or false. Rather, it says how the truth of that sentence relates to a truth value assignment.

Other concepts in SL

Working with SL so far, we have done without a precise definition of ‘tautology’, ‘contradiction’, and so on. Truth tables provided a way to *check if* a sentence was a tautology in SL, but they did not *define* what it means to be a tautology in SL. We will give definitions of these concepts for SL in terms of entailment.

The relation of semantic entailment, ‘ \mathcal{A} entails \mathcal{B} ’, means that there is no truth value assignment for which \mathcal{A} is true and \mathcal{B} is false. Put differently, it means that \mathcal{B} is true for any and all truth value assignments for which \mathcal{A} is true.

We abbreviate this with a symbol called the *double turnstile*: $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ means ‘ \mathcal{A} semantically entails \mathcal{B} .’

We can talk about entailment between more than two sentences:

$$\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\} \models \mathcal{B}$$

means that there is no truth value assignment for which all of the sentences in the set $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\}$ are true and \mathcal{B} is false.

We can also use the symbol with just one sentence: $\models \mathcal{C}$ means that \mathcal{C} is true for all truth value assignments. This is equivalent to saying that the sentence is entailed by anything.

The double turnstile symbol allows us to give concise definitions for various concepts of SL:

A TAUTOLOGY IN SL is a sentence \mathcal{A} such that $\models \mathcal{A}$.

A CONTRADICTION IN SL is a sentence \mathcal{A} such that $\models \neg \mathcal{A}$.

A sentence is CONTINGENT IN SL if and only if it is neither a tautology nor a contradiction.

An argument “ $\mathcal{P}_1, \mathcal{P}_2, \dots, \therefore \mathcal{C}$ ” is VALID IN SL if and only if $\{\mathcal{P}_1, \mathcal{P}_2, \dots\} \models \mathcal{C}$.

Two sentences \mathcal{A} and \mathcal{B} are LOGICALLY EQUIVALENT IN SL if and only if both $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \models \mathcal{A}$.

Logical consistency is somewhat harder to define in terms of semantic entailment. Instead, we will define it in this way:

The set $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\}$ is CONSISTENT IN SL if and only if there is at least one truth value assignment for which all of the sentences are true. The set is INCONSISTENT IN SL if and if only there is no such assignment.

5.2 Interpretations and models in QL

In SL, an interpretation or symbolization key specifies what each of the sentence letters means. The interpretation of a sentence letter along with the state of the world determines whether the sentence letter is true or false. Since the basic units are sentence letters, an interpretation only matters insofar as it makes sentence letters true or false. Formally, the semantics for SL is strictly in terms of truth value assignments. Two interpretations are the same, formally, if they make for the same truth value assignment.

What is an interpretation in QL? Like a symbolization key for QL, an interpretation requires a UD, a schematic meaning for each of the predicates, and an object that is picked out by each constant. For example:

UD: comic book characters

Fx: x fights crime.

b: the Batman

w: Bruce Wayne

Consider the sentence Fb . The sentence is true on this interpretation, but—just as in SL—the sentence is not true *just because* of the interpretation. Most people in our culture know that Batman fights crime, but this requires a modicum of knowledge about comic books. The sentence Fb is true because of the interpretation *plus* some facts about comic books. This is especially obvious when we consider Fw . Bruce Wayne is the secret identity of the Batman in the comic books—the identity claim $b = w$ is true—so Fw is true. Since it is

a *secret* identity, however, other characters do not know that Fw is true even though they know that Fb is true.

We could try to characterize this as a truth value assignment, as we did for SL. The truth value assignment would assign 0 or 1 to each atomic wff: Fb , Fw , and so on. If we were to do that, however, we might just as well translate the sentences from QL to SL by replacing Fb and Fw with sentence letters. We could then rely on the definition of truth for SL, but at the cost of ignoring all the logical structure of predicates and terms. In writing a symbolization key for QL, we do not give separate definitions for Fb and Fw . Instead, we give meanings to F , b , and w . This is essential because we want to be able to use quantifiers. There is no adequate way to translate $\forall xFx$ into SL.

So we want a formal counterpart to an interpretation for predicates and constants, not just for sentences. We cannot use a truth value assignment for this, because a predicate is neither true nor false. In the interpretation given above, F is true *of* the Batman (i.e., Fb is true), but it makes no sense at all to ask whether F on its own is true. It would be like asking whether the English language fragment ‘...fights crime’ is true.

What does an interpretation do for a predicate, if it does not make it true or false? An interpretation helps to pick out the objects to which the predicate applies. Interpreting Fx to mean ‘ x fights crime’ picks out Batman, Superman, Spiderman, and other heroes as the things that are F s. Formally, this is a set of members of the UD to which the predicate applies; this set is called the **EXTENSION** of the predicate.

Many predicates have indefinitely large extensions. It would be impractical to try and write down all of the comic book crime fighters individually, so instead we use an English language expression to interpret the predicate. This is somewhat imprecise, because the interpretation alone does not tell you which members of the UD are in the extension of the predicate. In order to figure out whether a particular member of the UD is in the extension of the predicate (to figure out whether Black Lightning fights crime, for instance), you need to know about comic books. In general, the extension of a predicate is the result of an interpretation *along with* some facts.

Sometimes it is possible to list all of the things that are in the extension of a predicate. Instead of writing a schematic English sentence, we can write down the extension as a set of things. Suppose we wanted to add a one-place predicate M to the key above. We want Mx to mean ‘ x lives in Wayne Manor’, so we write the extension as a set of characters:

$$\text{extension}(M) = \{\text{Bruce Wayne, Alfred the butler, Dick Grayson}\}$$

You do not need to know anything about comic books to be able to determine that, on this interpretation, Mw is true: Bruce Wayne is just specified to be one of the things that is M . Similarly, $\exists xMx$ is obviously true on this interpretation: There is at least one member of the UD that is an M — in fact, there are three

of them.

What about the sentence $\forall x Mx$? The sentence is false, because it is not true that all members of the UD are M . It requires the barest minimum of knowledge about comic books to know that there are other characters besides just these three. Although we specified the extension of M in a formally precise way, we still specified the UD with an English language description. Formally speaking, a UD is just a set of members.

The formal significance of a predicate is determined by its extension, but what should we say about constants like b and w ? The meaning of a constant determines which member of the UD is picked out by the constant. The individual that the constant picks out is called the **REFERENT** of the constant. Both b and w have the same referent, since they both refer to the same comic book character. You can think of a constant letter as a name and the referent as the thing named. In English, we can use the different names ‘Batman’ and ‘Bruce Wayne’ to refer to the same comic book character. In this interpretation, we can use the different constants ‘ b ’ and ‘ w ’ to refer to the same member of the UD.

Sets

We use curly brackets ‘{’ and ‘}’ to denote sets. The members of the set can be listed in any order, separated by commas. The fact that sets can be in any order is important, because it means that {foo, bar} and {bar, foo} are the same set.

It is possible to have a set with no members in it. This is called the **EMPTY SET**. The empty set is sometimes written as {}, but usually it is written as the single symbol \emptyset .

Models

As we have seen, an interpretation in QL is only formally significant insofar as it determines a UD, an extension for each predicate, and a referent for each constant. We call this formal structure a **MODEL** for QL.

To see how this works, consider this symbolization key:

UD: People who played as part of the Three Stooges
Hx: x had head hair.
f: Mister Fine

If you do not know anything about the Three Stooges, you will not be able to say which sentences of QL are true on this interpretation. Perhaps you just

remember Larry, Curly, and Moe. Is the sentence Hf true or false? It depends on which of the stooges is Mister Fine.

What is the model that corresponds to this interpretation? There were six people who played as part of the Three Stooges over the years, so the UD will have six members: Larry Fine, Moe Howard, Curly Howard, Shemp Howard, Joe Besser, and Curly Joe DeRita. Curly, Joe, and Curly Joe were the only completely bald stooges. The result is this model:

$$\begin{aligned}\text{UD} &= \{\text{Larry, Curly, Moe, Shemp, Joe, Curly Joe}\} \\ \text{extension}(H) &= \{\text{Larry, Moe, Shemp}\} \\ \text{referent}(f) &= \text{Larry}\end{aligned}$$

You do not need to know anything about the Three Stooges in order to evaluate whether sentences are true or false in this *model*. Hf is true, since the referent of f (Larry) is in the extension of H . Both $\exists x Hx$ and $\exists x \neg Hx$ are true, since there is at least one member of the UD that is in the extension of H and at least one member that is not in the extension of H . In this way, the model captures all of the formal significance of the interpretation.

Now consider this interpretation:

UD: whole numbers less than 10
Ex: x is even.
Nx: x is negative.
Lxy: x is less than y .
Txyz: x times y equals z .

What is the model that goes with this interpretation? The UD is the set $\{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9\}$.

The extension of a one-place predicate like E or N is just the subset of the UD of which the predicate is true. Roughly speaking, the extension of the predicate E is the set of E s in the UD. The extension of E is the subset $\{2, 4, 6, 8\}$. There are many even numbers besides these four, but these are the only members of the UD that are even. There are no negative numbers in the UD, so N has an empty extension; i.e. $\text{extension}(N) = \emptyset$.

The extension of a two-place predicate like L is somewhat vexing. It seems as if the extension of L ought to contain 1, since 1 is less than all the other numbers; it ought to contain 2, since 2 is less than all of the other numbers besides 1; and so on. Every member of the UD besides 9 is less than some member of the UD. What would happen if we just wrote $\text{extension}(L) = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8\}$?

The problem is that sets can be written in any order, so this would be the same as writing $\text{extension}(L) = \{8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1\}$. This does not tell us which of the members of the set are less than which other members.

We need some way of showing that 1 is less than 8 but that 8 is not less than 1. The solution is to have the extension of L consist of pairs of numbers. An

ORDERED PAIR is like a set with two members, except that the order *does* matter. We write ordered pairs with angle brackets '<' and '>'. The ordered pair <foo, bar> is different than the ordered pair <bar, foo>. The extension of L is a collection of ordered pairs, all of the pairs of numbers in the UD such that the first number is less than the second. Writing this out completely:

$$\begin{aligned} \text{extension}(L) = \{ & \langle 1,2 \rangle, \langle 1,3 \rangle, \langle 1,4 \rangle, \langle 1,5 \rangle, \langle 1,6 \rangle, \langle 1,7 \rangle, \\ & \langle 1,8 \rangle, \langle 1,9 \rangle, \langle 2,3 \rangle, \langle 2,4 \rangle, \langle 2,5 \rangle, \langle 2,6 \rangle, \langle 2,7 \rangle, \langle 2,8 \rangle, \langle 2,9 \rangle, \\ & \langle 3,4 \rangle, \langle 3,5 \rangle, \langle 3,6 \rangle, \langle 3,7 \rangle, \langle 3,8 \rangle, \langle 3,9 \rangle, \langle 4,5 \rangle, \langle 4,6 \rangle, \langle 4,7 \rangle, \\ & \langle 4,8 \rangle, \langle 4,9 \rangle, \langle 5,6 \rangle, \langle 5,7 \rangle, \langle 5,8 \rangle, \langle 5,9 \rangle, \langle 6,7 \rangle, \langle 6,8 \rangle, \langle 6,9 \rangle, \\ & \langle 7,8 \rangle, \langle 7,9 \rangle, \langle 8,9 \rangle \} \end{aligned}$$

Three-place predicates will work similarly; the extension of a three-place predicate is a set of ordered triples where the predicate is true of those three things *in that order*. So the extension of T in this model will contain ordered triples like <2,4,8>, because $2 \times 4 = 8$.

Generally, the extension of an n -place predicate is a set of all ordered n -tuples $\langle a_1, a_2, \dots, a_n \rangle$ such that a_1 – a_n are members of the UD and the predicate is true of a_1 – a_n in that order.

5.3 Semantics for identity

Identity is a special predicate of QL. We write it a bit differently than other two-place predicates: $x = y$ instead of Ixy . We also do not need to include it in a symbolization key. The sentence $x = y$ always means ' x is identical to y ,' and it cannot be interpreted to mean anything else. In the same way, when you construct a model, you do not get to pick and choose which ordered pairs go into the extension of the identity predicate. It always contains just the ordered pair of each object in the UD with itself.

The sentence $\forall x Ixx$, which contains an ordinary two-place predicate, is contingent. Whether it is true for an interpretation depends on how you interpret I , and whether it is true in a model depends on the extension of I .

The sentence $\forall x x = x$ is a tautology. The extension of identity will always make it true.

Notice that although identity always has the same interpretation, it does not always have the same extension. The extension of identity depends on the UD. If the UD in a model is the set {Doug}, then extension(=) in that model is {<Doug, Doug>}. If the UD is the set {Doug, Omar}, then extension(=) in that model is {<Doug, Doug>, <Omar, Omar>}. And so on.

If the referent of two constants is the same, then anything which is true of one is true of the other. For example, if referent(a) = referent(b), then $Aa \leftrightarrow Ab$,

$Ba \leftrightarrow Bb$, $Ca \leftrightarrow Cb$, $Rca \leftrightarrow Rcb$, $\forall x Rxa \leftrightarrow \forall x Rxb$, and so on for any two sentences containing a and b . However, the reverse is not true.

It is possible that anything which is true of a is also true of b , yet for a and b still to have different referents. This may seem puzzling, but it is easy to construct a model that shows this. Consider this model:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{Rosencrantz, Guildenstern}\} \\ \text{referent}(a) &= \text{Rosencrantz} \\ \text{referent}(b) &= \text{Guildenstern} \\ \text{for all predicates } \mathcal{P}, \text{ extension}(\mathcal{P}) &= \emptyset \\ \text{extension}(=) &= \{\langle \text{Rosencrantz, Rosencrantz} \rangle, \\ &\quad \langle \text{Guildenstern, Guildenstern} \rangle\} \end{aligned}$$

This specifies an extension for every predicate of QL: All the infinitely-many predicates are empty. This means that both Aa and Ab are false, and they are equivalent; both Ba and Bb are false; and so on for any two sentences that contain a and b . Yet a and b refer to different things. We have written out the extension of identity to make this clear: The ordered pair $\langle \text{referent}(a), \text{referent}(b) \rangle$ is not in it. In this model, $a = b$ is false and $a \neq b$ is true.

5.4 Working with models

We will use the double turnstile symbol for QL much as we did for SL. ' $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ ' means that ' \mathcal{A} entails \mathcal{B} ': When \mathcal{A} and \mathcal{B} are two sentences of QL, $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ means that there is no model in which \mathcal{A} is true and \mathcal{B} is false. $\models \mathcal{A}$ means that \mathcal{A} is true in every model.

This allows us to give definitions for various concepts in QL. Because we are using the same symbol, these definitions will look similar to the definitions in SL. Remember, however, that the definitions in QL are in terms of *models* rather than in terms of truth value assignments.

A TAUTOLOGY IN QL is a sentence \mathcal{A} that is true in every model;
i.e., $\models \mathcal{A}$.

A CONTRADICTION IN QL is a sentence \mathcal{A} that is false in every model;
i.e., $\models \neg \mathcal{A}$.

A sentence is CONTINGENT IN QL if and only if it is neither a tautology nor a contradiction.

An argument " $\mathcal{P}_1, \mathcal{P}_2, \dots, \therefore \mathcal{C}$ " is VALID IN QL if and only if there is no model in which all of the premises are true and the conclusion is false; i.e., $\{\mathcal{P}_1, \mathcal{P}_2, \dots\} \models \mathcal{C}$. It is INVALID IN QL otherwise.

Two sentences \mathcal{A} and \mathcal{B} are LOGICALLY EQUIVALENT IN QL if and only if both $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \models \mathcal{A}$.

The set $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\}$ is CONSISTENT IN QL if and only if there is at least one model in which all of the sentences are true. The set is INCONSISTENT IN QL if and if only there is no such model.

Constructing models

Suppose we want to show that $\forall x Axx \rightarrow Bd$ is *not* a tautology. This requires showing that the sentence is not true in every model; i.e., that it is false in some model. If we can provide just one model in which the sentence is false, then we will have shown that the sentence is not a tautology.

What would such a model look like? In order for $\forall x Axx \rightarrow Bd$ to be false, the antecedent $(\forall x Axx)$ must be true, and the consequent (Bd) must be false.

To construct such a model, we start with a UD. It will be easier to specify extensions for predicates if we have a small UD, so start with a UD that has just one member. Formally, this single member might be anything. Let's say it is the city of Paris.

We want $\forall x Axx$ to be true, so we want all members of the UD to be paired with themselves in the extension of A ; this means that the extension of A must be $\{ \langle \text{Paris}, \text{Paris} \rangle \}$.

We want Bd to be false, so the referent of d must not be in the extension of B . We give B an empty extension.

Since Paris is the only member of the UD, it must be the referent of d . The model we have constructed looks like this:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{Paris}\} \\ \text{extension}(A) &= \{ \langle \text{Paris}, \text{Paris} \rangle \} \\ \text{extension}(B) &= \emptyset \\ \text{referent}(d) &= \text{Paris} \end{aligned}$$

Strictly speaking, a model specifies an extension for *every* predicate of QL and a referent for *every* constant. As such, it is generally impossible to write down a complete model. That would require writing down infinitely many extensions and infinitely many referents. However, we do not need to consider every predicate in order to show that there are models in which $\forall x Axx \rightarrow Bd$ is false. Predicates like H and constants like f_{13} make no difference to the truth or falsity of this sentence. It is enough to specify extensions for A and B and a referent for d , as we have done. This provides a *partial model* in which the sentence is false.

Perhaps you are wondering: What does the predicate A mean in English? The partial model could correspond to an interpretation like this one:

UD: Paris

Axy : x is in the same country as y .
 Bx : x was founded in the 20th century.
 d : the City of Lights

However, all that the partial model tells us is that A is a predicate which is true of Paris and Paris. There are indefinitely many predicates in English that have this extension. Axy might instead translate ‘ x is the same size as y ’ or ‘ x and y are both cities.’ Similarly, Bx is some predicate that does not apply to Paris; it might instead translate ‘ x is on an island’ or ‘ x is a subcompact car.’ When we specify the extensions of A and B , we do not specify what English predicates A and B should be used to translate. We are concerned with whether the $\forall xAxx \rightarrow Bd$ comes out true or false, and all that matters for truth and falsity in QL is the information in the model: the UD, the extensions of predicates, and the referents of constants.

We can just as easily show that $\forall xAxx \rightarrow Bd$ is not a contradiction. We need only specify a model in which $\forall xAxx \rightarrow Bd$ is true; i.e., a model in which either $\forall xAxx$ is false or Bd is true. Here is one such partial model:

$UD = \{\text{Paris}\}$
 $\text{extension}(A) = \{ \langle \text{Paris}, \text{Paris} \rangle \}$
 $\text{extension}(B) = \{\text{Paris}\}$
 $\text{referent}(d) = \text{Paris}$

We have now shown that $\forall xAxx \rightarrow Bd$ is neither a tautology nor a contradiction. By the definition of ‘contingent in QL,’ this means that $\forall xAxx \rightarrow Bd$ is contingent. In general, showing that a sentence is contingent will require two models: one in which the sentence is true and another in which the sentence is false.

Suppose we want to show that $\forall xSx$ and $\exists xSx$ are not logically equivalent. We need to construct a model in which the two sentences have different truth values; we want one of them to be true and the other to be false. We start by specifying a UD. Again, we make the UD small so that we can specify extensions easily. We will need at least two members. Let the UD be $\{\text{Duke}, \text{Miles}\}$. (If we chose a UD with only one member, the two sentences would end up with the same truth value. In order to see why, try constructing some partial models with one-member UDs.)

We can make $\exists xSx$ true by including something in the extension of S , and we can make $\forall xSx$ false by leaving something out of the extension of S . It does not matter which one we include and which one we leave out. Making Duke the only S , we get a partial model that looks like this:

$UD = \{\text{Duke}, \text{Miles}\}$
 $\text{extension}(S) = \{\text{Duke}\}$

This partial model shows that the two sentences are *not* logically equivalent.

Back on p. 65, we said that this argument would be invalid in QL:

$$\begin{array}{l} (Rc \& K_1c) \& Tc \\ \therefore Tc \& K_2c \end{array}$$

In order to show that it is invalid, we need to show that there is some model in which the premises are true and the conclusion is false. We can construct such a model deliberately. Here is one way to do it:

$$\begin{array}{l} \text{UD} = \{\text{Björk}\} \\ \text{extension}(T) = \{\text{Björk}\} \\ \text{extension}(K_1) = \{\text{Björk}\} \\ \text{extension}(K_2) = \emptyset \\ \text{extension}(R) = \{\text{Björk}\} \\ \text{referent}(c) = \text{Björk} \end{array}$$

Similarly, we can show that a set of sentences is consistent by constructing a model in which all of the sentences are true.

Reasoning about all models

We can show that a sentence is *not* a tautology just by providing one carefully specified model: a model in which the sentence is false. To show that something is a tautology, on the other hand, it would not be enough to construct ten, one hundred, or even a thousand models in which the sentence is true. It is only a tautology if it is true in *every* model, and there are infinitely many models. This cannot be avoided just by constructing partial models, because there are infinitely many partial models.

Consider, for example, the sentence $Raa \leftrightarrow Raa$. There are two logically distinct partial models of this sentence that have a 1-member UD. There are 32 distinct partial models that have a 2-member UD. There are 1526 distinct partial models that have a 3-member UD. There are 262,144 distinct partial models that have a 4-member UD. And so on to infinity. In order to show that this sentence is a tautology, we need to show something about all of these models. There is no hope of doing so by dealing with them one at a time.

Nevertheless, $Raa \leftrightarrow Raa$ is obviously a tautology. We can prove it with a simple argument:

There are two kinds of models: those in which $\langle \text{referent}(a), \text{referent}(a) \rangle$ is in the extension of R and those in which it is not. In the first kind of model, Raa is true; by the truth table for the biconditional, $Raa \leftrightarrow Raa$ is also true. In the second kind of model, Raa is false; this makes $Raa \leftrightarrow Raa$ true. Since the sentence is true in both kinds of model, and since every model is one of the two kinds, $Raa \leftrightarrow Raa$ is true in every model. Therefore, it is a tautology.

This argument is valid, of course, and its conclusion is true. However, it is not

an argument in QL. Rather, it is an argument in English *about* QL; it is an argument in the metalanguage. There is no formal procedure for evaluating or constructing natural language arguments like this one. The imprecision of natural language is the very reason we began thinking about formal languages.

There are further difficulties with this approach.

Consider the sentence $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$, another obvious tautology. It might be tempting to reason in this way: ‘ $Rxx \rightarrow Rxx$ is true in every model, so $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ must be true.’ The problem is that $Rxx \rightarrow Rxx$ is *not* true in every model. It is not a sentence, and so it is *neither* true *nor* false. We do not yet have the vocabulary to say what we want to say about $Rxx \rightarrow Rxx$. In the next section, we introduce the concept of *satisfaction*; after doing so, we will be better able to provide an argument that $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ is a tautology.

It is necessary to reason about an infinity of models to show that a sentence is a tautology. Similarly, it is necessary to reason about an infinity of models to show that a sentence is a contradiction, that two sentences are equivalent, that a set of sentences is inconsistent, or that an argument is valid. There are other things we can show by carefully constructing a model or two. Table 5.1 summarizes which things are which.

Tabela 5.1: It is relatively easy to answer a question if you can do it by constructing a model or two. It is much harder if you need to reason about all possible models. This table shows when constructing models is enough.

	YES	NO
Is \mathcal{A} a tautology?	show that \mathcal{A} must be true in any model	<i>construct a model</i> in which \mathcal{A} is false
Is \mathcal{A} a contradiction?	show that \mathcal{A} must be false in any model	<i>construct a model</i> in which \mathcal{A} is true
Is \mathcal{A} contingent?	<i>construct two models</i> , one in which \mathcal{A} is true and another in which \mathcal{A} is false	either show that \mathcal{A} is a tautology or show that \mathcal{A} is a contradiction
Are \mathcal{A} and \mathcal{B} equivalent?	show that \mathcal{A} and \mathcal{B} must have the same truth value in any model	<i>construct a model</i> in which \mathcal{A} and \mathcal{B} have different truth values
Is the set \mathbb{A} consistent?	<i>construct a model</i> in which all the sentences in \mathbb{A} are true	show that the sentences could not all be true in any model
Is the argument ‘ $\mathcal{P}, \therefore \mathcal{C}$ ’ valid?	show that any model in which \mathcal{P} is true must be a model in which \mathcal{C} is true	<i>construct a model</i> in which \mathcal{P} is true and \mathcal{C} is false

5.5 Truth in QL

For SL, we split the definition of truth into two parts: a truth value assignment (a) for sentence letters and a truth function (v) for all sentences. The truth function covered the way that complex sentences could be built out of sentence letters and connectives.

In the same way that truth for SL is always *truth given a truth value assignment*, truth for QL is *truth in a model*. The simplest atomic sentence of QL consists of a one-place predicate followed by a constant, like Pj . It is true in a model \mathbb{M} if and only if the referent of j is in the extension of P in \mathbb{M} .

We could go on in this way to define truth for all atomic sentences that contain only predicates and constants: Consider any sentence of the form $\mathcal{R}c_1 \dots c_n$ where \mathcal{R} is an n -place predicate and the c s are constants. It is true in \mathbb{M} if and only if $\langle \text{referent}(c_1), \dots, \text{referent}(c_n) \rangle$ is in $\text{extension}(\mathcal{R})$ in \mathbb{M} .

We could then define truth for sentences built up with sentential connectives in the same way we did for SL. For example, the sentence $(Pj \rightarrow Mda)$ is true in \mathbb{M} if either Pj is false in \mathbb{M} or Mda is true in \mathbb{M} .

Unfortunately, this approach will fail when we consider sentences containing quantifiers. Consider $\forall xPx$. When is it true in a model \mathbb{M} ? The answer cannot depend on whether Px is true or false in \mathbb{M} , because the x in Px is a free variable. Px is not a sentence. It is neither true nor false.

We were able to give a recursive definition of truth for SL because every well-formed formula of SL has a truth value. This is not true in QL, so we cannot define truth by starting with the truth of atomic sentences and building up. We also need to consider the atomic formulae which are not sentences. In order to do this we will define *satisfaction*; every well-formed formula of QL will be satisfied or not satisfied, even if it does not have a truth value. We will then be able to define *truth* for sentences of QL in terms of satisfaction.

Satisfaction

The formula Px says, roughly, that x is one of the P s. This cannot be quite right, however, because x is a variable and not a constant. It does not name any particular member of the UD. Instead, its meaning in a sentence is determined by the quantifier that binds it. The variable x must stand-in for every member of the UD in the sentence $\forall xPx$, but it only needs to stand-in for one member in $\exists xPx$. Since we want the definition of satisfaction to cover Px without any quantifier whatsoever, we will start by saying how to interpret a free variable like the x in Px .

We do this by introducing a *variable assignment*. Formally, this is a function

that matches up each variable with a member of the UD. Call this function ‘a.’ (The ‘a’ is for ‘assignment’, but this is not the same as the truth value assignment that we used in defining truth for SL.)

The formula Px is satisfied in a model \mathbb{M} by a variable assignment a if and only if $a(x)$, the object that a assigns to x , is in the extension of P in \mathbb{M} .

When is $\forall xPx$ satisfied? It is not enough if Px is satisfied in \mathbb{M} by a , because that just means that $a(x)$ is in $\text{extension}(P)$. $\forall xPx$ requires that every other member of the UD be in $\text{extension}(P)$ as well.

So we need another bit of technical notation: For any member Ω of the UD and any variable χ , let $a[\Omega|\chi]$ be the variable assignment that assigns Ω to χ but agrees with a in all other respects. We have used Ω , the Greek letter Omega, to underscore the fact that it is some member of the UD and not some symbol of QL. Suppose, for example, that the UD is presidents of the United States. The function $a[\text{Grover Cleveland}|x]$ assigns Grover Cleveland to the variable x , regardless of what a assigns to x ; for any other variable, $a[\text{Grover Cleveland}|x]$ agrees with a .

We can now say concisely that $\forall xPx$ is satisfied in a model \mathbb{M} by a variable assignment a if and only if, for every object Ω in the UD of \mathbb{M} , Px is satisfied in \mathbb{M} by $a[\Omega|x]$.

You may worry that this is circular, because it gives the satisfaction conditions for the sentence $\forall xPx$ using the phrase ‘for every object.’ However, it is important to remember the difference between a logical symbol like ‘ \forall ’ and an English language word like ‘every.’ The word is part of the metalanguage that we use in defining satisfaction conditions for object language sentences that contain the symbol.

We can now give a general definition of satisfaction, extending from the cases we have already discussed. We define a function s (for ‘satisfaction’) in a model \mathbb{M} such that for any wff \mathcal{A} and variable assignment a , $s(\mathcal{A}, a) = 1$ if \mathcal{A} is satisfied in \mathbb{M} by a ; otherwise $s(\mathcal{A}, a) = 0$.

1. If \mathcal{A} is an atomic wff of the form $\mathcal{P}t_1 \dots t_n$ and Ω_i is the object picked out by t_i , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } \langle \Omega_1 \dots \Omega_n \rangle \text{ is in } \text{extension}(\mathcal{P}) \text{ in } \mathbb{M}, \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

For each term t_i : If t_i is a constant, then $\Omega_i = \text{referent}(t_i)$. If t_i is a variable, then $\Omega_i = a(t_i)$.

2. If \mathcal{A} is $\neg\mathcal{B}$ for some wff \mathcal{B} , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } s(\mathcal{B}, a) = 0, \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

3. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \& \mathcal{C})$ for some wffs \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } s(\mathcal{B}, a) = 1 \text{ and } s(\mathcal{C}, a) = 1, \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

4. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \vee \mathcal{C})$ for some wffs \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 0 & \text{if } s(\mathcal{B}, a) = 0 \text{ and } s(\mathcal{C}, a) = 0, \\ 1 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

5. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C})$ for some wffs \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 0 & \text{if } s(\mathcal{B}, a) = 1 \text{ and } s(\mathcal{C}, a) = 0, \\ 1 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

6. If \mathcal{A} is $(\mathcal{B} \leftrightarrow \mathcal{C})$ for some sentences \mathcal{B}, \mathcal{C} , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } s(\mathcal{B}, a) = s(\mathcal{C}, a), \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

7. If \mathcal{A} is $\forall \chi \mathcal{B}$ for some wff \mathcal{B} and some variable χ , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } s(\mathcal{B}, a[\Omega|\chi]) = 1 \text{ for every member } \Omega \text{ of the UD,} \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

8. If \mathcal{A} is $\exists \chi \mathcal{B}$ for some wff \mathcal{B} and some variable χ , then

$$s(\mathcal{A}, a) = \begin{cases} 1 & \text{if } s(\mathcal{B}, a[\Omega|\chi]) = 1 \text{ for at least one member } \Omega \text{ of the UD,} \\ 0 & \text{otherwise.} \end{cases}$$

This definition follows the same structure as the definition of a wff for QL, so we know that every wff of QL will be covered by this definition. For a model \mathbb{M} and a variable assignment a , any wff will either be satisfied or not. No wffs are left out or assigned conflicting values.

Truth

Consider a simple sentence like $\forall x Px$. By part 7 in the definition of satisfaction, this sentence is satisfied if $a[\Omega|x]$ satisfies Px in \mathbb{M} for every Ω in the UD. By part 1 of the definition, this will be the case if every Ω is in the extension of P . Whether $\forall x Px$ is satisfied does not depend on the particular variable assignment a . If this sentence is satisfied, then it is true. This is a formalization of what we have said all along: $\forall x Px$ is true if everything in the UD is in the extension of P .

The same thing holds for any sentence of QL. Because all of the variables are bound, a sentence is satisfied or not regardless of the details of the variable

assignment. So we can define truth in this way: A sentence \mathcal{A} is TRUE IN \mathbb{M} if and only if some variable assignment satisfies \mathcal{A} in \mathbb{M} ; \mathcal{A} is FALSE IN \mathbb{M} otherwise.

Truth in QL is *truth in a model*. Sentences of QL are not flat-footedly true or false as mere symbols, but only relative to a model. A model provides the meaning of the symbols, insofar as it makes any difference to truth and falsity.

Reasoning about all models (reprise)

At the end of section 5.4, we were stymied when we tried to show that $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ is a tautology. Having defined satisfaction, we can now reason in this way:

Consider some arbitrary model \mathbb{M} . Now consider an arbitrary member of the UD; for the sake of convenience, call it Ω . It must be the case either that $\langle \Omega, \Omega \rangle$ is in the extension of R or that it is not. If $\langle \Omega, \Omega \rangle$ is in the extension of R , then Rxx is satisfied by a variable assignment that assigns Ω to x (by part 1 of the definition of satisfaction); since the consequent of $Rxx \rightarrow Rxx$ is satisfied, the conditional is satisfied (by part 5). If $\langle \Omega, \Omega \rangle$ is not in the extension of R , then Rxx is not satisfied by a variable assignment that assigns Ω to x (by part 1); since antecedent of $Rxx \rightarrow Rxx$ is not satisfied, the conditional is satisfied (by part 5). In either case, $Rxx \rightarrow Rxx$ is satisfied. This is true for any member of the UD, so $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ is satisfied by any truth value assignment (by part 7). So $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ is true in \mathbb{M} (by the definition of truth). This argument holds regardless of the exact UD and regardless of the exact extension of R , so $\forall x(Rxx \rightarrow Rxx)$ is true in any model. Therefore, it is a tautology.

Giving arguments about all possible models typically requires clever combination of two strategies:

1. Divide cases between two possible kinds, such that every case must be one kind or the other. In the argument on p. 94, for example, we distinguished two kinds of models based on whether or not a specific ordered pair was in $\text{extension}(R)$. In the argument above, we distinguished cases in which an ordered pair was in $\text{extension}(R)$ and cases in which it was not.
2. Consider an arbitrary object as a way of showing something more general. In the argument above, it was crucial that Ω was just some arbitrary member of the UD. We did not assume anything special about it. As such, whatever we could show to hold of Ω must hold of every member of the UD— if we could show it for Ω , we could show it for anything. In the same way, we did not assume anything special about \mathbb{M} , and so whatever we could show about \mathbb{M} must hold for all models.

Consider one more example. The argument $\forall x(Hx \& Jx) \therefore \forall xHx$ is obviously valid. We can only show that the argument is valid by considering what must be true in every model in which the premise is true.

Consider an arbitrary model \mathbb{M} in which the premise $\forall x(Hx \& Jx)$ is true. The conjunction $Hx \& Jx$ is satisfied regardless of what is assigned to x , so Hx must be also (by part 3 of the definition of satisfaction). As such, $(\forall x)Hx$ is satisfied by any variable assignment (by part 7 of the definition of satisfaction) and true in \mathbb{M} (by the definition of truth). Since we did not assume anything about \mathbb{M} besides $\forall x(Hx \& Jx)$ being true, $(\forall x)Hx$ must be true in any model in which $\forall x(Hx \& Jx)$ is true. So $\forall x(Hx \& Jx) \models \forall xHx$.

Even for a simple argument like this one, the reasoning is somewhat complicated. For longer arguments, the reasoning can be insufferable. The problem arises because talking about an infinity of models requires reasoning things out in English. What are we to do?

We might try to formalize our reasoning about models, codifying the divide-and-conquer strategies that we used above. This approach, originally called *semantic tableaux*, was developed in the 1950s by Evert Beth and Jaakko Hintikka. Their tableaux are now more commonly called *truth trees*.

A more traditional approach is to consider deductive arguments as proofs. A *proof system* consists of rules that formally distinguish between legitimate and illegitimate arguments— without considering models or the meanings of the symbols. In the next chapter, we develop proof systems for SL and QL.

Practice Exercises

★ **Part A** Determine whether each sentence is true or false in the model given.

UD = {Corwin, Benedict}
 extension(A) = {Corwin, Benedict}
 extension(B) = {Benedict}
 extension(N) = \emptyset
 referent(c) = Corwin

1. Bc
2. $Ac \leftrightarrow \neg Nc$
3. $Nc \rightarrow (Ac \vee Bc)$
4. $\forall xAx$
5. $\forall x\neg Bx$
6. $\exists x(Ax \& Bx)$
7. $\exists x(Ax \rightarrow Nx)$

8. $\forall x(Nx \vee \neg Nx)$
9. $\exists xBx \rightarrow \forall xAx$

★ **Part B** Determine whether each sentence is true or false in the model given.

$UD = \{\text{Waylan, Willy, Johnny}\}$
 $\text{extension}(H) = \{\text{Waylan, Willy, Johnny}\}$
 $\text{extension}(W) = \{\text{Waylan, Willy}\}$
 $\text{extension}(R) = \{\langle \text{Waylan, Willy} \rangle, \langle \text{Willy, Johnny} \rangle, \langle \text{Johnny, Waylan} \rangle\}$
 $\text{referent}(m) = \text{Johnny}$

1. $\exists x(Rxm \ \& \ Rmx)$
2. $\forall x(Rxm \vee Rmx)$
3. $\forall x(Hx \leftrightarrow Wx)$
4. $\forall x(Rxm \rightarrow Wx)$
5. $\forall x[Wx \rightarrow (Hx \ \& \ Wx)]$
6. $\exists xRxx$
7. $\exists x\exists yRxy$
8. $\forall x\forall yRxy$
9. $\forall x\forall y(Rxy \vee Ryx)$
10. $\forall x\forall y\forall z[(Rxy \ \& \ Ryz) \rightarrow Rxz]$

Part C Determine whether each sentence is true or false in the model given.

$UD = \{\text{Lemmy, Courtney, Eddy}\}$
 $\text{extension}(G) = \{\text{Lemmy, Courtney, Eddy}\}$
 $\text{extension}(H) = \{\text{Courtney}\}$
 $\text{extension}(M) = \{\text{Lemmy, Eddy}\}$
 $\text{referent}(c) = \text{Courtney}$
 $\text{referent}(e) = \text{Eddy}$

1. Hc
2. He
3. $Mc \vee Me$
4. $Gc \vee \neg Gc$
5. $Mc \rightarrow Gc$
6. $\exists xHx$
7. $\forall xHx$
8. $\exists x\neg Mx$
9. $\exists x(Hx \ \& \ Gx)$
10. $\exists x(Mx \ \& \ Gx)$
11. $\forall x(Hx \vee Mx)$
12. $\exists xHx \ \& \ \exists xMx$
13. $\forall x(Hx \leftrightarrow \neg Mx)$
14. $\exists xGx \ \& \ \exists x\neg Gx$
15. $\forall x\exists y(Gx \ \& \ Hy)$

★ **Part D** Write out the model that corresponds to the interpretation given.

UD: natural numbers from 10 to 13
 Ox: x is odd.
 Sx: x is less than 7.
 Tx: x is a two-digit number.
 Ux: x is thought to be unlucky.
 Nxy: x is the next number after y .

Part E Show that each of the following is contingent.

- ★ 1. $Da \ \& \ Db$
- ★ 2. $\exists x T x h$
- ★ 3. $P m \ \& \ \neg \forall x P x$
- 4. $\forall z J z \leftrightarrow \exists y J y$
- 5. $\forall x (W x m n \vee \exists y L x y)$
- 6. $\exists x (G x \rightarrow \forall y M y)$

★ **Part F** Show that the following pairs of sentences are not logically equivalent.

- 1. $J a, K a$
- 2. $\exists x J x, J m$
- 3. $\forall x R x x, \exists x R x x$
- 4. $\exists x P x \rightarrow Q c, \exists x (P x \rightarrow Q c)$
- 5. $\forall x (P x \rightarrow \neg Q x), \exists x (P x \ \& \ \neg Q x)$
- 6. $\exists x (P x \ \& \ Q x), \exists x (P x \rightarrow Q x)$
- 7. $\forall x (P x \rightarrow Q x), \forall x (P x \ \& \ Q x)$
- 8. $\forall x \exists y R x y, \exists x \forall y R x y$
- 9. $\forall x \exists y R x y, \forall x \exists y R y x$

Part G Show that the following sets of sentences are consistent.

- 1. $\{Ma, \neg Na, Pa, \neg Qa\}$
- 2. $\{Lee, Lef, \neg Lfe, \neg Lff\}$
- 3. $\{\neg(Ma \ \& \ \exists x Ax), Ma \vee Fa, \forall x (Fx \rightarrow Ax)\}$
- 4. $\{Ma \vee Mb, Ma \rightarrow \forall x \neg Mx\}$
- 5. $\{\forall y Gy, \forall x (Gx \rightarrow Hx), \exists y \neg Iy\}$
- 6. $\{\exists x (Bx \vee Ax), \forall x \neg Cx, \forall x [(Ax \ \& \ Bx) \rightarrow Cx]\}$
- 7. $\{\exists x Xx, \exists x Yx, \forall x (Xx \leftrightarrow \neg Yx)\}$
- 8. $\{\forall x (Px \vee Qx), \exists x \neg (Qx \ \& \ Px)\}$
- 9. $\{\exists z (Nz \ \& \ Ozz), \forall x \forall y (Oxy \rightarrow Oyx)\}$
- 10. $\{\neg \exists x \forall y Rxy, \forall x \exists y Rxy\}$

Part H Construct models to show that the following arguments are invalid.

1. $\forall x(Ax \rightarrow Bx), \therefore \exists xBx$
2. $\forall x(Rx \rightarrow Dx), \forall x(Rx \rightarrow Fx), \therefore \exists x(Dx \& Fx)$
3. $\exists x(Px \rightarrow Qx), \therefore \exists xPx$
4. $Na \& Nb \& Nc, \therefore \forall xNx$
5. $Rde, \exists xRxd, \therefore Red$
6. $\exists x(Ex \& Fx), \exists xFx \rightarrow \exists xGx, \therefore \exists x(Ex \& Gx)$
7. $\forall xOxc, \forall xOcx, \therefore \forall xOxx$
8. $\exists x(Jx \& Kx), \exists x\neg Kx, \exists x\neg Jx, \therefore \exists x(\neg Jx \& \neg Kx)$
9. $Lab \rightarrow \forall xLxb, \exists xLxb, \therefore Lbb$

Part I

- ★ 1. Show that $\{\neg Raa, \forall x(x = a \vee Rxa)\}$ is consistent.
- ★ 2. Show that $\{\forall x\forall y\forall z(x = y \vee y = z \vee x = z), \exists x\exists y x \neq y\}$ is consistent.
- ★ 3. Show that $\{\forall x\forall y x = y, \exists x x \neq a\}$ is inconsistent.
- 4. Show that $\exists x(x = h \& x = i)$ is contingent.
- 5. Show that $\{\exists x\exists y(Zx \& Zy \& x = y), \neg Zd, d = s\}$ is consistent.
- 6. Show that $\forall x(Dx \rightarrow \exists yTyx) \therefore \exists y\exists z y \neq z$ is invalid.

Part J

1. Many logic books define consistency and inconsistency in this way: “A set $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\}$ is inconsistent if and only if $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \mathcal{A}_3, \dots\} \models (\mathcal{B} \& \neg \mathcal{B})$ for some sentence \mathcal{B} . A set is consistent if it is not inconsistent.”

Does this definition lead to any different sets being consistent than the definition on p. 86? Explain your answer.

- ★ 2. Our definition of truth says that a sentence \mathcal{A} is TRUE IN \mathbb{M} if and only if some variable assignment satisfies \mathcal{A} in M . Would it make any difference if we said instead that \mathcal{A} is TRUE IN \mathbb{M} if and only if *every* variable assignment satisfies \mathcal{A} in M ? Explain your answer.

Chapter 6

Proofs

Consider two arguments in SL:

Argument A

$$\begin{array}{l} P \vee Q \\ \neg P \\ \therefore Q \end{array}$$

Argument B

$$\begin{array}{l} P \rightarrow Q \\ P \\ \therefore Q \end{array}$$

Clearly, these are valid arguments. You can confirm that they are valid by constructing four-line truth tables. Argument A makes use of an inference form that is always valid: Given a disjunction and the negation of one of the disjuncts, the other disjunct follows as a valid consequence. This rule is called *disjunctive syllogism*.

Argument B makes use of a different valid form: Given a conditional and its antecedent, the consequent follows as a valid consequence. This is called *modus ponens*.

When we construct truth tables, we do not need to give names to different inference forms. There is no reason to distinguish modus ponens from a disjunctive syllogism. For this same reason, however, the method of truth tables does not clearly show *why* an argument is valid. If you were to do a 1024-line truth table for an argument that contains ten sentence letters, then you could check to see if there were any lines on which the premises were all true and the conclusion were false. If you did not see such a line and provided you made no mistakes in constructing the table, then you would know that the argument was valid. Yet you would not be able to say anything further about why this particular argument was a valid argument form.

The aim of a *proof system* is to show that particular arguments are valid in a way that allows us to understand the reasoning involved in the argument. We

begin with basic argument forms, like disjunctive syllogism and modus ponens. These forms can then be combined to make more complicated arguments, like this one:

$$\begin{array}{l} (1) \quad \neg L \rightarrow (J \vee L) \\ (2) \quad \neg L \\ \therefore J \end{array}$$

By modus ponens, (1) and (2) entail $J \vee L$. This is an *intermediate conclusion*. It follows logically from the premises, but it is not the conclusion we want. Now $J \vee L$ and (2) entail J , by disjunctive syllogism. We do not need a new rule for this argument. The proof of the argument shows that it is really just a combination of rules we have already introduced.

Formally, a PROOF is a sequence of sentences. The first sentences of the sequence are assumptions; these are the premises of the argument. Every sentence later in the sequence follows from earlier sentences by one of the rules of proof. The final sentence of the sequence is the conclusion of the argument.

This chapter begins with a proof system for SL, which is then extended to cover QL and QL plus identity.

6.1 Basic rules for SL

In designing a proof system, we could just start with disjunctive syllogism and modus ponens. Whenever we discovered a valid argument which could not be proven with rules we already had, we could introduce new rules. Proceeding in this way, we would have an unsystematic grab bag of rules. We might accidentally add some strange rules, and we would surely end up with more rules than we need.

Instead, we will develop what is called a NATURAL DEDUCTION system. In a natural deduction system, there will be two rules for each logical operator: an INTRODUCTION rule that allows us to prove a sentence that has it as the main logical operator and an ELIMINATION rule that allows us to prove something given a sentence that has it as the main logical operator.

In addition to the rules for each logical operator, we will also have a reiteration rule. If you already have shown something in the course of a proof, the reiteration rule allows you to repeat it on a new line. For instance:

$$\begin{array}{l|l} 1 & \mathcal{A} \\ 2 & \mathcal{A} \quad \text{R 1} \end{array}$$

When we add a line to a proof, we write the rule that justifies that line. We also

write the numbers of the lines to which the rule was applied. The reiteration rule above is justified by one line, the line that you are reiterating. So the ‘R 1’ on line 2 of the proof means that the line is justified by the reiteration rule (R) applied to line 1.

Obviously, the reiteration rule will not allow us to show anything *new*. For that, we will need more rules. The remainder of this section will give introduction and elimination rules for all of the sentential connectives. This will give us a complete proof system for SL. Later in the chapter, we introduce rules for quantifiers and identity.

All of the rules introduced in this chapter are summarized starting on p. 154.

Conjunction

Think for a moment: What would you need to show in order to prove $E \& F$?

Of course, you could show $E \& F$ by proving E and separately proving F . This holds even if the two conjuncts are not atomic sentences. If you can prove $[(A \vee J) \rightarrow V]$ and $[(V \rightarrow L) \leftrightarrow (F \vee N)]$, then you have effectively proven

$$[(A \vee J) \rightarrow V] \& [(V \rightarrow L) \leftrightarrow (F \vee N)].$$

So this will be our conjunction introduction rule, which we abbreviate $\&I$:

$$\begin{array}{l|l} m & \mathcal{A} \\ n & \mathcal{B} \\ \hline & \mathcal{A} \& \mathcal{B} \quad \&I\ m, n \end{array}$$

A line of proof must be justified by some rule, and here we have ‘ $\&I\ m, n$.’ This means: Conjunction introduction applied to line m and line n . These are variables, not real line numbers; m is some line and n is some other line. In an actual proof, the lines are numbered 1, 2, 3, ... and rules must be applied to specific line numbers. When we define the rule, however, we use variables to underscore the point that the rule may be applied to any two lines that are already in the proof. If you have K on line 8 and L on line 15, you can prove $(K \& L)$ at some later point in the proof with the justification ‘ $\&I\ 8, 15$.’

Now, consider the elimination rule for conjunction. What are you entitled to conclude from a sentence like $E \& F$? Surely, you are entitled to conclude E ; if $E \& F$ were true, then E would be true. Similarly, you are entitled to conclude F . This will be our conjunction elimination rule, which we abbreviate $\&E$:

m	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$
	\mathcal{A} $\& \text{E } m$
	\mathcal{B} $\& \text{E } m$

When you have a conjunction on some line of a proof, you can use $\& \text{E}$ to derive either of the conjuncts. The $\& \text{E}$ rule requires only one sentence, so we write one line number as the justification for applying it.

Even with just these two rules, we can provide some proofs. Consider this argument.

$$\therefore [(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \& [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)]$$

The main logical operator in both the premise and conclusion is conjunction. Since conjunction is symmetric, the argument is obviously valid. In order to provide a proof, we begin by writing down the premise. After the premises, we draw a horizontal line— everything below this line must be justified by a rule of proof. So the beginning of the proof looks like this:

$$1 \quad \underline{[(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \& [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)]}$$

From the premise, we can get each of the conjuncts by $\& \text{E}$. The proof now looks like this:

$$\begin{array}{l|l} 1 & \underline{[(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \& [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)]} \\ 2 & [(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \quad \& \text{E } 1 \\ 3 & [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)] \quad \& \text{E } 1 \end{array}$$

The rule $\& \text{I}$ requires that we have each of the conjuncts available somewhere in the proof. They can be separated from one another, and they can appear in any order. So by applying the $\& \text{I}$ rule to lines 3 and 2, we arrive at the desired conclusion. The finished proof looks like this:

$$\begin{array}{l|l} 1 & \underline{[(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \& [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)]} \\ 2 & [(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \quad \& \text{E } 1 \\ 3 & [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)] \quad \& \text{E } 1 \\ 4 & [(E \vee F) \rightarrow (G \vee H)] \& [(A \vee B) \rightarrow (C \vee D)] \quad \& \text{I } 3, 2 \end{array}$$

This proof is trivial, but it shows how we can use rules of proof together to demonstrate the validity of an argument form. Also: Using a truth table to show that this argument is valid would have required a staggering 256 lines, since there are eight sentence letters in the argument.

Disjunction

If M were true, then $M \vee N$ would also be true. So the disjunction introduction rule (\vee I) allows us to derive a disjunction if we have one of the two disjuncts:

m	\mathcal{A}	
	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	\vee I m
	$\mathcal{B} \vee \mathcal{A}$	\vee I m

Notice that \mathcal{B} can be *any* sentence whatsoever. So the following is a legitimate proof:

1	M	
2	$M \vee ((A \leftrightarrow B) \rightarrow (C \& D)) \leftrightarrow [E \& F]$	\vee I 1

It may seem odd that just by knowing M we can derive a conclusion that includes sentences like A , B , and the rest—sentences that have nothing to do with M . Yet the conclusion follows immediately by \vee I. This is as it should be: The truth conditions for the disjunction mean that, if \mathcal{A} is true, then $\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$ is true regardless of what \mathcal{B} is. So the conclusion could not be false if the premise were true; the argument is valid.

Now consider the disjunction elimination rule. What can you conclude from $M \vee N$? You cannot conclude M . It might be M 's truth that makes $M \vee N$ true, as in the example above, but it might not. From $M \vee N$ alone, you cannot conclude anything about either M or N specifically. If you also knew that N was false, however, then you would be able to conclude M .

This is just disjunctive syllogism, it will be the disjunction elimination rule (\vee E).

m	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$			m	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	
n	$\neg \mathcal{B}$			n	$\neg \mathcal{A}$	
	\mathcal{A}	\vee E m, n			\mathcal{B}	\vee E m, n

Conditional

Consider this argument:

$$\begin{array}{l} R \vee F \\ \therefore \neg R \rightarrow F \end{array}$$

The argument is certainly a valid one. What should the conditional introduction rule be, such that we can draw this conclusion?

We begin the proof by writing down the premise of the argument and drawing a horizontal line, like this:

$$1 \quad \left| \begin{array}{l} R \vee F \\ \hline \end{array} \right.$$

If we had $\neg R$ as a further premise, we could derive F by the $\vee E$ rule. We do not have $\neg R$ as a premise of this argument, nor can we derive it directly from the premise we do have— so we cannot simply prove F . What we will do instead is start a *subproof*, a proof within the main proof. When we start a subproof, we draw another vertical line to indicate that we are no longer in the main proof. Then we write in an assumption for the subproof. This can be anything we want. Here, it will be helpful to assume $\neg R$. Our proof now looks like this:

$$\begin{array}{l} 1 \quad \left| \begin{array}{l} R \vee F \\ \hline \end{array} \right. \\ 2 \quad \left| \begin{array}{l} \left| \neg R \right. \\ \hline \end{array} \right. \end{array}$$

It is important to notice that we are not claiming to have proven $\neg R$. We do not need to write in any justification for the assumption line of a subproof. You can think of the subproof as posing the question: What could we show *if* $\neg R$ were true? For one thing, we can derive F . So we do:

$$\begin{array}{l} 1 \quad \left| \begin{array}{l} R \vee F \\ \hline \end{array} \right. \\ 2 \quad \left| \begin{array}{l} \left| \neg R \right. \\ \hline \end{array} \right. \\ 3 \quad \left| \begin{array}{l} \left| \begin{array}{l} F \\ \hline \end{array} \right. \quad \vee E \ 1, 2 \end{array} \right. \end{array}$$

This has shown that *if* we had $\neg R$ as a premise, *then* we could prove F . In effect, we have proven $\neg R \rightarrow F$. So the conditional introduction rule ($\rightarrow I$) will allow us to close the subproof and derive $\neg R \rightarrow F$ in the main proof. Our final proof looks like this:

$$\begin{array}{l} 1 \quad \left| \begin{array}{l} R \vee F \\ \hline \end{array} \right. \\ 2 \quad \left| \begin{array}{l} \left| \neg R \right. \\ \hline \end{array} \right. \\ 3 \quad \left| \begin{array}{l} \left| \begin{array}{l} F \\ \hline \end{array} \right. \quad \vee E \ 1, 2 \end{array} \right. \\ 4 \quad \neg R \rightarrow F \quad \rightarrow I \ 2-3 \end{array}$$

Notice that the justification for applying the $\rightarrow I$ rule is the entire subproof. Usually that will be more than just two lines.

It may seem as if the ability to assume anything at all in a subproof would lead

to chaos: Does it allow you to prove any conclusion from any premises? The answer is no, it does not. Consider this proof:

1		\mathcal{A}	
2			\mathcal{B}
3			\mathcal{B} R 2

It may seem as if this is a proof that you can derive any conclusions \mathcal{B} from any premise \mathcal{A} . When the vertical line for the subproof ends, the subproof is *closed*. In order to complete a proof, you must close all of the subproofs. And you cannot close the subproof and use the R rule again on line 4 to derive \mathcal{B} in the main proof. Once you close a subproof, you cannot refer back to individual lines inside it.

Closing a subproof is called *discharging* the assumptions of that subproof. So we can put the point this way: You cannot complete a proof until you have discharged all of the assumptions besides the original premises of the argument.

Of course, it is legitimate to do this:

1		\mathcal{A}	
2			\mathcal{B}
3			\mathcal{B} R 2
4		$\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{B}$	\rightarrow I 2–3

This should not seem so strange, though. Since $\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{B}$ is a tautology, no particular premises should be required to validly derive it. (Indeed, as we will see, a tautology follows from any premises.)

Put in a general form, the \rightarrow I rule looks like this:

m			\mathcal{A}	want \mathcal{B}
n			\mathcal{B}	
		$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	\rightarrow I m – n	

When we introduce a subproof, we typically write what we want to derive in the column. This is just so that we do not forget why we started the subproof if it goes on for five or ten lines. There is no ‘want’ rule. It is a note to ourselves and not formally part of the proof.

Although it is always permissible to open a subproof with any assumption you please, there is some strategy involved in picking a useful assumption. Starting a subproof with an arbitrary, wacky assumption would just waste lines of the

proof. In order to derive a conditional by the \rightarrow I, for instance, you must assume the antecedent of the conditional in a subproof.

The \rightarrow I rule also requires that the consequent of the conditional be the last line of the subproof. It is always permissible to close a subproof and discharge its assumptions, but it will not be helpful to do so until you get what you want.

Now consider the conditional elimination rule. Nothing follows from $M \rightarrow N$ alone, but if we have both $M \rightarrow N$ and M , then we can conclude N . This rule, modus ponens, will be the conditional elimination rule (\rightarrow E).

m	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	
n	\mathcal{A}	
	\mathcal{B}	\rightarrow E m, n

Now that we have rules for the conditional, consider this argument:

$$\begin{array}{l} P \rightarrow Q \\ Q \rightarrow R \\ \therefore P \rightarrow R \end{array}$$

We begin the proof by writing the two premises as assumptions. Since the main logical operator in the conclusion is a conditional, we can expect to use the \rightarrow I rule. For that, we need a subproof— so we write in the antecedent of the conditional as assumption of a subproof:

1	$P \rightarrow Q$
2	$Q \rightarrow R$
3	<div style="display: inline-block; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px;"> P </div>

We made P available by assuming it in a subproof, allowing us to use \rightarrow E on the first premise. This gives us Q , which allows us to use \rightarrow E on the second premise. Having derived R , we close the subproof. By assuming P we were able to prove R , so we apply the \rightarrow I rule and finish the proof.

1	$P \rightarrow Q$	
2	$Q \rightarrow R$	
3	<div style="display: inline-block; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px;"> P </div>	want R
4	<div style="display: inline-block; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px;"> Q </div>	\rightarrow E 1, 3
5	<div style="display: inline-block; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px;"> R </div>	\rightarrow E 2, 4
6	$P \rightarrow R$	\rightarrow I 3–5

Biconditional

The rules for the biconditional will be like double-barreled versions of the rules for the conditional.

In order to derive $W \leftrightarrow X$, for instance, you must be able to prove X by assuming W *and* prove W by assuming X . The biconditional introduction rule (\leftrightarrow I) requires two subproofs. The subproofs can come in any order, and the second subproof does not need to come immediately after the first— but schematically, the rule works like this:

m		\mathcal{A}	want \mathcal{B}
n		\mathcal{B}	
p		\mathcal{B}	want \mathcal{A}
q		\mathcal{A}	
		$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$	\leftrightarrow I $m-n, p-q$

The biconditional elimination rule (\leftrightarrow E) lets you do a bit more than the conditional rule. If you have the left-hand subsentence of the biconditional, you can derive the right-hand subsentence. If you have the right-hand subsentence, you can derive the left-hand subsentence. This is the rule:

m		$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$		m		$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$	
n		\mathcal{A}		n		\mathcal{B}	
		\mathcal{B}	\leftrightarrow E m, n			\mathcal{A}	\leftrightarrow E m, n

Negation

Here is a simple mathematical argument in English:

Assume there is some greatest natural number. Call it A .
 That number plus one is also a natural number.
 Obviously, $A + 1 > A$.
 So there is a natural number greater than A .
 This is impossible, since A is assumed to be the greatest natural number.
 \therefore There is no greatest natural number.

This argument form is traditionally called a *reductio*. Its full Latin name is *reductio ad absurdum*, which means ‘reduction to absurdity.’ In a *reductio*, we assume something for the sake of argument— for example, that there is a greatest natural number. Then we show that the assumption leads to two

contradictory sentences— for example, that A is the greatest natural number and that it is not. In this way, we show that the original assumption must have been false.

The basic rules for negation will allow for arguments like this. If we assume something and show that it leads to contradictory sentences, then we have proven the negation of the assumption. This is the negation introduction (\neg I) rule:

m		\mathcal{A}	for reductio
n		\mathcal{B}	
$n + 1$		$\neg\mathcal{B}$	
$n + 2$		$\neg\mathcal{A}$	\neg I m – $n + 1$

For the rule to apply, the last two lines of the subproof must be an explicit contradiction: some sentence followed on the next line by its negation. We write ‘for reductio’ as a note to ourselves, a reminder of why we started the subproof. It is not formally part of the proof, and you can leave it out if you find it distracting.

To see how the rule works, suppose we want to prove the law of non-contradiction: $\neg(G \& \neg G)$. We can prove this without any premises by immediately starting a subproof. We want to apply \neg I to the subproof, so we assume $(G \& \neg G)$. We then get an explicit contradiction by $\&$ E. The proof looks like this:

1		$G \& \neg G$	for reductio
2		G	$\&$ E 1
3		$\neg G$	$\&$ E 1
4		$\neg(G \& \neg G)$	\neg I 1–3

The \neg E rule will work in much the same way. If we assume $\neg\mathcal{A}$ and show that it leads to a contradiction, we have effectively proven \mathcal{A} . So the rule looks like this:

m		$\neg\mathcal{A}$	for reductio
n		\mathcal{B}	
$n + 1$		$\neg\mathcal{B}$	
$n + 2$		\mathcal{A}	\neg E m – $n + 1$

6.2 Derived rules

The rules of the natural deduction system are meant to be systematic. There is an introduction and an elimination rule for each logical operator, but why these basic rules rather than some others? Many natural deduction systems have a disjunction elimination rule that works like this:

m	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	
n	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{C}$	
o	$\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C}$	
	\mathcal{C}	DIL m, n, o

Let's call this rule Dilemma (DIL). It might seem as if there will be some proofs that we cannot do with our proof system, because we do not have this as a basic rule. Yet this is not the case. Any proof that you can do using the Dilemma rule can be done with basic rules of our natural deduction system. Consider this proof:

1	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	
2	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{C}$	
3	$\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C}$	want \mathcal{C}
4	$\neg \mathcal{C}$	for reductio
5	\mathcal{A}	for reductio
6	\mathcal{C}	\rightarrow E 2, 5
7	$\neg \mathcal{C}$	R 4
8	$\neg \mathcal{A}$	\neg I 5–7
9	\mathcal{B}	for reductio
10	\mathcal{C}	\rightarrow E 3, 9
11	$\neg \mathcal{C}$	R 4
12	\mathcal{B}	\vee E 1, 8
13	$\neg \mathcal{B}$	\neg I 9–11
14	\mathcal{C}	\neg E 4–13

\mathcal{A} , \mathcal{B} , and \mathcal{C} are meta-variables. They are not symbols of SL, but stand-ins for arbitrary sentences of SL. So this is not, strictly speaking, a proof in SL. It is more like a recipe. It provides a pattern that can prove anything that the Dilemma rule can prove, using only the basic rules of SL. This means that the

Dilemma rule is not really necessary. Adding it to the list of basic rules would not allow us to derive anything that we could not derive without it.

Nevertheless, the Dilemma rule would be convenient. It would allow us to do in one line what requires eleven lines and several nested subproofs with the basic rules. So we will add it to the proof system as a derived rule.

A DERIVED RULE is a rule of proof that does not make any new proofs possible. Anything that can be proven with a derived rule can be proven without it. You can think of a short proof using a derived rule as shorthand for a longer proof that uses only the basic rules. Anytime you use the Dilemma rule, you could always take ten extra lines and prove the same thing without it.

For the sake of convenience, we will add several other derived rules. One is *modus tollens* (MT).

$$\begin{array}{l|l}
 m & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B} \\
 n & \neg \mathcal{B} \\
 & \neg \mathcal{A} \qquad \text{MT } m, n
 \end{array}$$

We leave the proof of this rule as an exercise. Note that if we had already proven the MT rule, then the proof of the DIL rule could have been done in only five lines.

We also add hypothetical syllogism (HS) as a derived rule. We have already given a proof of it on p. 111.

$$\begin{array}{l|l}
 m & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B} \\
 n & \mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C} \\
 & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{C} \qquad \text{HS } m, n
 \end{array}$$

6.3 Rules of replacement

Consider how you would prove this argument: $F \rightarrow (G \& H), \therefore F \rightarrow G$

Perhaps it is tempting to write down the premise and apply the $\&E$ rule to the conjunction $(G \& H)$. This is impermissible, however, because the basic rules of proof can only be applied to whole sentences. We need to get $(G \& H)$ on a line by itself. We can prove the argument in this way:

1	$F \rightarrow (G \& H)$	
2	F	want G
3	$G \& H$	$\rightarrow E$ 1, 2
4	G	$\& E$ 3
5	$F \rightarrow G$	$\rightarrow I$ 2–4

We will now introduce some derived rules that may be applied to part of a sentence. These are called RULES OF REPLACEMENT, because they can be used to replace part of a sentence with a logically equivalent expression. One simple rule of replacement is commutivity (abbreviated Comm), which says that we can swap the order of conjuncts in a conjunction or the order of disjuncts in a disjunction. We define the rule this way:

$$\begin{aligned} (\mathcal{A} \& \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \& \mathcal{A}) \\ (\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \vee \mathcal{A}) \\ (\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \leftrightarrow \mathcal{A}) \quad \text{Comm} \end{aligned}$$

The bold arrow means that you can take a subformula on one side of the arrow and replace it with the subformula on the other side. The arrow is double-headed because rules of replacement work in both directions.

Consider this argument: $(M \vee P) \rightarrow (P \& M)$, $\therefore (P \vee M) \rightarrow (M \& P)$

It is possible to give a proof of this using only the basic rules, but it will be long and inconvenient. With the Comm rule, we can provide a proof easily:

1	$(M \vee P) \rightarrow (P \& M)$	
2	$(P \vee M) \rightarrow (P \& M)$	Comm 1
3	$(P \vee M) \rightarrow (M \& P)$	Comm 2

Another rule of replacement is double negation (DN). With the DN rule, you can remove or insert a pair of negations anywhere in a sentence. This is the rule:

$$\neg\neg\mathcal{A} \iff \mathcal{A} \quad \text{DN}$$

Two more replacement rules are called De Morgan's Laws, named for the 19th-century British logician August De Morgan. (Although De Morgan did discover these laws, he was not the first to do so.) The rules capture useful relations between negation, conjunction, and disjunction. Here are the rules, which we abbreviate DeM:

$$\begin{aligned}\neg(\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\neg\mathcal{A} \& \neg\mathcal{B}) \\ \neg(\mathcal{A} \& \mathcal{B}) &\iff (\neg\mathcal{A} \vee \neg\mathcal{B}) \quad \text{DeM}\end{aligned}$$

Because $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ is a *material conditional*, it is equivalent to $\neg\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$. A further replacement rule captures this equivalence. We abbreviate the rule MC, for ‘material conditional.’ It takes two forms:

$$\begin{aligned}(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) &\iff (\neg\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) \\ (\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\neg\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) \quad \text{MC}\end{aligned}$$

Now consider this argument: $\neg(P \rightarrow Q), \therefore P \& \neg Q$

As always, we could prove this argument using only the basic rules. With rules of replacement, though, the proof is much simpler:

1	$\neg(P \rightarrow Q)$	
2	$\neg(\neg P \vee Q)$	MC 1
3	$\neg\neg P \& \neg Q$	DeM 2
4	$P \& \neg Q$	DN 3

A final replacement rule captures the relation between conditionals and biconditionals. We will call this rule biconditional exchange and abbreviate it $\leftrightarrow\text{ex}$.

$$[(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) \& (\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{A})] \iff (\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}) \quad \leftrightarrow\text{ex}$$

6.4 Rules for quantifiers

For proofs in QL, we use all of the basic rules of SL plus four new basic rules: both introduction and elimination rules for each of the quantifiers.

Since all of the derived rules of SL are derived from the basic rules, they will also hold in QL. We will add another derived rule, a replacement rule called quantifier negation.

Substitution instances

In order to concisely state the rules for the quantifiers, we need a way to mark the relation between quantified sentences and their instances. For example, the sentence Pa is a particular instance of the general claim $\forall xPx$.

For a wff \mathcal{A} , a constant c , and a variable χ , define a SUBSTITUTION INSTANCE of $\forall\chi\mathcal{A}$ or $\exists\chi\mathcal{A}$ is the wff that we get by replacing every occurrence of χ in \mathcal{A} with c . We call c the INSTANTIATING CONSTANT.

To underscore the fact that the variable χ is replaced by the instantiating constant c , we will write the original quantified expressions as $\forall\chi\mathcal{A}\chi$ and $\exists\chi\mathcal{A}\chi$. And we will write the substitution instance $\mathcal{A}c$.

Note that \mathcal{A} , χ , and c are all meta-variables. That is, they are stand-ins for any wff, variable, and constant whatsoever. And when we write $\mathcal{A}c$, the constant c may occur multiple times in the wff \mathcal{A} .

For example:

- ▷ $Aa \rightarrow Ba$, $Af \rightarrow Bf$, and $Ak \rightarrow Bk$ are all substitution instances of $\forall x(Ax \rightarrow Bx)$; the instantiating constants are a , f , and k , respectively.
- ▷ Raj , Rdj , and Rjj are substitution instances of $\exists zRzj$; the instantiating constants are a , d , and j , respectively.

Universal elimination

If you have $\forall xAx$, it is legitimate to infer that anything is an A . You can infer Aa , Ab , Az , Ad_3 . You can infer any substitution instance, $\mathcal{A}c$ for any constant c .

This is the general form of the universal elimination rule ($\forall E$):

$$\begin{array}{l|l} m & \forall\chi\mathcal{A}\chi \\ & \mathcal{A}c \quad \forall E \ m \end{array}$$

When using the $\forall E$ rule, you write the substituted sentence with the constant c replacing all occurrences of the variable χ in \mathcal{A} . For example:

$$\begin{array}{l|l} 1 & \forall x(Mx \rightarrow Rxd) \\ 2 & Ma \rightarrow Rad \quad \forall E \ 1 \\ 3 & Md \rightarrow Rdd \quad \forall E \ 1 \end{array}$$

Existential introduction

It is legitimate to infer $\exists xPx$ if you know that *something* is a P . It might be any particular thing at all. For example, if you have Pa available in the proof, then $\exists xPx$ follows.

This is the existential introduction rule ($\exists\text{I}$):

m	$\mathcal{A}c$	
	$\exists\chi\mathcal{A}\chi$	$\exists\text{I } m$

It is important to notice that the variable χ does not need to replace all occurrences of the constant c . You can decide which occurrences to replace and which to leave in place. For example:

1	$Ma \rightarrow Rad$	
2	$\exists x(Ma \rightarrow Rax)$	$\exists\text{I } 1$
3	$\exists x(Mx \rightarrow Rxd)$	$\exists\text{I } 1$
4	$\exists x(Mx \rightarrow Rad)$	$\exists\text{I } 1$
5	$\exists y\exists x(Mx \rightarrow Ryd)$	$\exists\text{I } 4$
6	$\exists z\exists y\exists x(Mx \rightarrow Ryz)$	$\exists\text{I } 5$

Universal introduction

A universal claim like $\forall xPx$ would be proven if every substitution instance of it had been proven. That is, if every sentence Pa , Pb , \dots were available in a proof, then you would certainly be entitled to claim $\forall xPx$. Alas, there is no hope of proving *every* substitution instance. That would require proving Pa , Pb , \dots , Pj_2 , \dots , Ps_7 , \dots , and so on to infinity. There are infinitely many constants in QL, and so this process would never come to an end.

Consider instead a simple argument: $\forall xMx, \therefore \forall yMy$

It makes no difference to the meaning of the sentence whether we use the variable x or the variable y , so this argument is obviously valid. Suppose we begin in this way:

1	$\forall xMx$	want $\forall yMy$
2	Ma	$\forall\text{E } 1$

We have derived Ma . Nothing stops us from using the same justification to derive Mb , \dots , Mj_2 , \dots , Ms_7 , \dots , and so on until we run out of space or patience. We have effectively shown the way to prove Mc for any constant c . From this, $\forall yMy$ follows.

1	$\forall x Mx$	
2	Ma	$\forall E$ 1
3	$\forall y My$	$\forall I$ 2

It is important here that a was just some arbitrary constant. We had not made any special assumptions about it. If Ma were a premise of the argument, then this would not show anything about *all* y . For example:

1	$\forall x Rxa$	
2	Raa	$\forall E$ 1
3	$\forall y Ryy$	not allowed!

This is the schematic form of the universal introduction rule ($\forall I$):

m	$\mathcal{A}c^*$	
	$\forall \chi \mathcal{A}\chi$	$\forall I$ m

* The constant c must not occur in any undischarged assumption.

Note that we can do this for any constant that does not occur in an undischarged assumption and for any variable.

Note also that the constant may not occur in any *undischarged* assumption, but it may occur as the assumption of a subproof that we have already closed. For example, we can prove $\forall z(Dz \rightarrow Dz)$ without any premises.

1	Df	want Df
2	Df	R 1
3	$Df \rightarrow Df$	$\rightarrow I$ 1–2
4	$\forall z(Dz \rightarrow Dz)$	$\forall I$ 3

Existential elimination

A sentence with an existential quantifier tells us that there is *some* member of the UD that satisfies a formula. For example, $\exists x Sx$ tells us (roughly) that there is at least one S . It does not tell us *which* member of the UD satisfies S , however. We cannot immediately conclude Sa , Sf_{23} , or any other substitution instance of the sentence. What can we do?

Suppose that we knew both $\exists x Sx$ and $\forall x(Sx \rightarrow Tx)$. We could reason in this way:

Since $\exists xSx$, there is something that is an S . We do not know which constants refer to this thing, if any do, so call this thing ‘Ishmael’. From $\forall x(Sx \rightarrow Tx)$, it follows that if Ishmael is an S , then it is a T . Therefore, Ishmael is a T . Because Ishmael is a T , we know that $\exists xTx$.

In this paragraph, we introduced a name for the thing that is an S . We gave it an arbitrary name (‘Ishmael’) so that we could reason about it and derive some consequences from there being an S . Since ‘Ishmael’ is just a bogus name introduced for the purpose of the proof and not a genuine constant, we could not mention it in the conclusion. Yet we could derive a sentence that does not mention Ishmael; namely, $\exists xTx$. This sentence does follow from the two premises.

We want the existential elimination rule to work in a similar way. Yet since English language words like ‘Ishmael’ are not symbols of QL, we cannot use them in formal proofs. Instead, we will use constants of QL which do not otherwise appear in the proof.

A constant that is used to stand in for whatever it is that satisfies an existential claim is called a **PROXY**. Reasoning with the proxy must all occur inside a subproof, and the proxy cannot be a constant that is doing work elsewhere in the proof.

This is the schematic form of the existential elimination rule ($\exists E$):

$$\begin{array}{c|c|c}
 m & \exists x\mathcal{A}x & \\
 n & \left| \begin{array}{c|c} \mathcal{A}c^* & \\ \hline \mathcal{B} & \end{array} \right. & \\
 p & \left| \begin{array}{c|c} \mathcal{B} & \end{array} \right. & \exists E \ m, n-p
 \end{array}$$

* The constant c must not appear in $\exists x\mathcal{A}x$, in \mathcal{B} , or in any undischarged assumption.

Since the proxy constant is just a place holder that we use inside the subproof, it cannot be something that we know anything particular about. So it cannot appear in the original sentence $\exists x\mathcal{A}x$ or in an undischarged assumption. Moreover, we do not learn anything about the proxy constant by using the $\exists E$ rule. So it cannot appear in \mathcal{B} , the sentence you prove using $\exists E$.

The easiest way to satisfy these requirements is to pick an entirely new constant when you start the subproof, and then not to use that constant anywhere else in the proof. Once you close the subproof, do not mention it again.

With this rule, we can give a formal proof that $\exists xSx$ and $\forall x(Sx \rightarrow Tx)$ together entail $\exists xTx$.

1	$\exists xSx$	
2	$\forall x(Sx \rightarrow Tx)$	want $\exists xTx$
3	Si	
4	$Si \rightarrow Ti$	$\forall E$ 2
5	Ti	$\rightarrow E$ 3, 4
6	$\exists xTx$	$\exists I$ 5
7	$\exists xTx$	$\exists E$ 1, 3–6

Notice that this has effectively the same structure as the English-language argument with which we began, except that the subproof uses the proxy constant ‘ i ’ rather than the bogus name ‘Ishmael’.

Quantifier negation

When translating from English to QL, we noted that $\neg\exists x\neg\mathcal{A}$ is logically equivalent to $\forall x\mathcal{A}$. In QL, they are provably equivalent. We can prove one half of the equivalence with a rather gruesome proof:

1	$\forall xAx$	want $\neg\exists x\neg Ax$
2	$\exists x\neg Ax$	for reductio
3	$\neg Ac$	for $\exists E$
4	$\forall xAx$	for reductio
5	Ac	$\forall E$ 1
6	$\neg Ac$	R 3
7	$\neg\forall xAx$	$\neg I$ 4–6
8	$\forall xAx$	R 1
9	$\neg\forall xAx$	$\exists E$ 2, 3–7
10	$\neg\exists x\neg Ax$	$\neg I$ 2–9

In order to show that the two sentences are genuinely equivalent, we need a second proof that assumes $\neg\exists x\neg\mathcal{A}$ and derives $\forall x\mathcal{A}$. We leave that proof as an exercise for the reader.

It will often be useful to translate between quantifiers by adding or subtracting negations in this way, so we add two derived rules for this purpose. These rules are called quantifier negation (QN):

$$\begin{aligned}\neg\forall x\mathcal{A} &\iff \exists x\neg\mathcal{A} \\ \neg\exists x\mathcal{A} &\iff \forall x\neg\mathcal{A} \quad \text{QN}\end{aligned}$$

Since QN is a replacement rule, it can be used on whole sentences or on subformulae.

6.5 Rules for identity

The identity predicate is not part of QL, but we add it when we need to symbolize certain sentences. For proofs involving identity, we add two rules of proof.

Suppose you know that many things that are true of a are also true of b . For example: $Aa \& Ab$, $Ba \& Bb$, $\neg Ca \& \neg Cb$, $Da \& Db$, $\neg Ea \& \neg Eb$, and so on. This would not be enough to justify the conclusion $a = b$. (See p. 91.) In general, there are no sentences that do not already contain the identity predicate that could justify the conclusion $a = b$. This means that the identity introduction rule will not justify $a = b$ or any other identity claim containing two different constants.

However, it is always true that $a = a$. In general, no premises are required in order to conclude that something is identical to itself. So this will be the identity introduction rule, abbreviated =I:

$$\left| \begin{array}{l} c = c \end{array} \right. \quad =I$$

Notice that the =I rule does not require referring to any prior lines of the proof. For any constant c , you can write $c = c$ on any point with only the =I rule as justification.

If you have shown that $a = b$, then anything that is true of a must also be true of b . For any sentence with a in it, you can replace some or all of the occurrences of a with b and produce an equivalent sentence. For example, if you already know Raa , then you are justified in concluding Rab , Rba , Rbb .

The identity elimination rule (=E) allows us to do this. It justifies replacing terms with other terms that are identical to it.

For writing the rule, we will introduce a new bit of symbolism. For a sentence \mathcal{A} and constants c and d , $\mathcal{A}c \odot d$ is a sentence produced by replacing some or all instances of c in \mathcal{A} with d or replacing instances of d with c . This is not the same as a substitution instance, because one constant need not replace every occurrence of the other (although it may).

We can now concisely write =E in this way:

m	$c = d$	
n	\mathcal{A}	
	$\mathcal{A}c \odot d$	$=E\ m, n$

To see the rules in action, consider this proof:

1	$\forall x \forall y\ x = y$	
2	$\exists x Bx$	
3	$\forall x (Bx \rightarrow \neg Cx)$	want $\neg \exists x Cx$
4	Be	
5	$\forall y\ e = y$	$\forall E\ 1$
6	$e = f$	$\forall E\ 5$
7	Bf	$=E\ 6, 4$
8	$Bf \rightarrow \neg Cf$	$\forall E\ 3$
9	$\neg Cf$	$\rightarrow E\ 8, 7$
10	$\neg Cf$	$\exists E\ 2, 4-9$
11	$\forall x \neg Cx$	$\forall I\ 10$
12	$\neg \exists x Cx$	$QN\ 11$

6.6 Proof strategy

There is no simple recipe for proofs, and there is no substitute for practice. Here, though, are some rules of thumb and strategies to keep in mind.

Work backwards from what you want. The ultimate goal is to derive the conclusion. Look at the conclusion and ask what the introduction rule is for its main logical operator. This gives you an idea of what should happen *just before* the last line of the proof. Then you can treat this line as if it were your goal. Ask what you could do to derive this new goal.

For example: If your conclusion is a conditional $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$, plan to use the $\rightarrow I$ rule. This requires starting a subproof in which you assume \mathcal{A} . In the subproof, you want to derive \mathcal{B} .

Work forwards from what you have. When you are starting a proof, look at the premises; later, look at the sentences that you have derived so far. Think about the elimination rules for the main operators of these sentences. These will tell you what your options are.

For example: If you have $\forall x\mathcal{A}$, think about instantiating it for any constant that might be helpful. If you have $\exists x\mathcal{A}$ and intend to use the $\exists\text{E}$ rule, then you should assume $\mathcal{A}[c/x]$ for some c that is not in use and then derive a conclusion that does not contain c .

For a short proof, you might be able to eliminate the premises and introduce the conclusion. A long proof is formally just a number of short proofs linked together, so you can fill the gap by alternately working back from the conclusion and forward from the premises.

Change what you are looking at. Replacement rules can often make your life easier. If a proof seems impossible, try out some different substitutions.

For example: It is often difficult to prove a disjunction using the basic rules. If you want to show $\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$, it is often easier to show $\neg\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$ and use the MC rule.

Showing $\neg\exists x\mathcal{A}$ can also be hard, and it is often easier to show $\forall x\neg\mathcal{A}$ and use the QN rule.

Some replacement rules should become second nature. If you see a negated disjunction, for instance, you should immediately think of DeMorgan's rule.

Do not forget indirect proof. If you cannot find a way to show something directly, try assuming its negation.

Remember that most proofs can be done either indirectly or directly. One way might be easier— or perhaps one sparks your imagination more than the other— but either one is formally legitimate.

Repeat as necessary. Once you have decided how you might be able to get to the conclusion, ask what you might be able to do with the premises. Then consider the target sentences again and ask how you might reach them.

Persist. Try different things. If one approach fails, then try something else.

6.7 Proof-theoretic concepts

We will use the symbol ‘ \vdash ’ to indicate that a proof is possible. This symbol is called the *turnstile*. Sometimes it is called a *single turnstile*, to underscore the fact that this is not the double turnstile symbol (\models) that we used to represent semantic entailment in ch. 5.

When we write $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\} \vdash \mathcal{B}$, this means that it is possible to give a proof of \mathcal{B} with $\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots$ as premises. With just one premise, we leave out the curly braces, so $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ means that there is a proof of \mathcal{B} with \mathcal{A} as a premise. Naturally, $\vdash \mathcal{C}$ means that there is a proof of \mathcal{C} that has no premises.

Often, logical proofs are called *derivations*. So $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ can be read as ‘ \mathcal{B} is derivable from \mathcal{A} .’

A THEOREM is a sentence that is derivable without any premises; i.e., \mathcal{T} is a theorem if and only if $\vdash \mathcal{T}$.

It is not too hard to show that something is a theorem— you just have to give a proof of it. How could you show that something is *not* a theorem? If its negation is a theorem, then you could provide a proof. For example, it is easy to prove $\neg(Pa \ \& \ \neg Pa)$, which shows that $(Pa \ \& \ \neg Pa)$ cannot be a theorem. For a sentence that is neither a theorem nor the negation of a theorem, however, there is no easy way to show this. You would have to demonstrate not just that certain proof strategies fail, but that no proof is possible. Even if you fail in trying to prove a sentence in a thousand different ways, perhaps the proof is just too long and complex for you to make out.

Two sentences \mathcal{A} and \mathcal{B} are PROVABLY EQUIVALENT if and only if each can be derived from the other; i.e., $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \vdash \mathcal{A}$.

It is relatively easy to show that two sentences are provably equivalent— it just requires a pair of proofs. Showing that sentences are *not* provably equivalent would be much harder. It would be just as hard as showing that a sentence is not a theorem. (In fact, these problems are interchangeable. Can you think of a sentence that would be a theorem if and only if \mathcal{A} and \mathcal{B} were provably equivalent?)

The set of sentences $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\}$ is PROVABLY INCONSISTENT if and only if a contradiction is derivable from it; i.e., for some sentence \mathcal{B} , $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\} \vdash \mathcal{B}$ and $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\} \vdash \neg \mathcal{B}$.

It is easy to show that a set is provably inconsistent: You just need to assume the sentences in the set and prove a contradiction. Showing that a set is *not* provably inconsistent will be much harder. It would require more than just providing a proof or two; it would require showing that proofs of a certain kind are *impossible*.

6.8 Proofs and models

As you might already suspect, there is a connection between *theorems* and *tautologies*.

There is a formal way of showing that a sentence is a theorem: Prove it. For each line, we can check to see if that line follows by the cited rule. It may be hard to produce a twenty line proof, but it is not so hard to check each line of the proof and confirm that it is legitimate— and if each line of the proof individually is legitimate, then the whole proof is legitimate. Showing that a sentence is a tautology, though, requires reasoning in English about all possible models. There is no formal way of checking to see if the reasoning is sound. Given a choice between showing that a sentence is a theorem and showing that it is a tautology, it would be easier to show that it is a theorem.

Contrawise, there is no formal way of showing that a sentence is *not* a theorem. We would need to reason in English about all possible proofs. Yet there is a formal method for showing that a sentence is not a tautology. We need only construct a model in which the sentence is false. Given a choice between showing that a sentence is not a theorem and showing that it is not a tautology, it would be easier to show that it is not a tautology.

Fortunately, a sentence is a theorem if and only if it is a tautology. If we provide a proof of $\vdash \mathcal{A}$ and thus show that it is a theorem, it follows that \mathcal{A} is a tautology; i.e., $\models \mathcal{A}$. Similarly, if we construct a model in which \mathcal{A} is false and thus show that it is not a tautology, it follows that \mathcal{A} is not a theorem.

In general, $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ if and only if $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$. As such:

- ▷ An argument is *valid* if and only if *the conclusion is derivable from the premises*.
- ▷ Two sentences are *logically equivalent* if and only if they are *provably equivalent*.
- ▷ A set of sentences is *consistent* if and only if it is *not provably inconsistent*.

You can pick and choose when to think in terms of proofs and when to think in terms of models, doing whichever is easier for a given task. Table 6.1 summarizes when it is best to give proofs and when it is best to give models.

In this way, proofs and models give us a versatile toolkit for working with arguments. If we can translate an argument into QL, then we can measure its logical weight in a purely formal way. If it is deductively valid, we can give a formal proof; if it is invalid, we can provide a formal counterexample.

	YES	NO
Is \mathcal{A} a tautology?	prove $\vdash \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} is false
Is \mathcal{A} a contradiction?	prove $\vdash \neg \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} is true
Is \mathcal{A} contingent?	give a model in which \mathcal{A} is true and another in which \mathcal{A} is false	prove $\vdash \mathcal{A}$ or $\vdash \neg \mathcal{A}$
Are \mathcal{A} and \mathcal{B} equivalent?	prove $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \vdash \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} and \mathcal{B} have different truth values
Is the set \mathbb{A} consistent?	give a model in which all the sentences in \mathbb{A} are true	taking the sentences in \mathbb{A} , prove \mathcal{B} and $\neg \mathcal{B}$
Is the argument ' $\mathcal{P}, \therefore \mathcal{C}$ ' valid?	prove $\mathcal{P} \vdash \mathcal{C}$	give a model in which \mathcal{P} is true and \mathcal{C} is false

Tabela 6.1: Sometimes it is easier to show something by providing proofs than it is by providing models. Sometimes it is the other way round. It depends on what you are trying to show.

6.9 Soundness and completeness

This toolkit is incredibly convenient. It is also intuitive, because it seems natural that provability and semantic entailment should agree. Yet, do not be fooled by the similarity of the symbols ' \models ' and ' \vdash .' The fact that these two are really interchangeable is not a simple thing to prove.

Why should we think that an argument that *can be proven* is necessarily a *valid* argument? That is, why think that $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ implies $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$?

This is the problem of SOUNDNESS. A proof system is SOUND if there are no proofs of invalid arguments. Demonstrating that the proof system is sound would require showing that *any* possible proof is the proof of a valid argument. It would not be enough simply to succeed when trying to prove many valid arguments and to fail when trying to prove invalid ones.

Fortunately, there is a way of approaching this in a step-wise fashion. If using the $\&E$ rule on the last line of a proof could never change a valid argument into an invalid one, then using the rule many times could not make an argument invalid. Similarly, if using the $\&E$ and $\vee E$ rules individually on the last line of a proof could never change a valid argument into an invalid one, then using them in combination could not either.

The strategy is to show for every rule of inference that it alone could not

make a valid argument into an invalid one. It follows that the rules used in combination would not make a valid argument invalid. Since a proof is just a series of lines, each justified by a rule of inference, this would show that every provable argument is valid.

Consider, for example, the $\&I$ rule. Suppose we use it to add $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ to a valid argument. In order for the rule to apply, \mathcal{A} and \mathcal{B} must already be available in the proof. Since the argument so far is valid, \mathcal{A} and \mathcal{B} are either premises of the argument or valid consequences of the premises. As such, any model in which the premises are true must be a model in which \mathcal{A} and \mathcal{B} are true. According to the definition of TRUTH IN QL, this means that $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ is also true in such a model. Therefore, $\mathcal{A} \& \mathcal{B}$ validly follows from the premises. This means that using the $\&E$ rule to extend a valid proof produces another valid proof.

In order to show that the proof system is sound, we would need to show this for the other inference rules. Since the derived rules are consequences of the basic rules, it would suffice to provide similar arguments for the 16 other basic rules. This tedious exercise falls beyond the scope of this book.

Given a proof that the proof system is sound, it follows that every theorem is a tautology.

It is still possible to ask: Why think that *every* valid argument is an argument that can be proven? That is, why think that $\mathcal{A} \models \mathcal{B}$ implies $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$?

This is the problem of COMPLETENESS. A proof system is COMPLETE if there is a proof of every valid argument. Completeness for a language like QL was first proven by Kurt Gödel in 1929. The proof is beyond the scope of this book.

The important point is that, happily, the proof system for QL is both sound and complete. This is not the case for all proof systems and all formal languages. Because it is true of QL, we can choose to give proofs or construct models—whichever is easier for the task at hand.

Summary of definitions

- ▷ A sentence \mathcal{A} is a THEOREM if and only if $\vdash \mathcal{A}$.
- ▷ Two sentences \mathcal{A} and \mathcal{B} are PROVABLY EQUIVALENT if and only if $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \vdash \mathcal{A}$.
- ▷ $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\}$ is PROVABLY INCONSISTENT if and only if, for some sentence \mathcal{B} , $\{\mathcal{A}_1, \mathcal{A}_2, \dots\} \vdash (\mathcal{B} \& \neg \mathcal{B})$.

Practice Exercises

★ **Part A** Provide a justification (rule and line numbers) for each line of proof that requires one.

1	$W \rightarrow \neg B$
2	$A \& W$
3	$B \vee (J \& K)$
4	W
5	$\neg B$
6	$J \& K$
7	K

1	$L \leftrightarrow \neg O$
2	$L \vee \neg O$
3	$\neg L$
4	$\neg O$
5	L
6	$\neg L$
7	L

1	$Z \rightarrow (C \& \neg N)$
2	$\neg Z \rightarrow (N \& \neg C)$
3	$\neg(N \vee C)$
4	$\neg N \& \neg C$
5	Z
6	$C \& \neg N$
7	C
8	$\neg C$
9	$\neg Z$
10	$N \& \neg C$
11	N
12	$\neg N$
13	$N \vee C$

★ **Part B** Give a proof for each argument in SL.

1. $K \& L, \therefore K \leftrightarrow L$
2. $A \rightarrow (B \rightarrow C), \therefore (A \& B) \rightarrow C$
3. $P \& (Q \vee R), P \rightarrow \neg R, \therefore Q \vee E$
4. $(C \& D) \vee E, \therefore E \vee D$
5. $\neg F \rightarrow G, F \rightarrow H, \therefore G \vee H$
6. $(X \& Y) \vee (X \& Z), \neg(X \& D), D \vee M \therefore M$

Part C Give a proof for each argument in SL.

1. $Q \rightarrow (Q \& \neg Q), \therefore \neg Q$
2. $J \rightarrow \neg J, \therefore \neg J$
3. $E \vee F, F \vee G, \neg F, \therefore E \& G$
4. $A \leftrightarrow B, B \leftrightarrow C, \therefore A \leftrightarrow C$
5. $M \vee (N \rightarrow M), \therefore \neg M \rightarrow \neg N$

6. $S \leftrightarrow T, \therefore S \leftrightarrow (T \vee S)$
7. $(M \vee N) \& (O \vee P), N \rightarrow P, \neg P, \therefore M \& O$
8. $(Z \& K) \vee (K \& M), K \rightarrow D, \therefore D$

Part D Show that each of the following sentences is a theorem in SL.

1. $O \rightarrow O$
2. $N \vee \neg N$
3. $\neg(P \& \neg P)$
4. $\neg(A \rightarrow \neg C) \rightarrow (A \rightarrow C)$
5. $J \leftrightarrow [J \vee (L \& \neg L)]$

Part E Show that each of the following pairs of sentences are provably equivalent in SL.

1. $\neg\neg\neg\neg G, G$
2. $T \rightarrow S, \neg S \rightarrow \neg T$
3. $R \leftrightarrow E, E \leftrightarrow R$
4. $\neg G \leftrightarrow H, \neg(G \leftrightarrow H)$
5. $U \rightarrow I, \neg(U \& \neg I)$

Part F Provide proofs to show each of the following.

1. $M \& (\neg N \rightarrow \neg M) \vdash (N \& M) \vee \neg M$
2. $\{C \rightarrow (E \& G), \neg C \rightarrow G\} \vdash G$
3. $\{(Z \& K) \leftrightarrow (Y \& M), D \& (D \rightarrow M)\} \vdash Y \rightarrow Z$
4. $\{(W \vee X) \vee (Y \vee Z), X \rightarrow Y, \neg Z\} \vdash W \vee Y$

Part G For the following, provide proofs using only the basic rules. The proofs will be longer than proofs of the same claims would be using the derived rules.

1. Show that MT is a legitimate derived rule. Using only the basic rules, prove the following: $\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}, \neg \mathcal{B}, \therefore \neg \mathcal{A}$
2. Show that Comm is a legitimate rule for the biconditional. Using only the basic rules, prove that $\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \leftrightarrow \mathcal{A}$ are equivalent.
3. Using only the basic rules, prove the following instance of DeMorgan's Laws: $(\neg A \& \neg B), \therefore \neg(A \vee B)$
4. Without using the QN rule, prove $\neg \exists x \neg \mathcal{A} \vdash \forall x \mathcal{A}$
5. Show that \leftrightarrow ex is a legitimate derived rule. Using only the basic rules, prove that $D \leftrightarrow E$ and $(D \rightarrow E) \& (E \rightarrow D)$ are equivalent.

★ **Part H**

1. Identify which of the following are substitution instances of $\forall x Rcx$: $Rac, Rca, Raa, Rcb, Rbc, Rcc, Rcd, Rcx$
2. Identify which of the following are substitution instances of $\exists x \forall y Lxy$: $\forall y Lby, \forall x Lbx, Lab, \exists x Lxa$

★ **Part I** Provide a justification (rule and line numbers) for each line of proof that requires one.

1	$\forall x \exists y (Rxy \vee Ryx)$	1	$\forall x (Jx \rightarrow Kx)$
2	$\forall x \neg Rmx$	2	$\exists x \forall y Lxy$
3	$\exists y (Rmy \vee Rym)$	3	$\forall x Jx$
4	$Rma \vee Ram$	4	$\forall y Lay$
5	$\neg Rma$	5	Ja
6	Ram	6	$Ja \rightarrow Ka$
7	$\exists x Rxm$	7	Ka
8	$\exists x Rxm$	8	Laa
1	$\forall x (\exists y Lxy \rightarrow \forall z Lzx)$	9	$Ka \& Laa$
2	Lab	10	$\exists x (Kx \& Lxx)$
3	$\exists y Lay \rightarrow \forall z Lza$	11	$\exists x (Kx \& Lxx)$
4	$\exists y Lay$	1	$\neg (\exists x Mx \vee \forall x \neg Mx)$
5	$\forall z Lza$	2	$\neg \exists x Mx \& \neg \forall x \neg Mx$
6	Lca	3	$\neg \exists x Mx$
7	$\exists y Lcy \rightarrow \forall z Lzc$	4	$\forall x \neg Mx$
8	$\exists y Lcy$	5	$\neg \forall x \neg Mx$
9	$\forall z Lzc$	6	$\exists x Mx \vee \forall x \neg Mx$
10	Lcc		
11	$\forall x Lxx$		

★ **Part J** Provide a proof of each claim.

1. $\vdash \forall x Fx \vee \neg \forall x Fx$
2. $\{\forall x (Mx \leftrightarrow Nx), Ma \& \exists x Rxa\} \vdash \exists x Nx$
3. $\{\forall x (\neg Mx \vee Ljx), \forall x (Bx \rightarrow Ljx), \forall x (Mx \vee Bx)\} \vdash \forall x Ljx$
4. $\forall x (Cx \& Dt) \vdash \forall x Cx \& Dt$
5. $\exists x (Cx \vee Dt) \vdash \exists x Cx \vee Dt$

Part K Provide a proof of the argument about Billy on p. 64.

Part L Look back at Part B on p. 75. Provide proofs to show that each of the argument forms is valid in QL.

Part M Aristotle and his successors identified other syllogistic forms. Symbolize each of the following argument forms in QL and add the additional assumptions ‘There is an A ’ and ‘There is a B .’ Then prove that the supplemented arguments forms are valid in QL.

Darapti: All As are Bs . All As are Cs . \therefore Some B is C .

Felapton: No Bs are Cs . All As are Bs . \therefore Some A is not C .

Barbari: All Bs are Cs . All As are Bs . \therefore Some A is C .

Camestros: All Cs are Bs . No As are Bs . \therefore Some A is not C .

Celaront: No Bs are Cs . All As are Bs . \therefore Some A is not C .

Cesaro: No Cs are Bs . All As are Bs . \therefore Some A is not C .

Fapesmo: All Bs are Cs . No As are Bs . \therefore Some C is not A .

Part N Provide a proof of each claim.

1. $\forall x \forall y Gxy \vdash \exists x Gxx$
2. $\forall x \forall y (Gxy \rightarrow Gyx) \vdash \forall x \forall y (Gxy \leftrightarrow Gyx)$
3. $\{\forall x (Ax \rightarrow Bx), \exists x Ax\} \vdash \exists x Bx$
4. $\{Na \rightarrow \forall x (Mx \leftrightarrow Ma), Ma, \neg Mb\} \vdash \neg Na$
5. $\vdash \forall z (Pz \vee \neg Pz)$
6. $\vdash \forall x Rxx \rightarrow \exists x \exists y Rxy$
7. $\vdash \forall y \exists x (Qy \rightarrow Qx)$

Part O Show that each pair of sentences is provably equivalent.

1. $\forall x (Ax \rightarrow \neg Bx), \neg \exists x (Ax \& Bx)$
2. $\forall x (\neg Ax \rightarrow Bd), \forall x Ax \vee Bd$
3. $\exists x Px \rightarrow Qc, \forall x (Px \rightarrow Qc)$

Part P Show that each of the following is provably inconsistent.

1. $\{Sa \rightarrow Tm, Tm \rightarrow Sa, Tm \& \neg Sa\}$
2. $\{\neg \exists x Rxa, \forall x \forall y Rxy\}$
3. $\{\neg \exists x \exists y Lxy, Laa\}$
4. $\{\forall x (Px \rightarrow Qx), \forall z (Pz \rightarrow Rz), \forall y Py, \neg Qa \& \neg Rb\}$

★ **Part Q** Write a symbolization key for the following argument, translate it, and prove it:

There is someone who likes everyone who likes everyone that he likes. Therefore, there is someone who likes himself.

Part R Provide a proof of each claim.

1. $\{Pa \vee Qb, Qb \rightarrow b = c, \neg Pa\} \vdash Qc$
2. $\{m = n \vee n = o, An\} \vdash Am \vee Ao$
3. $\{\forall x x = m, Rma\} \vdash \exists x Rxx$
4. $\neg \exists x x \neq m \vdash \forall x \forall y (Px \rightarrow Py)$
5. $\forall x \forall y (Rxy \rightarrow x = y) \vdash Rab \rightarrow Rba$
6. $\{\exists x Jx, \exists x \neg Jx\} \vdash \exists x \exists y x \neq y$
7. $\{\forall x (x = n \leftrightarrow Mx), \forall x (Ox \vee \neg Mx)\} \vdash On$
8. $\{\exists x Dx, \forall x (x = p \leftrightarrow Dx)\} \vdash Dp$
9. $\{\exists x [Kx \& \forall y (Ky \rightarrow x = y) \& Bx], Kd\} \vdash Bd$
10. $\vdash Pa \rightarrow \forall x (Px \vee x \neq a)$

Part S Look back at Part D on p. 76. For each argument: If it is valid in QL, give a proof. If it is invalid, construct a model to show that it is invalid.

★ **Part T** For each of the following pairs of sentences: If they are logically equivalent in QL, give proofs to show this. If they are not, construct a model to show this.

1. $\forall x Px \rightarrow Qc, \forall x (Px \rightarrow Qc)$
2. $\forall x Px \& Qc, \forall x (Px \& Qc)$
3. $Qc \vee \exists x Qx, \exists x (Qc \vee Qx)$
4. $\forall x \forall y \forall z Bxyz, \forall x Bxxx$
5. $\forall x \forall y Dxy, \forall y \forall x Dxy$
6. $\exists x \forall y Dxy, \forall y \exists x Dxy$

★ **Part U** For each of the following arguments: If it is valid in QL, give a proof. If it is invalid, construct a model to show that it is invalid.

1. $\forall x \exists y Rxy, \therefore \exists y \forall x Rxy$
2. $\exists y \forall x Rxy, \therefore \forall x \exists y Rxy$
3. $\exists x (Px \& \neg Qx), \therefore \forall x (Px \rightarrow \neg Qx)$
4. $\forall x (Sx \rightarrow Ta), Sd, \therefore Ta$
5. $\forall x (Ax \rightarrow Bx), \forall x (Bx \rightarrow Cx), \therefore \forall x (Ax \rightarrow Cx)$
6. $\exists x (Dx \vee Ex), \forall x (Dx \rightarrow Fx), \therefore \exists x (Dx \& Fx)$
7. $\forall x \forall y (Rxy \vee Ryx), \therefore Rjj$
8. $\exists x \exists y (Rxy \vee Ryx), \therefore Rjj$
9. $\forall x Px \rightarrow \forall x Qx, \exists x \neg Px, \therefore \exists x \neg Qx$
10. $\exists x Mx \rightarrow \exists x Nx, \neg \exists x Nx, \therefore \forall x \neg Mx$

Part V

1. If you know that $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$, what can you say about $(\mathcal{A} \& \mathcal{C}) \vdash \mathcal{B}$? Explain your answer.
2. If you know that $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$, what can you say about $(\mathcal{A} \vee \mathcal{C}) \vdash \mathcal{B}$? Explain your answer.

Chapter A

Symbolic notation

In the history of formal logic, different symbols have been used at different times and by different authors. Often, authors were forced to use notation that their printers could typeset.

In one sense, the symbols used for various logical constants is arbitrary. There is nothing written in heaven that says that ‘ \neg ’ must be the symbol for truth-functional negation. We might have specified a different symbol to play that part. Once we have given definitions for well-formed formulae (wff) and for truth in our logic languages, however, using ‘ \neg ’ is no longer arbitrary. That is the symbol for negation in this textbook, and so it is the symbol for negation when writing sentences in our languages SL or QL.

This appendix presents some common symbols, so that you can recognize them if you encounter them in an article or in another book.

Negation Two commonly used symbols are the *hoe*, ‘ \neg ’, and the *swung dash*, ‘ \sim .’ In some more advanced formal systems it is necessary to distinguish between two kinds of negation; the distinction is sometimes represented by using both ‘ \neg ’ and ‘ \sim .’

Disjunction The symbol ‘ \vee ’ is typically used to symbolize inclusive disjunction.

Conjunction Conjunction is often symbolized with the *ampersand*, ‘ $\&$.’ The ampersand is actually a decorative form of the Latin word ‘et’ which means ‘and’; it is commonly used in English writing. As a symbol in a formal system, the ampersand is not the word ‘and’; its meaning is given by the formal semantics for the language. Perhaps to avoid this confusion, some systems use a different symbol for conjunction. For example, ‘ \wedge ’ is a counterpart to the

summary of symbols

negation	\neg, \sim
conjunction	$\&, \wedge, \cdot$
disjunction	\vee
conditional	\rightarrow, \supset
biconditional	\leftrightarrow, \equiv

symbol used for disjunction. Sometimes a single dot, ‘ \cdot ’, is used. In some older texts, there is no symbol for conjunction at all; ‘ A and B ’ is simply written ‘ AB ’.

Material Conditional There are two common symbols for the material conditional: the *arrow*, ‘ \rightarrow ’, and the *hook*, ‘ \supset ’.

Material Biconditional The *double-headed arrow*, ‘ \leftrightarrow ’, is used in systems that use the arrow to represent the material conditional. Systems that use the hook for the conditional typically use the *triple bar*, ‘ \equiv ’, for the biconditional.

Quantifiers The universal quantifier is typically symbolized as an upside-down A, ‘ \forall ’, and the existential quantifier as a backwards E, ‘ \exists ’. In some texts, there is no separate symbol for the universal quantifier. Instead, the variable is just written in parentheses in front of the formula that it binds. For example, ‘all x are P ’ is written $(x)Px$.

In some systems, the quantifiers are symbolized with larger versions of the symbols used for conjunction and disjunction. Although quantified expressions cannot be translated into expressions without quantifiers, there is a conceptual connection between the universal quantifier and conjunction and between the existential quantifier and disjunction. Consider the sentence $\exists xPx$, for example. It means that *either* the first member of the UD is a P , *or* the second one is, *or* the third one is, Such a system uses the symbol ‘ \bigvee ’ instead of ‘ \exists ’.

Polish notation

This section briefly discusses sentential logic in Polish notation, a system of notation introduced in the late 1920s by the Polish logician Jan Łukasiewicz.

notation of SL	Polish notation
\neg	N
$\&$	K
\vee	A
\rightarrow	C
\leftrightarrow	E

Lower case letters are used as sentence letters. The capital letter N is used for negation. A is used for disjunction, K for conjunction, C for the conditional, E for the biconditional. (‘ A ’ is for alternation, another name for logical disjunction. ‘ E ’ is for equivalence.)

In Polish notation, a binary connective is written *before* the two sentences that it connects. For example, the sentence $A \& B$ of SL would be written Kab in Polish notation.

The sentences $\neg A \rightarrow B$ and $\neg(A \rightarrow B)$ are very different; the main logical operator of the first is the conditional, but the main connective of the second is negation. In SL, we show this by putting parentheses around the conditional in the second sentence. In Polish notation, parentheses are never required. The

left-most connective is always the main connective. The first sentence would simply be written $CNab$ and the second $NCab$.

This feature of Polish notation means that it is possible to evaluate sentences simply by working through the symbols from right to left. If you were constructing a truth table for $NKab$, for example, you would first consider the truth-values assigned to b and a , then consider their conjunction, and then negate the result. The general rule for what to evaluate next in SL is not nearly so simple. In SL, the truth table for $\neg(A \& B)$ requires looking at A and B , then looking in the middle of the sentence at the conjunction, and then at the beginning of the sentence at the negation. Because the order of operations can be specified more mechanically in Polish notation, variants of Polish notation are used as the internal structure for many computer programming languages.

Chapter B

Solutions to selected exercises

Many of the exercises may be answered correctly in different ways. Where that is the case, the solution here represents one possible correct answer.

Chapter 1 Part C

1. consistent
2. inconsistent
3. consistent
4. consistent

Chapter 1 Part D 1, 2, 3, 6, 8, and 10 are possible.

Chapter 2 Part A

1. $\neg M$
2. $M \vee \neg M$
3. $G \vee C$
4. $\neg C \ \& \ \neg G$
5. $C \rightarrow (\neg G \ \& \ \neg M)$
6. $M \vee (C \vee G)$

Chapter 2 Part C

1. $E_1 \ \& \ E_2$
2. $F_1 \rightarrow S_1$
3. $F_1 \vee E_1$
4. $E_2 \ \& \ \neg S_2$

5. $\neg E_1 \& \neg E_2$
6. $E_1 \& E_2 \& \neg(S_1 \vee S_2)$
7. $S_2 \rightarrow F_2$
8. $(\neg E_1 \rightarrow \neg E_2) \& (E_1 \rightarrow E_2)$
9. $S_1 \leftrightarrow \neg S_2$
10. $(E_2 \& F_2) \rightarrow S_2$
11. $\neg(E_2 \& F_2)$
12. $(F_1 \& F_2) \leftrightarrow (\neg E_1 \& \neg E_2)$

Chapter 2 Part D

- A:** Alice is a spy.
B: Bob is a spy.
C: The code has been broken.
G: The German embassy will be in an uproar.

1. $A \& B$
2. $(A \vee B) \rightarrow C$
3. $\neg(A \vee B) \rightarrow \neg C$
4. $G \vee C$
5. $(C \vee \neg C) \& G$
6. $(A \vee B) \& \neg(A \& B)$

Chapter 2 Part G

1. (a) no (b) no
2. (a) no (b) yes
3. (a) yes (b) yes
4. (a) no (b) no
5. (a) yes (b) yes
6. (a) no (b) no
7. (a) no (b) yes
8. (a) no (b) yes
9. (a) no (b) no

Chapter 3 Part A

1. tautology
2. contradiction
3. contingent
4. tautology
5. tautology
6. contingent
7. tautology
8. contradiction

- 9. tautology
- 10. contradiction
- 11. tautology
- 12. contingent
- 13. contradiction
- 14. contingent
- 15. tautology
- 16. tautology
- 17. contingent
- 18. contingent

Chapter 3 Part B 2, 3, 5, 6, 8, and 9 are logically equivalent.

Chapter 3 Part C 1, 3, 6, 7, and 8 are consistent.

Chapter 3 Part D 3, 5, 8, and 10 are valid.

Chapter 3 Part E

- 1. \mathcal{A} and \mathcal{B} have the same truth value on every line of a complete truth table, so $\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$ is true on every line. It is a tautology.
- 2. The sentence is false on some line of a complete truth table. On that line, \mathcal{A} and \mathcal{B} are true and \mathcal{C} is false. So the argument is invalid.
- 3. Since there is no line of a complete truth table on which all three sentences are true, the conjunction is false on every line. So it is a contradiction.
- 4. Since \mathcal{A} is false on every line of a complete truth table, there is no line on which \mathcal{A} and \mathcal{B} are true and \mathcal{C} is false. So the argument is valid.
- 5. Since \mathcal{C} is true on every line of a complete truth table, there is no line on which \mathcal{A} and \mathcal{B} are true and \mathcal{C} is false. So the argument is valid.
- 6. Not much. $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$ is a tautology if \mathcal{A} and \mathcal{B} are tautologies; it is a contradiction if they are contradictions; it is contingent if they are contingent.
- 7. \mathcal{A} and \mathcal{B} have different truth values on at least one line of a complete truth table, and $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$ will be true on that line. On other lines, it might be true or false. So $(\mathcal{A} \vee \mathcal{B})$ is either a tautology or it is contingent; it is *not* a contradiction.

Chapter 3 Part F

- 1. $\neg A \rightarrow B$
- 2. $\neg(A \rightarrow \neg B)$
- 3. $\neg[(A \rightarrow B) \rightarrow \neg(B \rightarrow A)]$

Chapter 4 Part A

- 1. $Za \& Zb \& Zc$

2. $Rb \& \neg Ab$
3. $Lcb \rightarrow Mb$
4. $(Ab \& Ac) \rightarrow (Lab \& Lac)$
5. $\exists x(Rx \& Zx)$
6. $\forall x(Ax \rightarrow Rx)$
7. $\forall x[Zx \rightarrow (Mx \vee Ax)]$
8. $\exists x(Rx \& \neg Ax)$
9. $\exists x(Rx \& Lcx)$
10. $\forall x[(Mx \& Zx) \rightarrow Lbx]$
11. $\forall x[(Mx \& Lax) \rightarrow Lxa]$
12. $\exists xRx \rightarrow Ra$
13. $\forall x(Ax \rightarrow Rx)$
14. $\forall x[(Mx \& Lcx) \rightarrow Lax]$
15. $\exists x(Mx \& Lxb \& \neg Lbx)$

Chapter 4 Part E

1. $\neg \exists xTx$
2. $\forall x(Mx \rightarrow Sx)$
3. $\exists x\neg Sx$
4. $\exists x[Cx \& \neg \exists yByx]$
5. $\neg \exists xBxx$
6. $\neg \exists x(Cx \& \neg Sx \& Tx)$
7. $\exists x(Cx \& Tx) \& \exists x(Mx \& Tx) \& \neg \exists x(Cx \& Mx \& Tx)$
8. $\forall x[Cx \rightarrow \forall y(\neg Cy \rightarrow Bxy)]$
9. $\forall x((Cx \& Mx) \rightarrow \forall y[(\neg Cy \& \neg My) \rightarrow Bxy])$

Chapter 4 Part G

1. $\forall x(Cxp \rightarrow Dx)$
2. $Cjp \& Fj$
3. $\exists x(Cxp \& Fx)$
4. $\neg \exists xSxj$
5. $\forall x[(Cxp \& Fx) \rightarrow Dx]$
6. $\neg \exists x(Cxp \& Mx)$
7. $\exists x(Cjx \& Sxe \& Fj)$
8. $Spe \& Mp$
9. $\forall x[(Sxp \& Mx) \rightarrow \neg \exists yCyx]$
10. $\exists x(Sxj \& \exists yCyx \& Fj)$
11. $\forall x[Dx \rightarrow \exists y(Sxy \& Fy \& Dy)]$
12. $\forall x[(Mx \& Dx) \rightarrow \exists y(Cxy \& Dy)]$

Chapter 4 Part J

1. $\forall x(Cx \rightarrow Bx)$

2. $\neg\exists xWx$
3. $\exists x\exists y(Cx \& Cy \& x \neq y)$
4. $\exists x\exists y(Jx \& Ox \& Jy \& Oy \& x \neq y)$
5. $\forall x\forall y\forall z[(Jx \& Ox \& Jy \& Oy \& Jz \& Oz) \rightarrow (x = y \vee x = z \vee y = z)]$
6. $\exists x\exists y(Jx \& Bx \& Jy \& By \& x \neq y \& \forall z[(Jz \& Bz) \rightarrow (x = z \vee y = z)])$
7. $\exists x_1\exists x_2\exists x_3\exists x_4[Dx_1 \& Dx_2 \& Dx_3 \& Dx_4 \& x_1 \neq x_2 \& x_1 \neq x_3 \& x_1 \neq x_4 \& x_2 \neq x_3 \& x_2 \neq x_4 \& x_3 \neq x_4 \& \neg\exists y(Dy \& y \neq x_1 \& y \neq x_2 \& y \neq x_3 \& y \neq x_4)]$
8. $\exists x(Dx \& Cx \& \forall y[(Dy \& Cy) \rightarrow x = y] \& Bx)$
9. $\forall x[(Ox \& Jx) \rightarrow Wx] \& \exists x[Mx \& \forall y(My \rightarrow x = y) \& Wx]$
10. $\exists x(Dx \& Cx \& \forall y[(Dy \& Cy) \rightarrow x = y] \& Wx) \rightarrow \exists x\forall y(Wx \leftrightarrow x = y)$
11. wide scope: $\neg\exists x[Mx \& \forall y(My \rightarrow x = y) \& Jx]$
narrow scope: $\exists x[Mx \& \forall y(My \rightarrow x = y) \& \neg Jx]$
12. wide scope: $\neg\exists x\exists z(Dx \& Cx \& Mz \& \forall y[(Dy \& Cy) \rightarrow x = y] \& \forall y[(My \rightarrow z = y) \& x = z])$
narrow scope: $\exists x\exists z(Dx \& Cx \& Mz \& \forall y[(Dy \& Cy) \rightarrow x = y] \& \forall y[(My \rightarrow z = y) \& x \neq z])$

Chapter 5 Part A 2, 3, 4, 6, 8, and 9 are true in the model.

Chapter 5 Part B 4, 5, and 7 are true in the model.

Chapter 5 Part D

UD = {10,11,12,13}
 extension(O) = {11,13}
 extension(S) = \emptyset
 extension(T) = {10,11,12,13}
 extension(U) = {13}
 extension(N) = {<11,10>, <12,11>, <13,12>}

Chapter 5 Part E

1. The sentence is true in this model:

UD = {Stan}
 extension(D) = {Stan}
 referent(a) = Stan
 referent(b) = Stan

And it is false in this model:

UD = {Stan}
 extension(D) = \emptyset
 referent(a) = Stan
 referent(b) = Stan

2. The sentence is true in this model:

UD = {Stan}
 extension(T) = {<Stan, Stan>}
 referent(h) = Stan

And it is false in this model:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{Stan}\} \\ \text{extension}(T) &= \emptyset \\ \text{referent}(h) &= \text{Stan} \end{aligned}$$

3. The sentence is true in this model:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{Stan}, \text{Ollie}\} \\ \text{extension}(P) &= \{\text{Stan}\} \\ \text{referent}(m) &= \text{Stan} \end{aligned}$$

And it is false in this model:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{Stan}\} \\ \text{extension}(P) &= \emptyset \\ \text{referent}(m) &= \text{Stan} \end{aligned}$$

Chapter 5 Part F There are many possible correct answers. Here are some:

1. Making the first sentence true and the second false:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{alpha}\} \\ \text{extension}(J) &= \{\text{alpha}\} \\ \text{extension}(K) &= \emptyset \\ \text{referent}(a) &= \text{alpha} \end{aligned}$$

2. Making the first sentence true and the second false:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{alpha}, \text{omega}\} \\ \text{extension}(J) &= \{\text{alpha}\} \\ \text{referent}(m) &= \text{omega} \end{aligned}$$

3. Making the first sentence false and the second true:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{alpha}, \text{omega}\} \\ \text{extension}(R) &= \{\langle \text{alpha}, \text{alpha} \rangle\} \end{aligned}$$

4. Making the first sentence false and the second true:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{alpha}, \text{omega}\} \\ \text{extension}(P) &= \{\text{alpha}\} \\ \text{extension}(Q) &= \emptyset \\ \text{referent}(c) &= \text{alpha} \end{aligned}$$

5. Making the first sentence true and the second false:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{iota}\} \\ \text{extension}(P) &= \emptyset \\ \text{extension}(Q) &= \emptyset \end{aligned}$$

6. Making the first sentence false and the second true:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{iota}\} \\ \text{extension}(P) &= \emptyset \\ \text{extension}(Q) &= \{\text{iota}\} \end{aligned}$$

7. Making the first sentence true and the second false:

$$\begin{aligned} \text{UD} &= \{\text{iota}\} \\ \text{extension}(P) &= \emptyset \\ \text{extension}(Q) &= \{\text{iota}\} \end{aligned}$$

8. Making the first sentence true and the second false:

$$UD = \{\text{alpha}, \text{omega}\}$$

$$\text{extension}(R) = \{\langle \text{alpha}, \text{omega} \rangle, \langle \text{omega}, \text{alpha} \rangle\}$$

9. Making the first sentence false and the second true:

$$UD = \{\text{alpha}, \text{omega}\}$$

$$\text{extension}(R) = \{\langle \text{alpha}, \text{alpha} \rangle, \langle \text{alpha}, \text{omega} \rangle\}$$

Chapter 5 Part I

1. There are many possible answers. Here is one:

$$UD = \{\text{Harry}, \text{Sally}\}$$

$$\text{extension}(R) = \{\langle \text{Sally}, \text{Harry} \rangle\}$$

$$\text{referent}(a) = \text{Harry}$$

2. There are no predicates or constants, so we only need to give a UD. Any UD with 2 members will do.
3. We need to show that it is impossible to construct a model in which these are both true. Suppose $\exists x x \neq a$ is true in a model. There is something in the universe of discourse that is *not* the referent of a . So there are at least two things in the universe of discourse: $\text{referent}(a)$ and this other thing. Call this other thing β — we know $a \neq \beta$. But if $a \neq \beta$, then $\forall x \forall y x = y$ is false. So the first sentence must be false if the second sentence is true. As such, there is no model in which they are both true. Therefore, they are inconsistent.

Chapter 5 Part J

2. No, it would not make any difference. The satisfaction of a formula with one or more free variables depends on what the variable assignment does for those variables. Because a sentence has no free variables, however, its satisfaction does not depend on the variable assignment. So a sentence that is satisfied by *some* variable assignment is satisfied by *every* other variable assignment as well.

Chapter 6 Part A

1	$W \rightarrow \neg B$	
2	$A \& W$	
3	$B \vee (J \& K)$	
4	W	$\& E\ 2$
5	$\neg B$	$\rightarrow E\ 1, 4$
6	$J \& K$	$\vee E\ 3, 5$
7	K	$\& E\ 6$

1	$L \leftrightarrow \neg O$		1	$Z \rightarrow (C \& \neg N)$	
2	$L \vee \neg O$		2	$\neg Z \rightarrow (N \& \neg C)$	
3	$\neg L$		3	$\neg(N \vee C)$	
4	$\neg O$	$\vee E\ 2, 3$	4	$\neg N \& \neg C$	DeM 3
5	L	$\leftrightarrow E\ 1, 4$	5	Z	
6	$\neg L$	R 3	6	$C \& \neg N$	$\rightarrow E\ 1, 5$
7	L	$\neg E\ 3-6$	7	C	$\& E\ 6$
			8	$\neg C$	$\& E\ 4$
			9	$\neg Z$	$\neg I\ 5-8$
			10	$N \& \neg C$	$\rightarrow E\ 2, 9$
			11	N	$\& E\ 10$
			12	$\neg N$	$\& E\ 4$
			13	$N \vee C$	$\neg E\ 3-12$

Chapter 6 Part B

1.	1	$K \& L$	want $K \leftrightarrow L$
	2	K	want L
	3	L	$\& E\ 1$
	4	L	want K
	5	K	$\& E\ 1$
	6	$K \leftrightarrow L$	$\leftrightarrow I\ 2-3, 4-5$
2.	1	$A \rightarrow (B \rightarrow C)$	want $(A \& B) \rightarrow C$
	2	$A \& B$	want C
	3	A	$\& E\ 2$
	4	$B \rightarrow C$	$\rightarrow E\ 1, 3$
	5	B	$\& E\ 2$
	6	C	$\rightarrow E\ 4, 5$
	7	$(A \& B) \rightarrow C$	$\rightarrow I\ 2-6$

	1	$P \& (Q \vee R)$	
	2	$P \rightarrow \neg R$	want $Q \vee E$
	3	P	$\&E$ 1
3.	4	$\neg R$	$\rightarrow E$ 2, 3
	5	$Q \vee R$	$\&E$ 1
	6	Q	$\vee E$ 5, 4
	7	$Q \vee E$	$\vee I$ 6

	1	$(C \& D) \vee E$	want $E \vee D$
	2	$\neg E$	want D
	3	$C \& D$	$\vee E$ 1, 2
4.	4	D	$\&E$ 3
	5	$\neg E \rightarrow D$	$\rightarrow I$ 2-4
	6	$E \vee D$	MC 5

	1	$\neg F \rightarrow G$	
	2	$F \rightarrow H$	want $G \vee H$
	3	$\neg G$	want H
	4	$\neg \neg F$	MT 1, 3
5.	5	F	DN 4
	6	H	$\rightarrow E$ 2, 5
	7	$\neg G \rightarrow H$	$\rightarrow I$ 3-6
	8	$G \vee H$	MC 7

1		$(X \& Y) \vee (X \& Z)$	
2		$\neg(X \& D)$	
3		$D \vee M$	want M
4		$\neg X$	for reductio
5		$\neg X \vee \neg Y$	$\vee I$ 4
6		$\neg(X \& Y)$	DeM 5
7		$X \& Z$	$\vee E$ 1, 6
6. 8		X	$\& E$ 7
9		$\neg X$	R 4
10		X	$\neg E$ 4–9
11		$\neg M$	for reductio
12		D	$\vee E$ 3, 11
13		$X \& D$	$\& I$ 10, 12
14		$\neg(X \& D)$	R 2
15		M	$\neg E$ 11–14

Chapter 6 Part H

1. Rca , Rcb , Rcc , and Rcd are substitution instances of $\forall x Rcx$.
2. Of the expressions listed, only $\forall y Lby$ is a substitution instance of $\exists x \forall y Lxy$.

Chapter 6 Part I

1		$\forall x \exists y (Rxy \vee Ryx)$		1		$\forall x (\exists y Lxy \rightarrow \forall z Lzx)$	
2		$\forall x \neg Rmx$		2		Lab	
3		$\exists y (Rmy \vee Rym)$	$\forall E$ 1	3		$\exists y Lay \rightarrow \forall z Lza$	$\forall E$ 1
4		$Rma \vee Ram$		4		$\exists y Lay$	$\exists I$ 2
5		$\neg Rma$	$\forall E$ 2	5		$\forall z Lza$	$\rightarrow E$ 3, 4
6		Ram	$\forall E$ 4, 5	6		Lca	$\forall E$ 5
7		$\exists x Rxm$	$\exists I$ 6	7		$\exists y Lcy \rightarrow \forall z Lzc$	$\forall E$ 1
8		$\exists x Rxm$	$\exists E$ 3, 4–7	8		$\exists y Lcy$	$\exists I$ 6
				9		$\forall z Lzc$	$\rightarrow E$ 7, 8
				10		Lcc	$\forall E$ 9
				11		$\forall x Lxx$	$\forall I$ 10

1	$\forall x(Jx \rightarrow Kx)$		1	$\neg(\exists xMx \vee \forall x\neg Mx)$	
2	$\exists x\forall yLxy$		2	$\neg\exists xMx \ \& \ \neg\forall x\neg Mx$	DeM 1
3	$\forall xJx$		3	$\neg\exists xMx$	& E 2
4	$\forall yLay$		4	$\forall x\neg Mx$	QN 3
5	Ja	$\forall E$ 3	5	$\neg\forall x\neg Mx$	& E 2
6	$Ja \rightarrow Ka$	$\forall E$ 1	6	$\exists xMx \vee \forall x\neg Mx$	$\neg E$ 1–5
7	Ka	$\rightarrow E$ 6, 5			
8	Laa	$\forall E$ 4			
9	$Ka \ \& \ Laa$	& I 7, 8			
10	$\exists x(Kx \ \& \ Lxx)$	$\exists I$ 9			
11	$\exists x(Kx \ \& \ Lxx)$	$\exists E$ 2, 4–10			

Chapter 6 Part J

1	$\neg(\forall xFx \vee \neg\forall xFx)$	for reductio
2	$\neg\forall xFx \ \& \ \neg\neg\forall xFx$	DeM 1
1. 3	$\neg\forall xFx$	& E 2
4	$\neg\neg\forall xFx$	& E 2
5	$\forall xFx \vee \neg\forall xFx$	$\neg E$ 1–4

1	$\forall x(Mx \leftrightarrow Nx)$	
2	$Ma \ \& \ \exists xRxa$	want $\exists xNx$
3	$Ma \leftrightarrow Na$	$\forall E$ 1
4	Ma	& E 2
5	Na	$\leftrightarrow E$ 3, 4
6	$\exists xNx$	$\exists I$ 5

1		$\forall x(\neg Mx \vee Ljx)$	
2		$\forall x(Bx \rightarrow Ljx)$	
3		$\forall x(Mx \vee Bx)$	want $\forall xLjx$
4		$\neg Ma \vee Lja$	$\forall E$ 1
3.	5	$Ma \rightarrow Lja$	MC 4
6		$Ba \rightarrow Lja$	$\forall E$ 2
7		$Ma \vee Ba$	$\forall E$ 3
8		Lja	DIL 7, 5, 6
9		$\forall xLjx$	$\forall I$ 8

1		$\forall x(Cx \& Dt)$	want $\forall xCx \& Dt$
2		$Ca \& Dt$	$\forall E$ 1
3		Ca	$\& E$ 2
4.	4	$\forall xCx$	$\forall I$ 3
5		Dt	$\& E$ 2
6		$\forall xCx \& Dt$	$\& I$ 4, 5

1		$\exists x(Cx \vee Dt)$	want $\exists xCx \vee Dt$
2		$Ca \vee Dt$	for $\exists E$
3		$\neg(\exists xCx \vee Dt)$	for reductio
4		$\neg\exists xCx \& \neg Dt$	DeM 3
5		$\neg Dt$	$\& E$ 4
5.	6	Ca	$\vee E$ 2, 5
7		$\exists xCx$	$\exists I$ 6
8		$\neg\exists xCx$	$\& E$ 4
9		$\exists xCx \vee Dt$	$\neg E$ 3-8
10		$\exists xCx \vee Dt$	$\exists E$ 1, 2-9

1	$\exists x \forall y [\forall z (Lxz \rightarrow Lyz) \rightarrow Lxy]$	
2	$\forall y [\forall z (Laz \rightarrow Lyz) \rightarrow Lay]$	
3	$\forall z (Laz \rightarrow Laz) \rightarrow Laa$	$\forall E$ 2
4	$\neg \exists x Lxx$	for reductio
5	$\forall x \neg Lxx$	QN 4
6	$\neg Laa$	$\forall E$ 5
7	$\neg \forall z (Laz \rightarrow Laz)$	MT 5, 6
8	Lab	
9	Lab	R 8
10	$Lab \rightarrow Lab$	$\rightarrow I$ 8—9
11	$\forall z (Laz \rightarrow Laz)$	$\forall I$ 10
12	$\neg \forall z (Laz \rightarrow Laz)$	R 7
13	$\exists x Lxx$	$\neg E$ 4—12
14	$\exists x Lxx$	$\exists E$ 1, 2—13

Chapter 6 Part T 2, 3, and 5 are logically equivalent.

Chapter 6 Part U 2, 4, 5, 7, and 10 are valid. Here are complete answers for some of them:

- UD = {mocha, freddo}

extension(R) = {<mocha, freddo>, <freddo, mocha>}

1	$\exists y \forall x Rxy$	want $\forall x \exists y Rxy$
2	$\forall x Rxa$	
3	Rba	$\forall E$ 2
4	$\exists y Rby$	$\exists I$ 3
5	$\forall x \exists y Rxy$	$\forall I$ 4
6	$\forall x \exists y Rxy$	$\exists E$ 1, 2—5

Quick Reference

\mathcal{A}	$\neg\mathcal{A}$	\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$
T	F	T	T	T	T	T	T
T	F	T	F	F	T	F	F
F	T	F	T	F	T	T	F
F	T	F	F	F	F	T	T

\mathcal{A}	$\neg\mathcal{A}$	\mathcal{A}	\mathcal{B}	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$
1	0	1	1	1	1	1	1
1	0	1	0	0	1	0	0
0	1	0	1	0	1	1	0
0	1	0	0	0	0	1	1

Symbolization

SENTENTIAL CONNECTIVES (chapter 2)

It is not the case that P .	$\neg P$
Either P , or Q .	$(P \vee Q)$
Neither P , nor Q .	$\neg(P \vee Q)$ or $(\neg P \& \neg Q)$
Both P , and Q .	$(P \& Q)$
If P , then Q .	$(P \rightarrow Q)$
P only if Q .	$(P \rightarrow Q)$
P if and only if Q .	$(P \leftrightarrow Q)$
Unless P , Q . P unless Q .	$(P \vee Q)$

PREDICATES (chapter 4)

All F s are G s.	$\forall x(Fx \rightarrow Gx)$
Some F s are G s.	$\exists x(Fx \& Gx)$
Not all F s are G s.	$\neg\forall x(Fx \rightarrow Gx)$ or $\exists x(Fx \& \neg Gx)$
No F s are G s.	$\forall x(Fx \rightarrow \neg Gx)$ or $\neg\exists x(Fx \& Gx)$

IDENTITY (section 4.6)

Only j is G .	$\forall x(Gx \leftrightarrow x = j)$
Everything besides j is G .	$\forall x(x \neq j \rightarrow Gx)$
The F is G .	$\exists x(Fx \& \forall y(Fy \rightarrow x = y) \& Gx)$
‘The F is not G ’ can be translated two ways:	
It is not the case that the F is G . (wide)	$\neg\exists x(Fx \& \forall y(Fy \rightarrow x = y) \& Gx)$
The F is non- G . (narrow)	$\exists x(Fx \& \forall y(Fy \rightarrow x = y) \& \neg Gx)$

Using identity to symbolize quantities

There are at least _____ F s.

- one** $\exists xFx$
- two** $\exists x_1\exists x_2(Fx_1 \& Fx_2 \& x_1 \neq x_2)$
- three** $\exists x_1\exists x_2\exists x_3(Fx_1 \& Fx_2 \& Fx_3 \& x_1 \neq x_2 \& x_1 \neq x_3 \& x_2 \neq x_3)$
- four** $\exists x_1\exists x_2\exists x_3\exists x_4(Fx_1 \& Fx_2 \& Fx_3 \& Fx_4 \& x_1 \neq x_2 \& x_1 \neq x_3 \& x_1 \neq x_4 \& x_2 \neq x_3 \& x_2 \neq x_4 \& x_3 \neq x_4)$
- n** $\exists x_1 \cdots \exists x_n(Fx_1 \& \cdots \& Fx_n \& x_1 \neq x_2 \& \cdots \& x_{n-1} \neq x_n)$

There are at most _____ F s.

One way to say ‘at most n things are F ’ is to put a negation sign in front of one of the symbolizations above and say ‘at least $n+1$ things are F .’ Equivalently:

- one** $\forall x_1\forall x_2[(Fx_1 \& Fx_2) \rightarrow x_1 = x_2]$
- two** $\forall x_1\forall x_2\forall x_3[(Fx_1 \& Fx_2 \& Fx_3) \rightarrow (x_1 = x_2 \vee x_1 = x_3 \vee x_2 = x_3)]$
- three** $\forall x_1\forall x_2\forall x_3\forall x_4[(Fx_1 \& Fx_2 \& Fx_3 \& Fx_4) \rightarrow (x_1 = x_2 \vee x_1 = x_3 \vee x_1 = x_4 \vee x_2 = x_3 \vee x_2 = x_4 \vee x_3 = x_4)]$
- n** $\forall x_1 \cdots \forall x_{n+1}[(Fx_1 \& \cdots \& Fx_{n+1}) \rightarrow (x_1 = x_2 \vee \cdots \vee x_n = x_{n+1})]$

There are exactly _____ F s.

One way to say ‘exactly n things are F ’ is to conjoin two of the symbolizations above and say ‘at least n things are F ’ & ‘at most n things are F .’ The following equivalent formulae are shorter:

- zero** $\forall x\neg Fx$
- one** $\exists x[Fx \& \neg\exists y(Fy \& x \neq y)]$
- two** $\exists x_1\exists x_2[Fx_1 \& Fx_2 \& x_1 \neq x_2 \& \neg\exists y(Fy \& y \neq x_1 \& y \neq x_2)]$
- three** $\exists x_1\exists x_2\exists x_3[Fx_1 \& Fx_2 \& Fx_3 \& x_1 \neq x_2 \& x_1 \neq x_3 \& x_2 \neq x_3 \& \neg\exists y(Fy \& y \neq x_1 \& y \neq x_2 \& y \neq x_3)]$
- n** $\exists x_1 \cdots \exists x_n[Fx_1 \& \cdots \& Fx_n \& x_1 \neq x_2 \& \cdots \& x_{n-1} \neq x_n \& \neg\exists y(Fy \& y \neq x_1 \& \cdots \& y \neq x_n)]$

Specifying the size of the UD

Removing F from the symbolizations above produces sentences that talk about the size of the UD. For instance, ‘there are at least 2 things (in the UD)’ may be symbolized as $\exists x\exists y(x \neq y)$.

Sometimes it is easier to show something by providing proofs than it is by providing models. Sometimes it is the other way round.

	YES	NO
Is \mathcal{A} a tautology?	prove $\vdash \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} is false
Is \mathcal{A} a contradiction?	prove $\vdash \neg \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} is true
Is \mathcal{A} contingent?	give a model in which \mathcal{A} is true and another in which \mathcal{A} is false	prove $\vdash \mathcal{A}$ or $\vdash \neg \mathcal{A}$
Are \mathcal{A} and \mathcal{B} equivalent?	prove $\mathcal{A} \vdash \mathcal{B}$ and $\mathcal{B} \vdash \mathcal{A}$	give a model in which \mathcal{A} and \mathcal{B} have different truth values
Is the set \mathbb{A} consistent?	give a model in which all the sentences in \mathbb{A} are true	taking the sentences in \mathbb{A} , prove \mathcal{B} and $\neg \mathcal{B}$
Is the argument ' $\mathcal{P}, \therefore \mathcal{C}$ ' valid?	prove $\mathcal{P} \vdash \mathcal{C}$	give a model in which \mathcal{P} is true and \mathcal{C} is false

Basic Rules of Proof

REITERATION

m	\mathcal{A}	
	\mathcal{A}	R m

CONJUNCTION INTRODUCTION

m	\mathcal{A}	
n	\mathcal{B}	
	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	&I m, n

CONJUNCTION ELIMINATION

m	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	
	\mathcal{A}	&E m
m	$\mathcal{A} \& \mathcal{B}$	
	\mathcal{B}	&E m

DISJUNCTION INTRODUCTION

m	\mathcal{A}	
	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	\vee I m
m	\mathcal{A}	
	$\mathcal{B} \vee \mathcal{A}$	\vee I m

DISJUNCTION ELIMINATION

m	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	
n	$\neg \mathcal{B}$	
	\mathcal{A}	\vee E m, n
m	$\mathcal{A} \vee \mathcal{B}$	
n	$\neg \mathcal{A}$	
	\mathcal{B}	\vee E m, n

CONDITIONAL INTRODUCTION

m	\mathcal{A}	want \mathcal{B}
n	\mathcal{B}	
	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	\rightarrow I $m-n$

CONDITIONAL ELIMINATION

m	$\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}$	
n	\mathcal{A}	
	\mathcal{B}	\rightarrow E m, n

BICONDITIONAL INTRODUCTION

m	\mathcal{A}	want \mathcal{B}
n	\mathcal{B}	
p	\mathcal{B}	want \mathcal{A}
q	\mathcal{A}	
	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$	\leftrightarrow I $m-n, p-q$

BICONDITIONAL ELIMINATION

m	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$	
n	\mathcal{B}	
	\mathcal{A}	\leftrightarrow E m, n

m	$\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}$	
n	\mathcal{A}	
	\mathcal{B}	\leftrightarrow E m, n

NEGATION INTRODUCTION

m	\mathcal{A}	for reductio
$n-1$	\mathcal{B}	
n	$\neg \mathcal{B}$	
	$\neg \mathcal{A}$	\neg I $m-n$

NEGATION ELIMINATION

m	$\neg \mathcal{A}$	for reductio
$n-1$	\mathcal{B}	
n	$\neg \mathcal{B}$	
	\mathcal{A}	\neg E $m-n$

Quantifier Rules

EXISTENTIAL INTRODUCTION

$$\begin{array}{c|l} m & \mathcal{A}c \\ & \exists \chi \mathcal{A}\chi \quad \exists I \ m \end{array}$$

Note that χ may replace some or all occurrences of c in $\mathcal{A}c$.

EXISTENTIAL ELIMINATION

$$\begin{array}{c|l} m & \exists \chi \mathcal{A}\chi \\ n & \left| \begin{array}{l} \mathcal{A}c^* \\ \hline \mathcal{B} \end{array} \right. \\ p & \mathcal{B} \quad \exists E \ m, n-p \end{array}$$

* c must not appear in $\exists \chi \mathcal{A}\chi$, in \mathcal{B} , or in any undischarged assumption.

UNIVERSAL INTRODUCTION

$$\begin{array}{c|l} m & \mathcal{A}c^* \\ & \forall \chi \mathcal{A}\chi \quad \forall I \ m \end{array}$$

* c must not occur in any undischarged assumptions.

UNIVERSAL ELIMINATION

$$\begin{array}{c|l} m & \forall \chi \mathcal{A}\chi \\ & \mathcal{A}c \quad \forall E \ m \end{array}$$

Identity Rules

$$\begin{array}{c|l} & c = c \quad =I \\ m & c = d \\ n & \mathcal{A} \\ & \mathcal{A}c \odot d \quad =E \ m, n \end{array}$$

One constant may replace some or all occurrences of the other.

Derived Rules

DILEMMA

$$\begin{array}{c|l} m & \mathcal{A} \vee \mathcal{B} \\ n & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{C} \\ p & \mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C} \\ & \mathcal{C} \quad \text{DIL } m, n, p \end{array}$$

MODUS TOLLENS

$$\begin{array}{c|l} m & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B} \\ n & \neg \mathcal{B} \\ & \neg \mathcal{A} \quad \text{MT } m, n \end{array}$$

HYPOTHETICAL SYLLOGISM

$$\begin{array}{c|l} m & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B} \\ n & \mathcal{B} \rightarrow \mathcal{C} \\ & \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{C} \quad \text{HS } m, n \end{array}$$

Replacement Rules

COMMUTATIVITY (Comm)

$$\begin{aligned} (\mathcal{A} \& \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \& \mathcal{A}) \\ (\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \vee \mathcal{A}) \\ (\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B}) &\iff (\mathcal{B} \leftrightarrow \mathcal{A}) \end{aligned}$$

DEMORGAN (DeM)

$$\begin{aligned} \neg(\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\neg \mathcal{A} \& \neg \mathcal{B}) \\ \neg(\mathcal{A} \& \mathcal{B}) &\iff (\neg \mathcal{A} \vee \neg \mathcal{B}) \end{aligned}$$

DOUBLE NEGATION (DN)

$$\neg \neg \mathcal{A} \iff \mathcal{A}$$

MATERIAL CONDITIONAL (MC)

$$\begin{aligned} (\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) &\iff (\neg \mathcal{A} \vee \mathcal{B}) \\ (\mathcal{A} \vee \mathcal{B}) &\iff (\neg \mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) \end{aligned}$$

BICONDITIONAL EXCHANGE (\leftrightarrow ex)

$$[(\mathcal{A} \rightarrow \mathcal{B}) \& (\mathcal{B} \rightarrow \mathcal{A})] \iff (\mathcal{A} \leftrightarrow \mathcal{B})$$

QUANTIFIER NEGATION (QN)

$$\begin{aligned} \neg \forall \chi \mathcal{A} &\iff \exists \chi \neg \mathcal{A} \\ \neg \exists \chi \mathcal{A} &\iff \forall \chi \neg \mathcal{A} \end{aligned}$$

In the Introduction to his volume *Symbolic Logic*, Charles Lutwidge Dodson advised: “When you come to any passage you don’t understand, *read it again*: if you *still* don’t understand it, *read it again*: if you fail, even after *three* readings, very likely your brain is getting a little tired. In that case, put the book away, and take to other occupations, and next day, when you come to it fresh, you will very likely find that it is *quite* easy.”

The same might be said for this volume, although readers are forgiven if they take a break for snacks after *two* readings.

about the author:

P.D. Magnus is a professor of philosophy in Albany, New York. His primary research is in the philosophy of science.